«DL»-LITERÁRIO: PANORAMA DAS ARTES E DAS LETRAS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1971 N.º 17 478 ANO 51.º PREÇO 1$50

Tecidos de Malha
pelo CARLENE
Um produto da:
CARPÉLIO Malhas, s.a.r.l. - Trofa

O TROMPETISTA DIZZIE GILLESPIE anunciou que tenciona candidatar-se à presidência dos Estados Unidos. «Não vou candidatar-me apenas por brincadeira». — afirmou o famoso músico de «jazz». (Ler na página 15)

O TERREIRO DO PAÇO CONTRARIA A «ONDA VERDE»

— foi hoje afirmado na sessão pública da Câmara

O Terreiro do Paço torna impossível a instalação da «onda verde» nas avenidas 24 de Julho e Infante D. Henrique, pelo que as cláusulas relativas àquelas duas artérias já foram retiradas do contrato com a empresa instaladora — revelou o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, na sessão pública mensal realizada esta manhã.

O eng.º Santos e Castro, após fazer esta revelação na sequência de uma bem humorada intervenção do vereador Manuel Casimiro de Almeida (que disse perfilhar a opinião dos que chamam ao Terreiro do Paço o «Terreiro a Passo»), acrescentou que a Camara estuda, actualmente, a hipótese de instalar semáforos na zona do Cais do Sodré.

Segundo o eng.º Santos e Castro esses semáforos teriam a função de «retardar» o transito naquele local, para facilitar o escoamento nas «gargantas» do Terreiro do Paço.

«*O problema está posto — e resta aguardar*» — afirmou o presidente.

A recente inauguração do viaduto de Alcantara («maravilhosa iniciativa», no dizer do vereador Manuel Casimiro) foi largamente evocada nesta reunião, em que os problemas de transito acabaram por constituir a nota dominante.

A propósito das «zebras», cuja não oficialização o vereador atrás referido afirmou não compreender, o presidente Santos e Castro declarou ter conhecimento de que o próximo Código, cuja promulgação não deverá tardar, já inclui disposições sobre aqueles sinais de trânsito.

Influências

A sessão de hoje iniciou-se com uma breve «reflexão sobre temas conhecidos», em que o eng.º Santos e Castro aludiu ás influências que os particulares procuram mover junto da administração municipal «ao serviço do que nada tem que ver com o bem de todos e com a cidade».

«*Com desoladora frequência — e desoladora não significa enfraquecedora — tenho verificado ao longo destes dezassete meses — salvo raríssimas excepções — não se notarem neste plano distinções de classes sociais nem sequer, culturais. Pelo contrário, onde menos por vezes poderíamos esperar, mais ressalta, pela desproporção dos valores em cau-*

(Continua na última página)

SADAT VISITARÁ A ARÁBIA

BEIRUTE, 19 — (A. N. I.) — O presidente egípcio Anwar Sadat visitará a Arábia Saudita dentro de breve prazo, para conversações com o rei Faiçal — anuncia a agência noticiosa Médio Oriente.

Em círculos políticos crê-se que Sadat fará esta visita após a conferência em que participa com os chefes de Estado da Síria e da Líbia, a qual se espera termine amanhã em Damasco.

A CRISE MONETÁRIA INTERNACIONAL

REUNIÃO DECISIVA EM BRUXELAS PARA O MERCADO COMUM

BRUXELAS, 19 — (R.) — Os ministros das Finanças do Mercado Comum Europeu reunem-se hoje aqui para conversações que poderão ser decisivas para a actual crise monetária internacional e para o próprio futuro da Comunidade Económica Europeia.

Não foi estabelecida qualquer agenda de trabalhos para a reunião, que poderá prolongar-se por todo o dia e por toda a noite, uma vez que a França e a Alemanha defendem posições bastante diferentes.

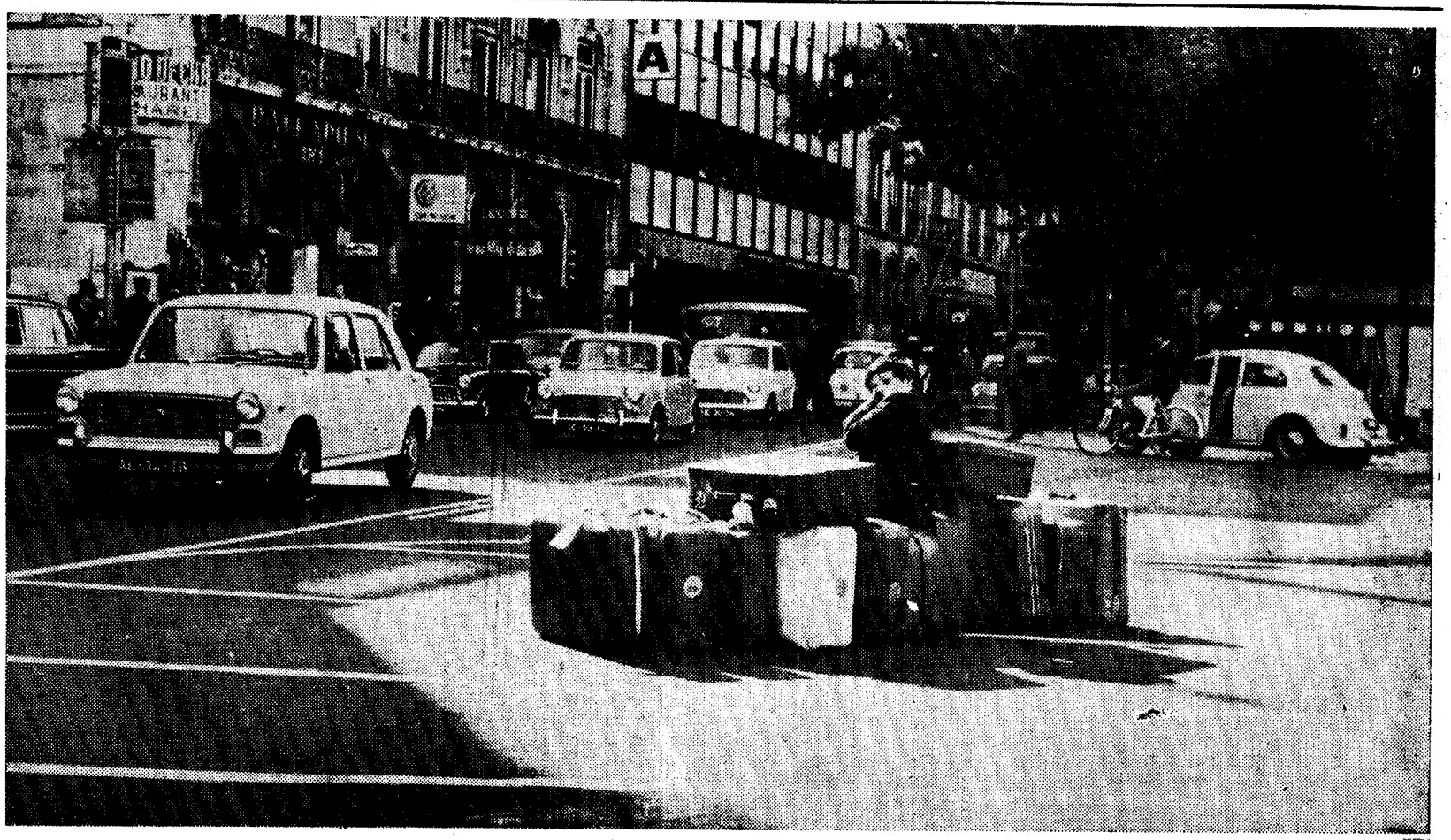
A França anunciou ontem á noite que não deixaria o franco flutuar ao sabor da

(Continua na 15.ª página)

Provável revalorização da moeda japonesa

(Ler na pág. 14)

HOJE 28 PAGINAS VISADO PELA CENSURA



Enquanto não chegava quem carregasse as malas dos turistas para o hotel, o «dono» era ele, ali em plena faixa de rodagem, nos Restauradores. Indiferente aos automóveis que passavam, autêntico «rei» no seu efémero trono — eis como o viu a máquina (indiscreta?) do nosso apressado repórter na sua deambulação matinal

DAQUI NÃO SAIO DAQUI NINGUÉM ME TIRA...

MORTE E VIDA SERRANA

UNHAIS DA SERRA, 19 — Entre recados e copos de vinho tem decorrido a existência de António Matias, mais conhecido por António Raça, um pobre homem de 37 anos muito conhecido aqui em Unhais. Pois o nosso Raça sentiu uma tentação e...

Foi com uma corda. Sucedeu, porém, que a mãe, sr.ª Laura Almeida, descobriu a tempo o projecto do filho, cortou a corda e salvou-o assim da morte mais que certa. Primeiro-socorros prestados pelo sr. Manuel Lopes, da G. N. R., e por um aluno de Medicina, sr. José Manuel de Almeida, e o Raça arribou. Já no hospital da Covilhã, acabou de recompor-se.

FESTAS E ROMARIAS

Em Leiria

LEIRIA, 19 — As Festas de Nossa Senhora da Encarnação, padroeira da cidade, que se venera em seu santuário com o escadório barroco num monte a nascente da cidade tiveram grande brilho. Houve sómente festividades religiosas e um pequeno arraial, abrilhantado por uma filarmónica.

À noite a procissão, que teve grande concorrência de fiéis, incluiu o estandarte da Camara Municipal e a Irmandade de Nossa Senhora da Encarnação. O rev.º cónego Carlos de Azevedo dirigiu o préstito religioso, seguindo á frente do andor, em representação do bispo da diocese, Foi o primeiro acto religioso a que assistiu, como vigário-geral da diocese, cargo para que foi recentemente nomeado.

Em Arganil

ARGANIL, 19 — Celebrou-se no famoso Santuário de Nossa Senhora do Mont'Alto, a festa em honra da padroeira desta vila.

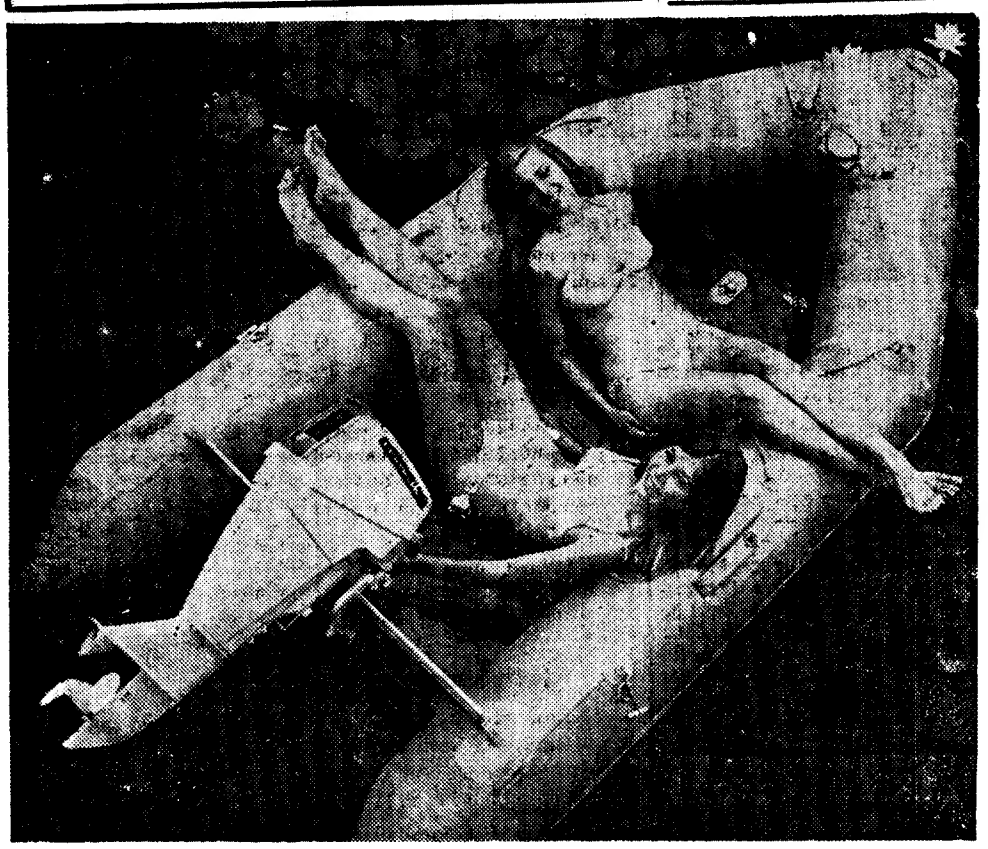
Este ano, a festa teve brilho e concorrência notáveis, graças á iniciativa do reitor rev.º José da Costa Saraiva, coadjuvado por uma comissão de arganilenses que foram incansáveis nos esforços para que tudo corresse bem.

Assim ressurgiu uma festa que de há muitos anos, estava em decadência, com grande pesar dos arganilenses.

No santuário encontraram-se milhares de pessoas, para assistirem ás cerimónias religiosas, confraternizarem e tomarem parte no arraial, com fogo preso. Colaborou um conjunto musical que actuou até de manhã. Foi um expressivo êxito.

Santa Maria Maior

GOIS, 19 — De 22 a 30 do corrente efectuam-se nesta vila os festejos em honra da padroeira Santa Maria Maior, revertendo o produto líquido para a assistência local.



Nesta imagem a beleza existe apenas nas flores, que se adivinham sobre as aguas e nas jovens que repousam sobre o barco. Este e o resto são produtos da tecnologia...

QUEM PERDEU O PORTA-MOEDAS?

Um oficial da G. N. R. achou num táxi um porta-moedas contendo 19$00 e algumas moedas estrangeiras e ultramarinas, o qual está depositado no quartel dos Lóios, para ser entregue a quem provar pertencer-lhe.

Acompanhado do eng.º Monteiro de Barros, presidente do Conselho de Administração da Icesa, o ministro sul-africano das Obras Publicas, dr. Barzillai Coetzee, entra no edifício da empresa

A FÁBRICA DA ICESA E EMPREENDIMENTOS EM CURSO FORAM VISITADOS PELO MINISTRO SUL-AFRICANO DAS OBRAS PÚBLICAS

O ministro das Obras Públicas da República da África do Sul, sr. dr. Barzillai Coetzee, acompanhado dos srs. A. Howard, secretário-geral daquele Ministério, e Beukis, adido á Embaixada do seu país em Lisboa, visitou, esta manhã, a Icesa — Indústrias de Construção e Empreendimentos S. A. R. L., na sequência de contactos estabelecidos pela Embaixada sul-africana.

Recebido no edifício da empresa, na Avenida da Liberdade, pelos srs. eng.º Monteiro de Barros, presidente do Conselho de Administração, dr. Quirino Mealha, vice-presidente, e eng.º Miguel Rezende, arquitecto Reaes Pinto e eng.º Raul Delerue, administradores, que lhe apresentaram cumprimentos, o sr. dr. Barzillai Coetzee começou por visitar interessadamente os Serviços Centrais ali instalados, após o que se dirigiu, acompanhado dos membros de Administração da Icesa, á Quinta do Morgado, á Encarnação, onde aquela empresa está a construir 1260 habitações, numa empreitada contratada com a Câmara Municipal de Lisboa.

Tendo-se juntado á comitiva o sr. eng.º Lemos Cardoso, adjunto da Direcção de Obras, aquele membro do Governo da África do Sul, depois de ter estado no estaleiro, observou o ritmo dos trabalhos que se realizavam em alguns imóveis em fase de montagem e visitou habitações já concluídas nos últimos pisos de uma das torres, seguindo, pouco depois, para a Póvoa de Santa Iria, a fim de visitar as instalações fabris. Manifestando o mais vivo interesse pelo processo de construção industrializada de que a Icesa foi a introdutora no nosso País o sr. dr. Barzillai Coetzee apreciou, em pormenorizada e atenta visita, em que foi acompanhado também pelo sr. eng.º Joaquim Palminha, adjunto da Direcção de Obras, as várias fases de fabrico dos elementos que, momentos antes, vira na Quinta do Morgado em montagem.

A visita prosseguiu depois em Santo António dos Cavaleiros, aglomerado habitacional da Icesa, que igualmente mereceu evidente interesse do ministro sul-africano. Os srs. agente-técnico de engenharia Campos Coelho, chefe do estaleiro, e arquitecto Rui Marchante, da direcção dos Serviços Comerciais, juntaram-se aí á comitiva que acompanhou, através de várias artérias e do Centro Comercial, bem como no «stand» de exposição, os ilustres visitantes, a quem no final foi oferecido um beberete pela Administração da Icesa.

Em igualdade caixeiros e caixeiras no novo contrato de trabalho firmado pelo sindicato de Leiria

LEIRIA, 19 — Em concorrida reunião no Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria, orientada pelo sr. João de Almeida Fernandes, presidente do sindicato, foram por esse dirigente dados esclarecimentos sobre o contrato colectivo de trabalho estabelecido com o respectivo grémio, o qual vai ser submetido à homologação pelo Ministério das Corporações, para entrar, ao que se espera, em vigor nos próximos meses. Foi obra do referido dirigente sindical e interessa a cerca de 3000 sindicalizados.

Foi estabelecido diálogo sobre a arbitragem e cláusulas que houve a acordar entre as partes. O contrato em vigor datava de 1964, e houve que reformá-lo e integrá-lo em perspectivas modernas, o que levou muito tempo de preparação, fundamentação e estudo de legislação.

Categorias e vencimentos

Segundo o documento agora firmado, não há distinção entre o caixeiro e a caixeira, e quanto a remuneração haverá sómente dois grupos (no anterior contrato havia três), cujos vencimentos são: *Grupo 1.º* — primeiro-caixeiro ou caixeiro-viajante, 4000$00. *Segundo* (nos 1.º 5 anos esc. 3200$00, depois dos 5, 3650$). *Terceiro*, nos 1.º 5 anos esc. 2600$00; com mais de 5 anos, 2950$00; Caixeiro-ajudante: no 1.º ano, 1600$00, no 2.º, 1800$00 e no 3.º 2000$00; caixa, 1800$00 (sempre fixo); praticantes — com 4 anos, 1350$00; com 3, 1150$00, com 2 anos 900$00 (no 1.º ano 750$00); servente — (nesta categoria mantém-se a diferenciação de sexo), masculino 1850$00, feminino, 1250$. *Grupo 2.º* — primeiro-caixeiro ou caixeiro-viajante esc. 3700$00; 2.º, com menos de 5 anos 3100$00; com mais de 5 anos 3450$00; 3.º, com menos de 5 anos 2400$00; com mais de 5 anos, 2750$00; caixeiro-ajudante, primeiro ano 1100$00; segundo ano, 1700$; terceiro ano, 1900$00; caixa, 1700$00; praticantes, com 4 anos 1250$00; com 3 anos, 1050$00; com 2 anos, 850$; no primeiro ano 700$00; serventes — masculino 1750$00, feminino, 1150$00.

Para os primeiros-caixeiros que não podem lógicamente, com os anos, subir todos a gerentes, foi previsto um regime de diuturnidade. Na data em que entrar o contrato em vigor, os caixeiros ou caixeiros-viajantes serão promovidos à categoria superior, quando tenham já o tempo necessário para tal, pois, neste capítulo, o contrato tem efeito retroactivo.

Durante a reunião, foi, ainda, debatido o problema de férias, da previdência, etc., e informado que ainda há outras categorias de caixeiros, mas que seria longo mencionar. O presidente fez, depois, um apelo para que o Sindicato dos Caixeiros de Leiria constituísse uma força actuante, unida, colaborante, com as leis e a política do País, acrescentando que, para isso, será necessário uma assistência mais larga às reuniões e um interesse pela vida do Sindicato.

É EM SETEMBRO A FEIRA DE RIO MAIOR

RIO MAIOR, 19 — O chefe do distrito de Santarém inaugurará, no dia 1 de Setembro, a tradicional feira anual, que estará patente até ao dia 5. Simultâneamente, no salão nobre dos Paços do Concelho, estará aberta ao público uma exposição de pintura.

No dia 4, realiza-se um espectáculo em que será eleita «Miss Rio Maior». E no dia 5 disputar-se-á o Circuito Ciclista do Rio Maior.

VIETNAM DO SUL

THIEU: «GOLPES DE ESTADO JÁ NÃO SÃO POSSÍVEIS»

SAIGÃO — O Presidente Nguyen Van Thieu está convencido não só de que o General Duong Van (Big) Minh tenciona prosseguir na corrida para a presidência, mas também de que ele conseguirá reunir, pelo menos, 45 por cento do total dos votos.

Talvez por esta razão, Thieu não partilha da convicção dos Estados Unidos de que será reeleito por falta de oponente.

Estas revelações sobre o modo de pensar do Presidente foram recentemente feitas por um dos seus mais próximos colaboradores, numa entrevista restrita, concedida a cinco jornalistas estrangeiros.

Esta fonte, membro bem informado da equipa íntima do Presidente, prosseguiu divulgando o que declarou serem os pontos de vista de Thieu sobre uma dúzia de assuntos, desde o Vice-Presidente Nguyen Cao Ky ao futuro do auxílio americano ao Vietnam do Sul.

Segundo ele, o Presidente pensa que a eleição será extremamente difícil. Thieu afirma, está convencido de que Minh se revelará um candidato muito forte, não em virtude de quaisquer qualidades pessoais mas sim por causa da mística que o rodeia como *leader* do golpe de estado de 1963 contra o Presidente Ngo Dinh Diem.

Em vez de correr o risco de perder esta valiosa aura aventurando-se numa campanha em público, Minh, pensa Thieu, não se afastará da sua elegante moradia de Saigão até às eleições de 3 de Outubro e tornará conhecidos os seus pontos de vista através de comunicados.

Se Minh acabar por se retirar, prosseguiu o colaborador de Thieu, o facto não fará qualquer diferença para o Presidente. «Disse que gostaria de continuar como Presidente», esclareceu. «Não que tinha a pretensão de se candidatar ao lugar».

Relativamente a outros assuntos, a mesma fonte revelou que o Presidente estava desapontado pelo facto de o Vietnam do Sul não ir obter mais «maquinaria moderna» dos Estados Unidos, que lhe permita prosseguir a guerra depois da retirada das tropas americanas.

«Gostaríamos de receber «Phantoms» (caças-bombardeiros F-4), disse. «Mas é evidente que os não vamos conseguir. O mesmo acontece com as canhoneiras».

Observou que a força aérea sul-vietnamita deve receber mais caças a jacto «Freedom» F-5 para aumentar a única esquadrilha que actualmente possui.

Segundo ele, estes aviões seriam úteis. Mas, a menos que os Estados Unidos continuem a assegurar cobertura aérea, o Vietnam do Sul será incapaz de se proteger a si próprio de futuro, caso Hanoi envie «Migs-23» de fabrico russo para o Sul através da zona desmilitarizada.

A maior preocupação do palácio presidencial, actualmente, revelou a referida fonte, não é a política nem a situação militar, mas a diplomacia mundial em que estão implicados os Estados Unidos e a China.

«Sessenta e seis por cento das nossas preocupações são extraterritoriais», disse. «Temos receio de que Washington e Pequim arrangem qualquer coisa. E nós ficaremos para trás».

Thieu não pensa poder influenciar os Estados Unidos em quaisquer negociações que se desenrolem com Pequim, mas espera apenas que o mantenham ao corrente da situação.

Por PETER A. JAY

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

Crê que a carreira política do Vice-Presidente Ky está acabada, embora o Supremo Tribunal tenha ainda de pronunciar-se sobre o facto de Ky não preencher os requisitos necessários para se candidatar ás eleições.

Mas, contrariamente à convicção popular, disse, Thieu não fará qualquer tentativa para exilar Ky depois da eleição.

«Provàvelmente, permanecerá no país e tentará tornar-se *leader* da oposição» disse ainda a mesma fonte.

Rejeitou vigorosamente os rumores que correm actualmente em Saigão segundo os quais as forças da oposição leais a Ky poderiam estar a planear uma tentativa de golpes de estado, antes ou depois da eleição. «Os golpes de estado eram possíveis no princípio dos anos 60», disse, «mas isso acabou».

Até à eleição, declarou o colaborador de Thieu, é pouco provável que o Presidente altere as suas tácticas actuais ou a sua retórica. Espera proferir acerca de dois discursos por semana e fazer visitas ocasionais à província.

Van Thieu, um candidato optimista

A terminar, revelou que não se espera agora qualquer esforço militar de vulto por parte dos vietnamitas do Norte até às eleições americanas de 1972, e, provàvelmente, até princípios de 1973.

NOTA DIÁRIA

O VENTO E A VELA

MUITA GENTE VIU em jornais portugueses o extracto de um artigo de «The Irish Catholic», de Dublin, relativo ao método de trabalho que pretende atribuir ao Chefe do Governo português e que seria, se fosse, assim uma espécie ou de quem quer vai, quem não quer manda. Diz assim: «Marcello Caetano não é estadista que deixe a elaboração dos decretos aos burocratas. Acredita na governação pelo método directo e é por isso que viaja tanto em Portugal, mantendo-se em pleno contacto com o povo e apreendendo com ele as condições e os problemas locais». Não sabemos ao certo o que é que o jornalista irlandês pensa do que seja a governação no seu próprio país, mas o seu conceito de governação em sentido amplo não deixa de reflectir uma saborosa ingenuidade.

Não nos deixemos iludir com tais imagens de simplismo. A elaboração legislativa não é coisa tão fácil quanto os estrategos de café pensam que é fácil ganhar batalhas. No tempo da guerra, quantos de nós ouvimos os vagidos de decepção daqueles que não percebiam porque é que o Churchill não fazia ou não acontecia, porque é que o Patton se ficou com os seus tanques a meio caminho e não investiu imediatamente sobre Berlim, porque é que o Montgomery não manobrava no deserto ou o Nimitz nos oceanos como eles estavam mesmo a ver que era a solução imediata e decisiva. Coisa de se meter pelos olhos dentro, parecia impossível. Como nos parecem fáceis as tarefas dos outros e como nos parece fácil tudo aquilo que só conhecemos pela rama!

Quem tem de legislar tem naturalmente de conhecer os problemas. Mas fazer a lei é precisamente o passar do problema para a solução, da teoria para a prática, é ver se o pensamento abstracto se harmoniza com o concreto da realidade a que se destina. Logo, torna-se necessário não só o estudo de gabinete mas também o trabalho de campo, ver a cor das coisas e das pessoas, tactear o mundo cujos movimentos se pretende regular. E nisso estabeleceu o actual presidente do Conselho um estilo de acção evidentemente util e louvável, no sentido de encurtar as distancias entre a população e a administração, o povo e o Governo. Quebra-se a torre de marfim e as pessoas têm um pouco a impressão de que o Terreiro do Paço lhes fica mais á mão.

Mas são duas funções distintas, embora esteja cada vez mais a encurtar-se a distancia que as separava e que por isso mesmo tinha feito sentir como lógica a distinção entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, na medida em que as funções deste ultimo estão a ser cada vez mais absorvidas por aquele. A actividade do Executivo, a aplicação da lei, a administração, a acção, reclama evidentemente o contacto estreito com as pessoas sem ser pelo método de guiché, onde a maior parte das vezes não sabem ou não querem ou não podem dizer-nos mais do que isso não é com eles, é com o chefe e que o chefe não está. De contrário tudo acontece ás cegas, na ignorancia obstinada de absurdos contra os quais nenhuma rotina pode seja o que for.

O contacto com as realidades é, pois, um passo essencial tanto para quem tenha de intervir na gestação das leis como para quem tenha de se ocupar da sua aplicação, duas coisas distintas que não devem viver cada uma delas na ignorancia da outra. Certamente, há situações a que não é possível acudir por falta de instrumento legal adequado. Mas não nos deixemos iludir exageradamente com a convicção de que a simples publicação de uma providência no «Diário do Governo» é o abre-te Césamo para resolver todas as complicações. Pelo contrário, algumas vezes é a sepultura onde vão apodrecer muitas ilusões. Porque não basta fazer as leis, é preciso dispor de meios para as fazer executar e disso nem sempre foi possível curar a tempo. A velha barca, para navegar, não lhe basta correr o vento, precisa que se lhe desfralde a vela.

SONEFE

Electrificação do Distrito de Cuanza Sul

(PROVÍNCIA DE ANGOLA)

PRÉ-QUALIFICAÇÃO DE CONCORRENTES À EXECUÇÃO DE LINHAS DE TRANSPORTE DE ALTA TENSÃO E DUMA SUBESTAÇÃO

Previnem-se as firmas e consócios interessados de que, a partir de Outubro p. f., será lançada uma consulta limitada para a adjudicação global da elaboração dos projectos definitivos e da execução de todos os fornecimentos e montagens implicados pela construção de cerca de 350 km de linhas de alta tensão, bem como duma subestação.

Para efeitos de qualificação prévia dos concorrentes a consultar, serão recebidas na SONEFE, Rua José Estêvão, 83-E-6.º andar, até ao dia 30 de Setembro p. f., as inscrições dos interessados que se considerem habilitados para a realização dos referidos trabalhos, os quais deverão juntar os documentos que permitam avaliar das suas capacidades técnica e financeira.

Salienta-se, desde já, que entre as condições de preferência da consulta a lançar se incluirá a da incorporação de maior percentagem de materiais, equipamentos, serviços e mão-de-obra nacionais.

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se publico que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o concurso publico seguinte:

Concurso N.º	Aquisição de	Caução provisória	Abertura de propostas	
			Data	Hora
4/71	AUTOCLAVES	5 000$00	7-9-71	15.00 horas

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nos Serviços de Aprovisionamento todos os dias uteis das 9.30 ás 12.30 e das 14 ás 17.30 horas e aos sábados das 9.30 horas ás 13 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 16 horas do dia 6 de Setembro de 1971, nos referidos Serviços.

Coimbra, 16 de Agosto de 1971.

O PROVEDOR,

Dr. Mário Miguel Gândara Norton

Sheela Munro

(a cançonetista inglesa que actua no Casino Estoril)

é descendente de um português

Jovem e bela — «a complete woman» como lhe chamam os jornalistas britânicos — a cançonetista SHEELA MUNRO está a obter, no CASINO ESTORIL, um êxito que está de acordo com a sua real categoria, comprovada aliás em actuações nos principais centros de «music-hall» de todo o Mundo. Mas, para lá do incontestável valor artístico de SHEELA MUNRO, a sua presença no Estoril tem, para nós, um outro motivo de agrado: a famosa cançonetista inglesa é filha de um português. Exactamente. SHEELA nasceu na ilha Seychelles (Oceano Índico) do casamento de uma nativa com o português José Chaves, que veio a falecer quando a filha tinha 12 anos e com ele vivia em Mombaça. Só então ela foi para Inglaterra, onde começou a sua carreira artística. SHEELA MUNRO (que podemos considerar quase como nossa compatriota) actua todas as noites nos espectáculos do CASINO ESTORIL, os quais principiam às 23 e 30 no Grande Salão Restaurante (maiores de 14 anos) e à 1 hora no Wonder Bar (maiores de 21 anos). Com ela actuam, também, a famosa atracção mundial YONG BROS, a artista portuguesa LÍDIA RIBEIRO e o famoso conjunto coreográfico BLUEBEEL GIRLS. O espectáculo do Wonder Bar é, ainda, enriquecido com a presença da escultural VIRGINIE ELYSÉES.

O ZIP LANÇA T. REX E JOSÉ BARATA MOURA

O Zip, na difícil luta das etiquetas, vai fazendo o que pode (e por vezes o que não deve) para manter no mercado discográfico português uma posição que, apesar de assegurada, só muito precàriamente se manterá.

As casas editoras de discos aceleram os seus processos de produção-promoção e quem ficar para trás vai ter pouco para contar.

Agora para alegrar o Verão dos seus habituais consumidores o Zip lançou um primeiro lugar do «Top». Trata-se de «Get ✱ on», do agrupamento T. Rex, que grava para etiqueta Fly.

Portanto, em Portugal um novo disco dum grupo pouco representativo, que por isso mesmo vale a pena ser ouvido.

Entretanto está previsto para breve o lançamento dum «single» de José Barata Moura.

VIDA MUSICAL

Uma figura nova (Raul Sánchez) nos X Cursos Musicais da Costa do Sol

Começam oficialmente, na próxima segunda-feira os X Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol, promovidos pela respectiva Junta de Turismo com o habitual patrocínio da S. E. I. T. e da Fundação Gulbenkian, e cujo início prático foi no dia 4, quando Maurice Eisenberg recebeu os seus alunos de violoncelo.

Mestres de renome internacional compõem o corpo docente. Alguns já são nossos conhecidos, pois lecionaram nos anos anteriores, nomeadamente David Epstein, Ivonne Lefévre, Maurice Eisenberg, da Julliard School, Helena Costa, do Conservatório do Porto, Paul Schilhawsky, da Academia Mozarteum, de Salzburg, e Sandor Végh, violinista famoso e professor em Zurique.

Este ano virá pela primeira vez Raul Sanchez, actualmente professor de guitarra no Conservatório de Montreux. Nasceu em Montevideu e fez os seus estudos com André Segóvia. Solista com numerosas orquestras, obteve três bolsas para o curso de guitarra, dado por Segóvia, em 1953, 1954 e 1955 na Academia Chigana. Em 1969 pertenceu ao juri do Concurso Internacional de Guitarra, promovido pela O. R. T. F. (Radiodifusão e Televisão Francesa).

Concurso Maurice Eisenberg

De 1 a 7 de Setembro realizar-se-á, dentro do mesmo programa de actividades musicais da Junta de Turismo da Costa do Sol, o III Concurso Internacional Maurice Eisenberg (violoncelo). Trata-se de uma merecida homenagem ao professor que tem acompanhado os Cursos da Costa do Sol desde a sua fundação. Colaborador de Pablo Casals e actualmente leccionando na célebre Julliard School, Eisenberg foi condecorado no ano passado pela Violoncelo Society. Em 1953 fundou o International Cello Center, em Londres. É autor do «Cello Playing of Today».

Os prémios do concurso internacional serão, respectivamente, de 20 000$, 15 000$ e 10 000$ para o primeiro, segundo e terceiro classificados.

SÃO JORGE PROGRAMA RANK

FINALMENTE!

HOJE ESTREIA, ÀS 21.30

O FILME QUE APAIXONOU O MUNDO INTEIRO!

IRRESISTÍVEL! ALEGRE! PICANTE! SATÍRICO!

MELINA MERCOURI

GRANDE PRÉMIO DE CANNES

Grupo D 18 anos

NUNCA AO DOMINGO

REALIZADOR JULES DASSIN

'Never On Sunday'

OSCAR PARA A MELHOR CANÇÃO!

United Artists

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª

RUA DO CARMO

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS TEL 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

IVONE princesse de Bourgogne

de WITOLD GOMBROWICZ

HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 22 HORAS

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol

Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

M/18

NAZARÉ

DOMINGO 22 de Agosto

Às 17 h. (M. 6 anos)

EXTRAORDINÁRIA CORRIDA DE TOIROS

CAVALEIROS

GUSTAVO ZENKL e FERNANDO A. SALGUEIRO

MATADORES

JOSÉ JÚLIO — triunfador em todas as praças do País.

PEPE LUIS DIEZ — fino toureiro Espanhol

O FAMOSO GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE LISBOA DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO

8 PODEROSOS TOIROS

DA SOCIEDADE AGRÍCOLA VAL DO SADO

I VERÃO INTERNACIONAL DE BAILADO

HOJE

COLISEU DOS RECREIOS

21,30

ANDAHAZY BALLET

e

10 SOLISTAS

O Lago dos Cisnes (II Acto), Divertimento 1, Scheherazade

PREÇOS POPULARES

No Coliseu do Porto nos dias 22 e 23

Espectáculo do Grupo A / 6 anos

PASSAPORTES

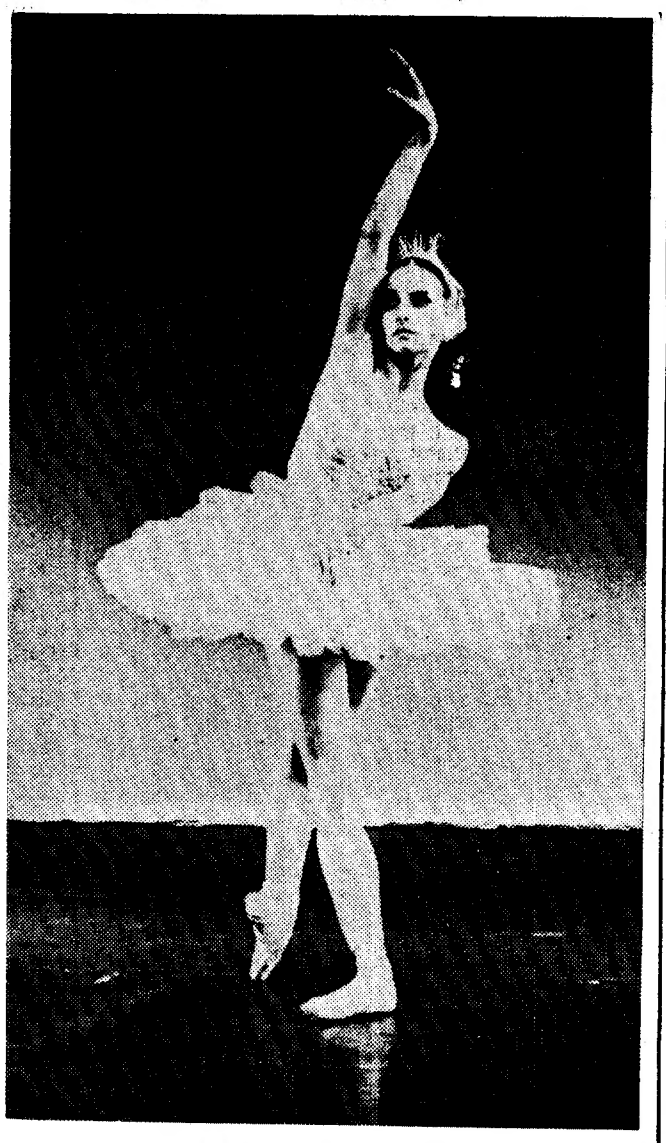
WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C — Lisboa — Tel. 42185

Rua Caminhos de Ferro, n.º 62 - C — Lisboa — Tel. 868588

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

Em CORUCHE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.



O «Andahazy Ballet» apresenta-se hoje, às 19 e 30, no Coliseu dos Recreios, depois dos êxitos conseguidos em Sintra. No elenco sobressaem Anna Marie Holmes (que vemos na gravura), David Holmes, Menia Martinez, Dianna Richards, Helen Starr, Keith Martin, Voitek Lowsky, Barry Magrath, Lorenzo Moureal e o português Jorge Salavisa. Outros espectáculos estão marcados para amanhã e sexta-feira, à mesma hora, além de uma primeira «matinée» às 18 e 30 na sexta-feira, especialmente dedicada à juventude

PARA ILUSTRAÇÃO DOS LEITORES

Uma carta do encenador Leandro Vale com resposta de Carlos Porto

Do sr. Leandro Vale, produtor, locutor radiofónico e encenador teatral, recebemos a seguinte carta que, com a concordancia do nosso prezado crítico teatral Carlos Porto, passamos a transcrever:

«Cumpre-me escrever estas linhas, as quais teria todo o interesse que fossem publicadas no jornal que V. Ex.ª dirige.

Elas dizem respeito a uma pseudo-crítica (não se poderá chamar crítica a um ataque pessoal que transparece ao longo das linhas escritas) ao espectáculo «A Forja», encenada por mim para a Escola Dramática e Musical Valboense.

A má intenção do crítico (???) sr. Carlos Porto está á vista de toda a gente. Ou então teria de dar outro nome ás suas palavras, recomendando-lhe uns óculos bem fortes para poder ver toda a verdade existente num espectáculo que ele não soube compreender, porque talvez para isso não tenha capacidade.

Custa muito ver um dos mais conceituados jornais portugueses entregar as suas críticas teatrais a um individuo que age por simpatias, menosprezando tudo o que de bom possa ser analisado.

E agora passemos nós a analisar a crítica (???) do sr. Carlos Porto.

1.º) Não sabemos que género de teatro deve ter visto ultimamente, para fazer tal afirmação, como a que começa a sua crítica (???). Ou então 2.º) Aquilo a que se refere acerca do ofensivo que possa haver para a memória de Redol é de tal modo trágico que aconselhamos a que ninguém o leia a si, sr. Carlos Porto, depois de morto.

Isso também pouca importancia terá, visto que muito pouca gente o lê em vida.

3.º) Por que razão só pegou na total falta de audição dos meus actores? Acaso os dos outros grupos, daqueles de quem disse bem, também se ouviam totalmente numa sala de acustica razoável? Apenas poderá estar certo no caso da «Mãe», que, com graves problemas de garganta, esteve até minutos antes de começar o espectáculo sem saber se poderia representar.

4.º) Quanto aos problemas de luz, tudo é intencional. Desde o vermelho e verde, que a sua fraca imaginação não conseguiu atingir, até á tal obscuridade necessária á temática da peça. É necessário até que as personagens sejam sombras passeando por uma acção onde apenas existem duas soluções: a morte ou a fuga. A título puramente de informação aconselhamo-lo a ler melhor a obra de Redol.

5.º) Diz o crítico (???) Carlos Porto que a marcação tinha tanto de pretensiosa como de arbitrária e disparatada... Simplesmente não consegue apontar um unico erro nela existente. É muito fácil fazer afirmações gratuitas.

6.º) A tal janela a que se refere a crítica (???) do sr. Carlos Porto tem realmente a intenção que nela viu. É precisamente por isso que eu jogo lá constantemente as personagens. E até o pai... Sim, o pai. Que na sua opressão vê estupidamente a liberdade que nunca teve e que sempre pensou ter para aqueles que vivem debaixo do seu tecto. Até para os tiranos a palavra liberdade é coisa ambiciosa.

7.º) Está muito enganado o crítico (???) Carlos Porto no que respeita a «*as personagens andarem por aqui e por ali, entrarem e saírem por onde calhava*». Se estivesse um pouco mais atento ao espectáculo verificaria que a coisa não é assim. Existe uma marcação esquemática, sim, mas com locais determinados para entradas e saídas, sempre bem localizados. A não ser que a falta de visão do sr. Carlos Porto necessitasse de ter escritas em letras bem grandes essas entradas e saídas, assim como os locais que as determinavam.

8.º) «*Uma das personagens falava pela janela para uma outra que tinha saído por outro lado*». Pois que queria o senhor? Se naturalmente a personagem saiu pela porta, se existe uma janela que dá para a rua, se há um tempo de representação, é perfeitamente natural que essa personagem fale da janela para a outra que está na rua.

9.º) Essa do candeeiro apagado nem parece ser sua, senhor crítico credenciado (???). Por essa ordem de ideias também teria que fazer referências ás tijelas não terem sopa, ás garrafas não terem vinho nem aguardente, a não existir um bebé verdadeiro, nem sequer um boneco que o marcasse. Ora o senhor, que até vai em teatro de vanguarda — irá? —, por que razão se há-de preocupar com naturalismos? Francamente...

10.º) A «Morte» não aparece quando apetece ao encenador. Aparece na altura exacta tudo aquilo que tem criticado não é inteiramente feito por si, o que também pode muito bem acontecer.

que mais interessa ao texto de Redol. Para que é que havia de aparecer num 2.º acto onde tudo é simbólico e onde não tem diálogo? A sua falta de ver — recomendamos novamente a que leia com atenção a peça — vai ao ponto de não compreender que a morte é a coisa mais bela que existe dentro de «A Forja». Ela é exactamente a figura central de um drama que quase acabou por levar todas as personagens.

11.º) E muito mais haveria a dizer, o que pode ficar para um encontro pessoal. Mas como a conversa vai longa, acabo apenas com as palavras que

(Continua na página seguinte)

AQUI E EM TODA A PARTE

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

EM APLICAR OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO APARTAMENTOS MOBILADOS

PREÇOS E LOCAIS

REBOLEIRA — AMADORA

Apartamentos	mobilados	desde	140	contos
Andares 3	div.	ass.	300	»
» 4	»	»	370	»
» 5	»	»	420	»

PAÇO DE ARCOS

Apartamentos	mobilados	desde	170	contos
Andares 3	div.	ass.	370	»
» 4	»	»	410	»
» 5	»	»	480	»
» 6	»	»	520	»

CASCAIS

Apartamentos	mobilados	desde	300	contos
Andares 3	div.	ass.	550	»
» 4	»	»	700	»
» 6	»	»	1100	»

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal, 15-Telfs. 45843-47843-Lisboa

JP2D

SAIU HOJE

motor

NESTE NÚMERO

- TONY FALL E WALDEGAARD TREINAM O «TAP»
- RAMPA DA SENHORA DA GRAÇA (MARIA DO CÉU)
- CORSMIT FALA A «MOTOR» (NUNO COUTINHO)
- AS 6 HORAS DE NOVA LISBOA (CARLOS BLANCO)
- RALLYE DE LAS RIAS BAJAS
- GRANDE PRÉMIO DA AUSTRIA
- UM NOVO CIRCUITO DE MÓNACO?
- JÁ ESTAMOS A ESCOLHER O AUTOMÓVEL DO FUTURO
- RENAULT 17: O COUPÉ DA «RÉGIE»
- PÁGINA DE KARTING (HERLANDER GARCIA)
- MOTONÁUTICA: GRANDE PRÉMIO DA PRAIA DA ROCHA (JOSÉ PINTO)
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

motor ensaio

TOYOTA OSAKA

(PHILIPPE TOUSSAINT)

DATSUN 240 Z

(AVELAS COELHO)

PREÇO: 2$50

C. M. L. ESTUFA FRIA

HOJE, AS 21.30 HORAS

BATON

De Alfredo Cortês

PELA COMPANHIA DE TEATRO POPULAR

Empresa Augusto de Figueiredo

Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana

Com: Madalena Sotto; Adelina Campos; Leonor Poeira; Vladimiro Franklim e Duarte Nuno e a colaboração especial de Adelaide João; Elvira Pais; Júlia Chaves; Carmen Judith; Maria João Galope; Igor Sampayo e Eduardo Sabrosa

Bilhetes a 10$00, 15$00 e 20$00, à venda na P. Restauradores das 18 às 20 h. e na Estufa Fria depois das 21 h.

Grupo D — 18 anos

O REGRESSO DE «UM VELHO SENHOR»

«SIR» MICHAEL REDGRAVE VOLTA AO PALCO NO MEIO DE UMA TEMPESTADE

Michael Redgrave, um «Sir» que faz (e como!) teatro

«Sir» Michael Redgrave, um dos mais prestigiosos e afamados actores do último quarto de século britânico, regressou ao palco depois de um interregno de vários anos. O seu regresso verificou-se em condições injustas quer para ele quer para outras pessoas. A peça em que ele reapareceu é a «The Old Boys», de William Trevor, em cena no Mermaid Theater. O incidente, felizmente aligeirado por algumas circunstâncias felizes, mostra, a necessidade de se criar um maior grau de organização e de cooperação nos teatros de Londres. Maior pelo menos do que o já existente.

Harold Fielding, um dos mais eminentes produtores londrinos (apesar de ser lanque) de espectáculos musicais, anunciara há alguns meses que 29 de Julho seria a data da estreia de «Showboat», um «musical» no palco do Adelphi Theater, de Charing Cross. Fielding informou a seu tempo a Society dos Produtores do West End da sua decisão, comunicando-lhes definitivamente aquela data, recebendo em resposta uma nota em que se dizia estar tudo OK: não havia qualquer outra estreia para essa data.

Foi por isso que diversos círculos exprimiram consternação quando muito mais tarde «sir» Bernard Miles informou a Imprensa que 29 de Julho tinha sido a data escolhida desde 2 de Abril, para a «première» de «The Old Boys». Miles acrescentou que se esquecera de comunicar a data à Sociedade dos Produtores do West End. Ele acrescentou ainda que não podia convidar os críticos para a antestreia de 28 porque a lotação dessa sessão se encontrava totalmente esgotada. A sugestão de se adiar a estreia para o dia 30, uma sexta-feira, foi recusada por «sir» Miles, que alegou que a crítica à peça seria «dispersa e espasmódica», por não haver jornais ao domingo.

JOAQUIM LETRIA
ESCREVE DE LONDRES

Fielding encontrava-se nessa altura numa posição difícil. Ele portara-se sempre impecávelmente e tinha, sem dúvida o direito de ver a data por ele proposta não ser agitada por uma concorrência tão forte como a que representava o regresso ao palco de uma figura tão prestigiosa como «sir» Michael Redgrave. Ele tinha preparado com extremo cuidado a apresentação de «Showboat», em que entram extremamente bons cantores como Thomas Carey, do Convent Garden, e o cantor de «blues» Cleo Laine, tendo despendido nesta produção milhares de libras. Fielding fez depois uma «ginástica» incrível para arranjar lugares para a crítica, pedindo a seus amigos que cedessem os bilhetes que já enviara. Mas mereceu a pena. O resultado foi fascinante. «Showboat» mereceu críticas e notícias de verdadeiro entusiasmo. Há anos que uma peça musicada não era tão calorosamente recebida em Londres. A encenação, os bailados, as canções e o guarda-roupa foram recebidos com superlativos ribombantes.

Crítica ressentido

A crítica foi ver «The Old Boys» com uma pedra no sapato. Ferida no seu orgulho por não ter tido lugares na antestreia. E os peritos de teatro londrinos escreveram com raiva no coração acerca do regresso de «sir» Michael, tendo-se mostrado atentos às menores hesitações e falhas do grande actor.

Não vimos a peça senão agora. Mas o que vimos foi uma das mais finas e perfeitas representações de «sir» Michael Redgrave, em toda a sua carreira. Só um grande actor como ele poderia representar aquela cena final, um longo e lento monólogo, em que surge como um velho derrotado falando dos seus desapontamentos com tocante convicção e impressionante sobriedade. Ele foi, afinal, a grande vítima de um incidente em que não participou.

«The Old Boys», de William Trevor, conta-nos a história de um velho, cuja grande ambição era ser eleito presidente da associação dos antigos alunos da sua escola. Mas que acaba por ser derrotado por um condiscípulo que foi seu adversário durante mais de 40 anos.

Do choque das infelizes circunstâncias que rodearam a estreia destas duas produções, resultou, sem a menor dúvida, o estímulo que Fielding merece para o seu «Showboat»; mas a mais imerecida injustiça que a Imprensa britânica poderia fazer a um grande do teatro: «sir» Michael Redgrave, um actor extraordinário e pai de uma grande actriz — Vanessa Redgrave.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CONCELHO DE CASCAIS

AVISO

Avisam-se os senhores consumidores de que para concessão de férias ao pessoal do Serviço de Leituras e Cobranças não será efectuada a leitura dos contadores no mês de Setembro do corrente ano e que a cobrança dos consumos de água e das taxas de aluguer de contador do mês de Agosto e a cobrança dos consumos mínimos e das taxas de aluguer do contador do mês de Setembro, serão efectuadas no período de 1 a 9 do mês de Outubro próximo futuro.

Cascais, 17 de Agosto de 1971.

O Presidente do Conselho de Administração,
António Mariano de Carvalho

MORADIAS

Em LAGOS, junto à Praia de D. ANA e outras, com garagens privativas, lavadouros, quintal, com excelentes cozinhas, salas de jantar e lareira, com 4 a 5 casas assoalhadas e 2 casas de banho. Mostra todos os dias nas referidas moradias o proprietário.

Trata:

A ALENTEJANA

PRAÇA DA ALEGRIA, 6, 2.º, ESQ.
T.: 366087 OU 366662 — LISBOA

Rosa Maria, um novo nome do Fado, ensaia uma série de interpretações para incluir no seu primeiro disco comercial

O T. E. U. C. EM DIGRESSÃO

COIMBRA, 19 — Parte amanhã para mais uma digressão artística o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (T. E. U. C.), que nesse mesmo dia se apresenta na Nazaré com o «*Hamlet*», de Shakespeare, em encenação colectiva dirigida por Carlos Cabral.

Depois de amanhã, em Alcobaça, será levada á cena a pantomina infantil «*Mel, pastel e um boneco de papel*». Os espectáculos seguintes, em Tomar (dia 22), Setubal (26) e Peniche (27), são de novo com o «*Hamlet*».

LEANDRO VALE ESCREVE CARLOS PORTO RESPONDE

(Continuação da pág. anterior)

um colega meu de Lisboa há pouco tempo proferia no Porto.

— *Você já reparou, Leandro, que quase todos os críticos de Lisboa são do Porto? Por que razão vocês só nos hão-de mandar o que há de pior na vossa terra?*

E pronto...

Dentro dos direitos que me são conferidos, senhor director, gostaria que esta minha carta fosse publicada com o mesmo relevo da crítica, para a qual há uma explicação que será dada noutra oportunidade, que enlameou o meu nome.

Agradecendo todas as atenções dispensadas, subscrevo-me,

LEANDRO VALE»

RESPOSTA DE CARLOS PORTO

A nosso pedido, Carlos Porto elaborou a seguinte e breve resposta:

«Como seria de esperar, esta carta do sr. Leandro Vale está ao nível do seu trabalho com «A Forja». Como crítico deste jornal, vi-me na obrigação de comentar esse trabalho, mas responder a esta carta ultrapassa essa obrigação. Por isso, me dispenso de o fazer.

Só duas observações. Nunca faço nas minhas críticas ataques ou elogios pessoais — coisa que o sr. Leandro Vale manifestamente não pode entender. (Aos leitores devo o seguinte esclarecimento: não conheço o sr. Leandro Vale, com quem nunca mantive relações de nenhuma espécie).

No que se refere á ameaça sibilina do final da carta, lanço-a ao habitual cesto dos papéis.

CARLOS PORTO»

N. de R. — Utiliza o sr. Leandro Vale, por mais que uma vez, o artifício de uns pontos de interrogação para designar o nosso crítico Carlos Porto. Cumpre esclarecê-lo, pois, de que Carlos Porto é de facto o crítico de teatro (sem pontos de interrogação) do «Diário de Lisboa» e como tal goza de inteira liberdade de apreciação em relação aos espectáculos — bons, assim-assim ou simples «pachouchadas» — que regularmente vê para contar como foi. Nesta base julgamos, ao contrário do sr. Leandro Vale, ter Carlos Porto a tal «capacidade» que lhe nega. E pronto, mais nada.

Capri Ford **Escort**

2 CARROS DIFERENTES
2 ÊXITOS SEMELHANTES

CONSULTE O SEU CONCESSIONÁRIO FORD

LINCURI

AV. REPÚBLICA
e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras e Vila Franca de Xira

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

AMOR, COM PINÇA E TUDO

Depois da «Família Forsyte» e do seu tremendo êxito na Televisão portuguesa, as quartas-feiras apresentam-se com o aspecto de buracos. Como um rosto a que se arrancassem os olhos Como as segundas-feiras quando se foi embora o «Zip-Zip». A segunda-feira não tirou nunca mais o veu de viuva. Que irá acontecer ás quartas-feiras?

Para já, uma colecção de dramáticos ingleses mantém um ritmo, não digo de popularidade, mas de qualidade — e tenhamos esperança que desta se chegará áquela. Qualidade de interpretação; qualidade de realização e de direcção de actores: igualmente qualidade de discussão de problemas.

Dos «Sete pecados mortais» começamos pela inveja. Um cinquentenário desiste do amor, foge da vida, refugia-se no mais cómodo: na inveja. Teve a felicidade ao alcance da mão e deixou a passar. Medo de não saber entendê-la. Medo da felicidade como ter medo dos guisados: porque lhe fazem mal á saude Para ele, o amor é uma questão de juventude. E a juventude o que faz? Troça da divindade e da eternidade do amor, blasfema nas barbas da divindade. Ele, o cinquentenário, não entende que o amor se justifica por si próprio, pelo facto de existir e não pelo período da sua duração. A felicidade não é uma grandeza sujeita aos processos de medição e avaliação existentes no comércio O «velho» Graham considerava o amor como um pecado da juventude: e aí revelou a sua autêntica velhice.

Na «Inveja» o amor está a mais. A jovem oferece-o desesperadamente, mas em vão o Graham não o quer. pensa demasiado nele; Mike não o quer tem mais em que pensar. Alastra uma enorme solidão que o humor inglês ainda mais denuncia. Não haverá lugar para o amor? Haverá só lugar para a inveja — ou para a indiferença para a colheita do instante que passa?

A discussão está na mesa. Entretanto, o velho Graham foi homem de bom-senso quando recusou o amor da jovem. Estão a ver, uma mulher que nos quer arrancar a barba pêlo a pêlo — e á pinça...

●

DE TAXA ARREGANHADA

A questão das taxas estava prometida para a outra quarta-feira. Ora na outra quarta-feira era a despedida da «Família Forsyte» e, numa atitude familiar que só lhe fica bem, a RTP não quis estragar a noite que era de convívio e de tensão. Além de que: ou bem se pensava na Fleur ou bem se pensava na taxa.

O que é a taxa? A taxa é o suporte publico da existência da Televisão. Em Portugal, pagam-se 360$00; na Itália e na França, cerca de 500$00, na Inglaterra cerca de 480$00.

Existe taxa, porquê? Porque a publicidade não basta. Admite-se publicidade. porquê? Porque a taxa não basta. Porquê se paga a taxa? Porque existem decretos. Por que é que existem decretos? Para se pagar a taxa. Qual é a tunção da taxa e da publicidade? Permitir a existência da Televisão. Para que existe a Televisão? Para dar informação e entretenimento.

É evidente que este inquérito enfermava de grave defeito: era conduzido sem margem para uma válida discussão. Porquê não havia discussão? Porque não estava em causa a discussão: estava em causa a informação: que é uma das funções da Televisão. Resumindo: quem não pagar a taxa, está sujeito a multa.

Mas para isto, com mil demónios, para isto era necessária tanta conversa?

●

NÃO AO PORTUGUÊS

Aconteceu no «Pop 25» Primeiro, veio Fernando Concha e disse: que cantava para dar prazer a si próprio Não é a verdade toda. Nesse caso cantava também só para si próprio. E não o faz. Edita. Grava discos. Canta, digamos para ter o prazer de participar de um prazer colectivo: o de ouvi-lo cantar. Canta, já não digo para comunicar no termo missionário do termo: canta ao menos para comunicar uma certa qualidade de cantar. Era isto que Fernando Concha queria dizer e não serei eu quem vá destruir as suas ilusões. Certo, a primeira cantiga em inglês e a outra canção arcaica pouco servem para avaliar fortemente da sua qualidade como cançonetista. Denunciam, isso sim, falta de continuidade, ausência de actualidade. Uma coisa garantida: Fernando Concha, apesar deste seis anos de ausência, não canta pior do que todos os seus pares que andam por aí nesses festivais de Cristo. Não será isto grande elogio, decerto. Sobre todos eles tem Fernando Concha uma vantagem: sabe cantar para televisão. Sem gritos, sem excessos, sem demagogia vocal.

A seguir, Daphne e Nuno. Daphne a cantar, Nuno a falar. Como no «Curto-Circuito». Nota positiva: o desejo demonstrado de fugir á rotina do mau gosto e da mediocridade pagante. Muito incerta ainda a contrapartida que propõem. Garcia Lorca não é solução. Nem o moinho de antigas velas e antigos ventos do «Já não sou pastora».

Nuno de Almeida, proprietário do «Beat Clube», conversou com Nuno Martins sobre a musica e frequência nas boates. Frequência constituida em grande parte por estudantes, por jovens dos 17 aos 30 anos. Claro que aos 30 anos já se é estudante com a escola toda mas isso é outra história.

Quanto á musica fornecida: ié-ié. Ritmo é o que se quer. E temos de ir ao encontro da musica internacional. Cantada em português? Isso agora...

E conta a seguinte experiência: interpretada em português, «Flor sem tempo» de Paulo de Carvalho deixou os boateiros indiferentes; interpretado em inglês, pôs todo o mundo a dar á perna.

Põe-se o problema de se saber, de se procurar saber porquê. Porque F. Concha inglisa? Porquê inglisa a Daphne? Porquê os mocinhos do «chinchila» inglisam com tal gana? Responde Nuno Martins: o culpado é o consumidor. O consumidor consome, logo é culpado.

Bem visto, ó Nuno! O consumidor consome. Consome o quê? Consome o que lhe dão. Se consome o que lhe dão, de que é culpado o consumidor? Nuno, você ás vezes diz coisas tão acertadas, mas de repente...

Muitos moços e moças cantam em inglês pelas razões mais diversas. Aqui vão algumas:

1 — Porque não sabem falar português.
2 — Porque não sabem falar inglês.
3 — Porque é mais escandaloso cantar em português quando não se sabe falar português.
4 — Porque é muito cómodo cantar em inglês mesmo quando não se sabe falar inglês.
5 — Porque quando se canta em português é preciso dizer qualquer coisa. possível.
6 — Porque é intolerável ouvir cantar em português sem valer a pena estar a ouvir cantar em português
7 — Porque para se ouvir cantar em português implica uma atenção ás palavras.
8 — Porque ouvir cantar em ingls não implica atenção a coisa nenhuma.
9 — Porque cantar em português é uma responsabilidade, ao passo que a interpretação em inglês é uma santa vida.
10 — Porque a língua portuguesa para recheio do cançonetismo ligeiro se está tornando uma língua ridícula.
11 — Porque, mesmo sem ser para recheio do cançonetismo ligeiro, a língua portuguesa se está tornando uma língua ridícula.
12 — Porque a língua portuguesa é uma língua verdadeiramente incompreensível.
13 — Porque a língua portuguesa não existe.
14 — Porquenglêzèquèbom

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa Metropolitano — Às 7: Noticiário; 16 e 5: Programa da juventude «Abertura 1.6»; 17 e 30: «Falua», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 5: O convidado de hoje: Adriano Celentano; 18 e 20: Espectáculo; teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Zarzuela «La Picarona», musica de Francisco Afonso e texto de Castillo e Román; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O Conjunto de Wallace Collection· 20 e 30: 26 episódio do folhetim: «Matias Sandorf»; 20 e 50: Melodias pela orquestra Kai Warner; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 30: Novas canções... novos artistas; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa: 22 e 10: Fados, por Florinda Maria e José Borges; 22 e 30: Ritmos de todo o Mundo· 23 e 5: Musica latino-americana; 24: Fe-

2.º Programa Metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão com os discos pedidos pelos senhores ouvintes; 18· Musica Portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro: 21 Árias de ópera pelo tenor Jon Vickers; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica; 22: Teatro de todos os tempos. pelo dr. Eurico Lisboa (Filho): «A devoção da Cruz», de Calderon de La Barca; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — Modulação de Frequência 2 — Às 21: Musica portuguesa; 21 e 20: Variedades; 22: Musica de camara; 22 e 55: Musica sinfónica; 0 e 01: Musica de tecla — obras de Liszt pela pianista France Clidat 00 e 46: Canções de Schubert; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 Kc/s. — Às 16 e 4: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 7: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21: Noticiário; 21 e 3: Diálogo; 21 e 32: Impacto: 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Mensagens bíblicas, 23 e 19: Grande roda; 0 e 2: P. B. X.; 2: A noite é nossa: 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de Frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 4: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Vértice; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbitra — dois; 1 e 2: Banda sonora; 2 e 2: Perspectiva; 3 e 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mt/s. — 782 Kc/s — Às 16 e 4: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral 19 e 3: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 5: Só Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais: 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 3: Uma vedeta na noite; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 4: Clube da juventude.

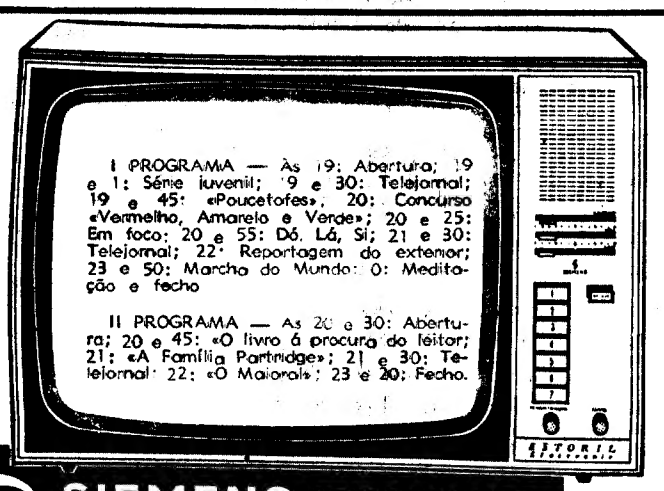
RÁDIO RENASCENÇA —233,2 m — 1826 Kc/s. — Às 16:

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 Kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário Regional e Boletim de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: O quarto mundo; 21 e 15· Artistas portugueses; 22: Variedades; 23: A 25ª Hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda méd'a — 188 m — 1594 Kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — 1.º Programa — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série, «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. 2.º período—Às 19: Abertura; 19 e 01 TV juvenil 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição· 19 e 45: Filme infantil, «Poucetofes»; 20: Programa feminino· 20 e 30: Série comédia, «Casei com uma Feiticeira»; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22: Série policial, «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Meditação e fecho.

2.º Programa — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série, «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico (simultâneamente com o 1.º Programa); 22: Viajando pela Áustria; 22 e 30: Catarina Valente; 23 e 30: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento
TUDOR

Prosseguiram na Gulbenkian os Cursos de Direito Comparado

Prosseguiram, esta manhã, na Fundação Gulbenkian, os Cursos de Verão de Direito Comparado.

No I Ciclo foram proferidas lições sobre os seguintes temas: «O sistema da Common Law», pelos profs. Hazard, Simmonds, Thompson, seguindo-se colóquios; «Os Direitos romanistas», pelo prof. Levy, também com um colóquio sobre o mesmo tema; um seminário sobre «Introdução á Common Law», pelo prof. Jacobs; «Introdução ao Direito constitucional comparado», pelo prof. Thompson; e «Os Direitos Socialistas», pelos profs. Naschitz, Jovanovic.

No II Ciclo, em Direito Privado, realizaram-se as seguintes lições: «A obrigação alimentar em Direito Comparado», pelo prof. Castro Mendes (colóquio); «A carta de crédito em direito comparado», pelo prof. T. Salinas (colóquio), e, finalmente, «O reconhecimento e a execução das sentenças estrangeiras», pelo prof. Ferrer Correia; em Direito Público — «O poder executivo em direito comparado: países socialistas», pelo prof. Krutogolov; «A noção da legalidade em Direito Comparado», pelo prof. Thompson; «Ideias e estruturas jurídicas sociais no nosso tempo», pelo prof. Legaz Lacambra; «A protecção internacional dos direitos do Homem», pelo prof. Jacobs; «A separação dos poderes nos países da Common Law», pelo prof. Simmons; e «O poder executivo em Direito Comparado: países socialistas», pelo prof. Krutogolov.

VIDA SOCIAL

LICENCIATURA

Concluiu, com excelente classificação, a sua formatura em Matemática a sr.ª dr.ª D. Maria Manuela Mota Faria da Conceição, de Viseu, filha do nosso antigo camarada da Imprensa sr. Arnaldo Augusto Ferreira da Conceição, inspector do Banco Nacional Ultramarino e sobrinha do sr. José Miguel F. da Conceição, também nosso colega no jornalismo.

LOURENÇO & SANTOS, LDA.

Por via aérea partiram para COLÓNIA (Alemanha) os Srs. Manuel Gomes da Silva e José Augusto Guerra Machado, sócios-gerentes daquela firma, a fim de, na Feira Internacional de Vestuário, seleccionarem as novas colecções Primavera-Verão de 1972.

O I CONGRESSO HISPANO-LUSO-AMERICANO DE GEOLOGIA ECONÓMICA

O próximo Congresso Hispano-Luso-Americano de Geologia Económica, que de 19 a 23 e de 24 a 25 de Setembro se vai realizar respectivamente, em Espanha e Portugal, com sessões em Madrid e Lisboa, terá como presidentes de honra os Chefes de Estado dos dois países ibéricos. Componentes dos dois governos, embaixadores dos países latino-americanos e outras altas personalidades da cultura dos dois países peninsulares fazem parte da grande comissão de honra. Uma comissão científica inclui os presidentes das comissões nacionais de Geologia ou organismos similares de todos os países de língua, castelhana e portuguesa. Em Portugal, a comissão do congresso tem como presidente o eng.º F. Soares Carneiro, da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos e vice-presidentes o prof. C. Torre de Assunção, da Faculdade de Ciências de Lisboa e o eng.º J. Dinis Ferreira, da Junta de Energia Nuclear, e como vogais numerosas personalidades universitárias e técnicas. A comissão executiva é constituídas pelos engs. F. Moitinho de Almeida, presidente; A. Barros e Carvalhosa, vice-presidente; F. Limpo de Faria, secretário e D. Maria de Fátima Beato, tesoureiro, elementos da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

O I Congresso Hispano-Luso-Americano de Geologia Económica é organizado pelos Ministério da Industria, em Espanha, e da Economia, em Portugal, por intermédio da Comissão Nacional de Geologia — C. N. G. — e da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos — D. G. M. S. G. —, respectivamente. Prevê-se a possibilidade de celebração de futuros Congressos semelhantes, cada quatro anos. Colaboram na organização, no que respeita a Portugal, todas as universidades portuguesas, centros de investigação e outros departamentos do Estado, bem como empresas privadas.

Um aspecto da visita à exposição

A esposa do Chefe do Estado inaugurou uma exposição de tapetes de Arraiolos

A esposa do Chefe do Estado, D. Gertrudes Rodrigues Thomaz, inaugurou, ontem, ao fim da tarde, na galeria do Casino Estoril, uma exposição de tapetes de Arraiolos confeccionados na Fábrica D. Nuno, daquela vila.

A exposição, que estará patente ao público até ao próximo dia 28, reúne numerosas e valiosas peças de tapeçaria, todas elas subordinadas ao estilo que tornou célebre aquela fábrica, e caracteriza, na sua tecelagem policromática, uma das afirmações mais vincadas do génio artístico português. Os motivos, que aparecem estampados na tela, estendem-se dos arabescos miudinhos, de origem persa às grandes teorias florais. Primorosamente montada, a exposição foi percorrida com interesse por um número invulgar de convidados, entre os quais estavam os srs. Mariano de Carvalho e eng.º Sousa Coutinho, respectivamente, presidente e vice-presidente do Município de Cascais, António Pereira Forjaz, presidente do Município de Sintra, Joaquim Miguel de Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, prof. Hernâni Cidade e um numeroso grupo de senhoras da nossa melhor sociedade.

Além das peças expostas, os visitantes puderam ainda admirar duas tecelãs de Arraiolos, que, no próprio local do certame, se entregavam á sua tarefa de confeccionar os preciosos tapetes.

Ao entrar no Casino, acompanhada de sua filha, D. Natália Rodrigues Thomaz, a esposa do Chefe do Estado foi recebida pela organizadora da exposição, D. Maria Rita Carvalho Louro, e pelo presidente do conselho de administração da Estoril-Sol, sr. dr. Manuel Teles.

ELEVADO O LIMITE DAS REMUNERAÇÕES SUJEITAS A CONTRIBUIÇÃO PARA A PREVIDÊNCIA

O limite superior das remunerações sobre que incidem as contribuições para a Caixa Nacional de Pensões e as Caixas sujeitas ao regime geral da Previdência Social, que é actualmente de 10 000$00, deverá ser progressivamente eliminado.

Assim o prevê e determina uma portaria assinada pelo ministro das Corporações e Previdência Social, publicada no «Diário do Governo». Com efeito, este diploma estabelece que, a partir de 1 de Janeiro de 1972, o referido limite será elevado para 15 000$00 mensais e, desde 1 de Janeiro de 1973, para 20 000$00. Fica também estabelecido desde já no n.º III que, decorrido um ano sobre a data fixada na norma anterior, o limite superior de remunerações será ou novamente objecto de revisão ou eliminado, conforme as circunstâncias o aconselharem, devendo, em qualquar caso, a medida a tomar ser publicada com antecedência não inferior a seis meses».

Pelo esclarecedor preâmbulo que antecede a portaria verifica-se, porém, que sem duvida, o objectivo a atingir «a curto prazo é o próprio desaparecimento de qualquer limite de descontos» como aí se escreve, acrescentando-se logo a seguir: «Efectivamente reconhece-se que a existência de limitações quanto aos ordenados ou salários de contribuição tem criado problemas sociais que desnecessário será acentuar, já que dentro desse condicionalismo se torna impossível garantir benefícios, sobretudo diferidos, devidamente proporcionados ao nível de remuneração que o beneficiário aufere enquanto activo.»

Vem, de facto, esta medida ao encontro de aspirações repetidamente manifestadas por beneficiários preocupados com a sua situação na idade da reforma, a qual, a manter-se o critério vigente até agora, se situaria necessáriamente em nível muito inferior ao dos vencimentos recebidos durante anos. Não se suprimiu já, no presente diploma, o limite em causa, propondo-se a sua eliminação gradual, para «evitar dificuldades que para algumas empresas possam resultar de uma imediata supressão». Todavia, «para dar satisfação ás pretensões apresentadas por empresas que desejam imediatamente a eliminação do limite», a portaria admite que possa ser requerido pelas mesmas «a imediata supressão daquele, relativamente a todo o seu pessoal», preceito que constitui a norma V do presente diploma e que entrará em vigor logo no mês seguinte ao da sua publicação no «Diário do Governo». Na verdade, um numero crescente de empresas vem reconhecendo, desde há algum tempo, os inconvenientes da existência do limite referido, tendo até algumas constituído esquemas complementares dos benefícios da Previdência.

É de esperar, como se não deixa de notar no mencionado preâmbulo, que «a despesa com tais esquemas poderá, assim, ser reduzida a importância que se presume não seja inferior ao encargo que resultará da eliminação do limite superior de retribuições sujeitas a contribução, com a vantagem para os beneficiários de não ficarem dependentes, no que respeita á fruição das regalias, nem da sua futura vinculação á mesma entidade patronal.»

A mesma medida terá certamente repercussão que não deve deixar de se considerar benéfica, porquanto incide sobre elementos da escala superior do nosso leque salarial, de exagerada abertura, e que por força da limitação estabelecida não eram afectados pelos descontos para encargos sociais, tanto do lado patronal como dos beneficiários.

No mês seguinte ao da publicação desta portaria, começará igualmente a vigorar a norma IV, segundo a qual «...o limite superior de retribuições sujeitas a contribuição passará a aplicar-se em relação a cada entidade patronal, independentemente das retribuições auferidas pelo beneficiário noutras situações profissionais abrangidas por uma unica ou por várias instituições referidas na norma I».

Em paralelo com as medidas adoptas, também a partir de 1 de Janeiro de 1972, o limite mínimo do salário base, para efeito de continuação voluntária do pagamento de contribuições para a Previdência, passará a ser de 1500$00, facultando-se aos beneficiários nessas condições a possibilidade de requererem o aumento desse salário base até quantitativo calculado segundo tabela constante da mesma portaria.

A C. P. INFORMA:

LIGAÇÕES DO CENTRO E NORTE DO PAIS AO ALENTEJO, PELA AUTOMOTORA DIRECTA "GIRALDO"

5-48	P	Régua	C	17-15
6-40	P	Mosteiró	P	16-30
7-02	P	Marco	P	16-09
5-25	P	Arco de Baúlhe	C	17-45
5-45	P	Mondim de Basto	P	17-24
5-55	P	Celorico de Basto	P	17-12
6-34	P	Amarante	P	16-32
7-10	P	Livração	P	16-02
7-41	P	Penafiel	P	15-32
8-47	C	Porto (Campanhã)	P	14-25
5-50	P	Viana do Castelo	P	15-31
6-48	P	Barcelos	P	14-50
9-24	C	Porto (Campanhã)	P	13-44
8-18	P	Braga	C	15-12
8-45	P	Famalicão	P	14-27
9-24	C	Porto (Campanhã)	P	13-44
9-50	P	Porto (Campanhã)	C	13-25
10-22	P	Espinho	P	12-56
11-11	P	Aveiro	P	12-14
13-14	P	Coimbra-B	P	11-20
15-38	P	Entroncamento	P	9-55
16-10	P	Santarém	P	9-29
16-30	C	Setil	P	9-15
17-52	P	Setil	C	8-40
18-28	P	Coruche	P	8-04
19-19	P	Vendas Novas	P	7-18
19-52	C	Casa Branca	P	6-47
20-21	C	Evora	P	6-15
20-26	C	V.N.de Baronia	P	6-17
20-46	C	Cuba	P	5-56
21-03	C	Beja	P	5-40

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua dos Portas St.º Antão, 83
Telef 523059

SPORTKAR-BAR
AV DEFENSORES DE CHAVES, 87-C
ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS NUM AMBIENTE DIFERENTE

MANAGEMENT E MARKETING DE EXPORTAÇÃO

Por iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação, em colaboração com o International Marketing Institute, de Massachusetts, vai realizar-se, de 3 a 30 de Outubro, um curso de management e marketing de exportação, destinado a dirigentes ou técnicos com funções directivas em empresas de exportação. O curso decorrerá no Hotel Golf Mar, no Vimeiro.

OS ERROS DA FUNCIONÁRIA... É O CIDADÃO QUEM PAGA

Da sr.ª D. Maria Augusta dos Santos Rodrigues Velhuco, de Lisboa, recebemos a seginte carta:

«Sou viúva de um assíduo leitor do jornal que V. muito dignamente dirige, e como também lia o seu jornal, sei que se interessava pelas causas dos menos protegidos pela sorte.

Meu marido faleceu no passado dia 27 de Julho, e precisei de ir à 9.ª Conservatória do Registo Civil, que se situa na Avenida Guerra Junqueiro, 7, 1.º andar.

Pedi a certidão de óbito que me mandaram ir buscar no dia 2 de Agosto depois das 14 horas.

Fui lá depois da hora marcada mas tive de esperar que uma funcionária a passasse

Não a li no local, mas quando cheguei a casa verifiquei que a idade do falecido vinha mencionada 65 em vez de 55 visto que meu marido nasceu a 7 de Agosto de 1915.

Voltei à Conservatória e lá disseram-me que o engano tinha sido da agência funerária...

Reclamei para a agência e de lá disseram que entregaram o óbito completo e bem.

De facto meu irmão viu preencher o dito óbito e ia tudo bem.

Voltei à Conservatória a dizer isto e mandaram-me pedir uma certidão de nascimento de meu marido para rectificarem o engano; assim fiz e levei lá a certidão, mas quando vão passar a certidão de óbito reparámos que havia mais um engano da funcionária que escreveu o nome do pai de meu marido incompleto, e com mais este erro não tenho uma certidão de óbito para tratar de tantos papéis que preciso de entregar na Caixa de Previdência dos Transportes Automóveis, e tenho que esperar que a dita funcionária volte de férias para emendar os erros qe fez, e só depois de tudo isto poderei continuar a tratar dos meus papéis.

Agora pergunto eu: Quem assume a responsabilidade destes erros que tantos trabalhos, arrelias e despesas me têm causado e ainda o que eu poderei ser prejudicada, visto que entro ao trabalho e quem me trata dos papéis que tenho de entregar no seu devido prazo?

A senhora funcionária está de férias. Outra não pode emendar os seus erros; ela continua gozando as férias e não vem emendar o mal que fez e que me está a fazer.

E se eu quisesse ir de férias no próximo mês? Não podia ir porque apesar de começar a tratar dos papéis dos fins de Julho e em todo o mês de Agosto não tenho tudo pronto antes do princípio do mês de Setembro.»

Boa funcionária não é verdade?

Não haverá uma condecoração para ela?

Isto é para nós vermos como andam os serviços prestados ao público.

Não bastam as dificuldades que uma viúva tem de enfrentar para criar 3 filhos menores para virem mais estas.

Em três linhas

O sr. eng. Luís Alberto Santos Pereira foi contratado assistente além do quadro do 4.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Agronomia.

///

Foi aprovado, por despacho do sr. subsecretário de Estado do Comércio, o regime de preços e comércio de adubos a vigorar na campanha de 1971-1972 (1 de Julho de 1971 a 30 de Junho de 1972)

///

Foi rectificada a Portaria n.º 351/71, que aprova o Regulamento da Comissão de Inscrição e Classificação dos Empreiteiros de Obras Publicas e dos Industriais da Construção Civil.

///

O sr. eng. Augusto Fernandes, inspector superior da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, do Ministério da Economia foi nomeado vogal do Conselho Superior Técnico Aduaneiro.

///

Foi criada a Casa de Angola em Lisboa, regida por estatutos outorgados no 1.º Cartório Notarial.

INVESTIGADORES DO I. N. I. I.

No Instituto Nacional de Investigação Industrial, perante o respectivo director, eng.º José de Melo Torres Campos, tomaram ontem posse do cargo de investigadores os srs. eng. Celso Lima Peres Santos Jorge e Carlos Borges Florêncio, que até agora desempenhavam funções de assistentes de 1.ª classe do mesmo Instituto.

UM CHAPÉU NO CALHARIZ

Dois dedos de vento atiraram com o chapéu de um reformado para os paralelepípedos.

Roda, não roda, logo a aba do chapéu se vai meter na calha do eléctrico — e eis o chapéu a circular nos trilhos da Carris. Atrás do chapéu, correndo, o reformado.

Apanha, não apanha o chapéu, já o apanhava quando a voz do revisor lhe cai no ouvido:

— Um escudo.

— Hem...?

— Um escudo.

Era o preço do bilhete com alicate e tudo: chapéu correndo de aba na calha paga bilhete no Calhariz.

PEDRO ALVIM

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira Tucha Moscarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 * Rua das Taipas 14 * Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de Vicente da Câmara * João Braga Tocam: Fontes Rocha, José Luís. Nobre Costa e Pedro Leal * **Encerra aos domingos * Consumo mínimo 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Tel.860816.**

TIMPANAS

Mário Pacheco e Edmundo Rosa, viola e guitarra, Emília Reis, João Fernando e Luís Braga. Folclore do Ribatejo, Quim Barreiros, acordeonista e o Trio Odemira * **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.). * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo * **Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef. 328307 * Consumo mínimo: 60$00 * Encerra aos domingos**

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal. Tina Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo Fados de Coimbra por Loubet Bravo Tocam: **Liberto** Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira, Os Arautos. **Encerra ás 2.ªs-feiras. Consumo mínimo, 70$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades Internacionais * **Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946**

ADAGIO

A presença de JOSÉ LETRIA, Pop-Soul e Undergroung * Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto * **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telef 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira * Aberto até ás 5 da madrugada * Rua da Trindade, 9—Telef. 327109 * Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante * **Av. Marechal Carmona * Tel. 367136 * Encerra ás 3 horas**

MAXIME

Conjuntos * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * **Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A * Telef. 48384 * Conj. Hélder Reis * Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

BATACLAM
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

VERÃO: TEMPO DE GELADOS... (Conclusão)

Há que generalizar o consumo do bom gelado para servir a população de todas as idades

Um outro tipo de gelado que se encontra já bastante generalizado é de máquina, «soft-ice», cremoso. Difere dos gelados habituais pela temperatura, consistência e volume. Apareceu em Portugal há cerca de três anos, embora já não fosse novidade nos Estados Unidos, onde surgiu por volta de 1950, passando para os países nórdicos, Itália, etc.

Muita gente gosta do «soft-ice», nomeadamente, porque é um gelado pouco frio. A sua temperatura ronda os 4 ou 5 graus negativos centígrados, enquanto a dos outros gelados vai a —15.

Tal como os sorvetes bem fabricados, desempenha um papel de real importância, dado que contém leite, alimento que não é apenas necessário nos primeiros tempos de vida do indivíduo, mas sim ao longo de toda a existência.

O panorama nutritivo português apresenta um flagrante desequilíbrio. Segundo os especialistas, o nosso regime alimentar é dos mais anacrónicos. Faz-se em quantidade e com base em produtos que muito pouco beneficiam o organismo. No que respeita ao consumo de lacticínios, então, o panorama apresenta-se desolador. Quer porque as condições de vida não permitem — e muita gente vive com dificuldade — quer porque há uma certa indiferença perante os problemas alimentares, o português, além das quantidades por vezes injustificadas de produtos pouco nutritivos, faz um largo consumo de bebidas alcoólicas. Socialmente, sabe-se quais as consequências desse hábito e, por outro lado, conhece-se sobremaneira o valor que a nutrição desempenha na valorização do indivíduo como trabalhador.

As crianças, quando submetidas a um regime alimentar racional, muito diferente do tradicional, dão um rendimento escolar muito diferente. E o mesmo se passa com os adultos, no campo profissional. Daí a preocupação de algumas empresas com as suas cantinas, proporcionando aos seus empregados formas de alimentação adequadas. Nem sequer se trata de filantropia, mas de uma maneira de tirar maior rendimento dos indivíduos...

E o gelado? O gelado, que é o tema das nossas reportagens, tem desempenhado relevante papel nessa planificação alimentar. Motivo: possui, quando bem fabricado, alto teor nutritivo, é ingerido sem esforço, por todas aquelas características que já se conhecem. É um alimento que vai para além do mais, actuar como estabilizador de funções orgânicas.

UM PRODUTO VITAMINADO

Como se tem procurado demonstrar, há gelados e gelados... Uns são feitos com leite inteiro; outros com leite meio desnatado; outros com água adicionada a um pouco de caseína ou albumina... Um gelado, para ser de qualidade, dizem os especialistas, tem de conter, antes de mais nada, leite; e este possui, como se sabe, sais minerais, como cálcio e fósforos, e proteínas.

O leite inteiro contém matérias gordas, que aumentam o seu valor energético e tornam o gelado mais untuoso. A refrigeração não destrói as vitaminas do leite (B1, B2, PP, B6 e as A e D). Outro produto essencial para o gelado é o açúcar, que o torna, aliás, grandemente apreciado pelas crianças. Segundo parece, a «fantasia» geralmente derivada de corantes, deve ser substituída por essências nutritivas, frutas cristalizadas, «chantilly», etc. Só assim o gelado deixa de ser uma guloseima e se torna num alimento válido.

Em França, por exemplo, os gelados são analisados, precisamente segundo o seu teor alimentar. Um estudo recente demonstrou o seguinte: 50 por cento dos gelados que se vendiam no mercado encontravam-se em infracção no tocante a composição química e poluição microbiana; sòmente 25 por cento se mostravam satisfatórios. Uma outra instituição especializada francesa, por seu turno, levou a efeito idêntica análise, e verificou que cerca de 30 por cento das amostras apresentavam uma taxa microbiana excessiva, e 22 por cento eram impróprios por razões de ordem microbiológica. Das amostras submetidas a análise, 40 por cento satisfaziam as normas; os 8 por cento restantes, embora não se pudessem considerar maus, deixavam muito a desejar. Pela preocupação dos franceses se pode deduzir que o gelado, quer o público o consuma como alimento ou como refresco, necessita de uma vigilância grande, pois pode representar um perigo para a saúde pública. O bom gelado tanto deveria ser consumido no Verão como no Inverno, bastando para tanto que as pessoas o considerassem um alimento e não apenas um refresco...

Trata-se do bom complemento de uma refeição, de uma sobremesa que apenas não está generalizada... ou ainda não se encontra ao alcance de muitas bolsas...

A PREPARAÇÃO NEM SEQUER É MUITO CARA...

Apontadas como estão as vantagens nutritivas de certos gelados, pena é que não se generalize o seu consumo a um nível social. Os alimentos não podem ser um luxo, interferem radicalmente no rendimento de uma população e, por isso, há que incrementar uma política racional de alimentação. Estão patentes as vantagens de se começar pela escola com alimentos completos, capazes de «apetrechar» os alunos fisicamente, contrabalançando a alimentação tradicional que muitos têm em casa. E nisso, o bom gelado, cuja preparação, segundo nos afirmaram, nem sequer é tão cara como possa parecer, seria um bom veículo para ministrar alimentos completos. Se há cantinas em que já se faz isso (é que o gelado come-se com agrado, não tem as «desvan
de que
porque
cesso?
aplicad
que, co
cassem
económ
não «in
sibilida
de parte
general
gelado
tos nat
panorar
aliment
de toda

O bom gelado — considerado como alimento e já não só como guloseima — deveria ser c todo o ano, Inverno incluído. Que diz o leitor?

NOVIDADES LITERÁRIAS

«OS HOMENS NO SEU TEMPO»

DE MARQUES GASTÃO

— Sensacionais entrevistas com personalidades do mundo político, literário e artístico, como o Califa Geral do Senegal, príncipe Sihanouk, Carlos Lacerda, João Goulart, Cristien Pineau, Floyd Patterson, Red Skelton, General Chaya-Rochana, da Tailândia, etc.

«CANCIONEIRO DE COIMBRA»

DE AFONSO LOPES VIEIRA

— Trabalho de estudo e investigação, excelente repositório das origens e da poesia na velha sede do pensamento e do sentir lusíada que é Coimbra. Obra indispensável para o estudo e conhecimento do lirismo português.

PEDIDOS À

Parceria A. M. Pereira, L.da

LIVREIROS-EDITORES

R. Augusta, 44-54 - Tel. 361730 — LISBOA

CONFIE NA

Ourivesaria da GUIA

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B

(Edifício do Hotel Mundial) Fundada em 1875

Dizem os leitores...

ESGOTOS QUE (SE) LANÇAM EM PLENA PRAIA

Da nossa leitora, sr.ª D. Maria José Heitor Cortesão, professora do ensino secundário, recebemos a seguinte carta:

«Estou a passar o mês de Agosto na Figueira da Foz com a família (na qual há 4 crianças) e frequento o sector da praia a que dá acesso a chamada «Ponte Galante», em frente do Circo Texas ou do início da Rua Comandante Henrique Tenreiro.

Esta manhã havia *muitas dezenas de metros quadrados da praia, ladeando a estreita passadeira que conduz á beira-mar, completamente cobertos por espessa, negra e nauseabunda camada de dejectos provenientes de um cano de esgoto que, sem qualquer disfarce, abre directamente sobre a praia, na muralha que a separa da zona urbana.*

Afluíam as moscas. Várias crianças brincavam no lamaçal. Um grupo de franceses, tão indignados como eu, estacou e retrocedeu. Nós, infelizmente, com casa e toldo arrendados por um mês, não o podemos fazer com a mesma facilidade.

Quando o turismo está na ordem do dia, acontece isto numa das maiores cidades-praias de Portugal, ao som das canções e «slogans» dos altifalantes. E parece que acontece há largo tempo, com pleno conhecimento das autoridades locais, se dermos crédito á informação fornecida por pessoas que iam passando e aqui residem.

Hoje mesmo tenciono apresentar a minha queixa junto das referidas autoridades.

É claro que, se tivesse trazido a máquina fotográfica e fosse fácil, de momento, a ironia, não deixaria também de enviar uma bela imagem para enriquecer a colecção.

Entretanto e *porque me parece que se trata de uma situação em que é grave o perigo para a saúde de vários milhares de pessoas, peço a V. Ex.ª a publicação urgente do meu protesto no «Diário de Lisboa».*

HITCHCO

a ser consumido durante

«desvantagens» do leite puro, de que nem todos gostam), porque não generalizar o processo? Seriam verbas bem aplicadas, comprar máquinas que, com simplicidade, fabricassem gelados a um preço económico, a um preço que não «interferisse» com as possibilidades reduzidas de grande parte da população. Há que generalizar o bom gelado, o gelado feito á base de produtos naturais, incluindo-o no panorama pouco animador da alimentação dos portugueses de todas as idades.

CLAUDE CHABROL (ex-farmacêutico) SABE A RECEITA DO BOM CINEMA

É dum filme de Claude Chabrol que vamos falar. Não da «Ruptura», que actualmente se encontra em exibição numa das salas de cinema da capital, mas do seu ultimo trabalho, que veremos em breve.

Tudo leva a crer que Chabrol, ex-farmacêutico, tem a receita exacta dos bons filmes: o gosto e a linearidade. Não há muito tempo ainda foi concluída a montagem do seu 24.º filme desde 1958, ano em que se estreou.

«Antes do anoitecer» (o seu ultimo filme) é baseado no romance de Edouard Atiyah «The Thim Line» e os actores principais são: Stéphane Audran, Michel Bouquet e François Périer. Trata-se dum trabalho «familiar», uma vez que a quase totalidade dos actores e dos técnicos se encontra ao lado de Chabrol práticamente desde o princípio da sua carreira como realizador.

Stéphane Audran, por exemplo, fez o seu primeiro filme com Chabrol em 1961 e participou em mais 11 longas metragens suas desde então. Michel Bouquet integrou o grupo em 1963, para protagonizar com Stephane Audran o 5.º filme de Claude Chabrol.

«Antes do anoitecer» é um drama psicológico, que se inicia com o estrangulamento de Laura (Anna Douking) por Charles (Michel Bouquet). Charles é um próspero homem de negócios, que dirige em Paris uma agência de publicidade e vive num moderno apartamento, perto de Versailles. O resto é simples. Rigorosamente simples. É a linearidade das imagens, a construção dum clima que progressivamente nos envolve e compromete.

«Antes do anoitecer» — diz Chabrol — é a história de um homem que mata alguém e por fim descobre que é ele quem está morto.» Na linha de Hitchcok, Chabrol reforça os lados frágeis de uma escrita, já demasiado batida. Depois da «Ruptura» (1970), é este o filme que aguardamos em Lisboa. A ultima obra de uma das mais importantes figuras do moderno cinema francês.

Stéphane Audran, protagonista de «Antes do anoitecer»

CAÇADORES DESCONTENTES

COIMBRA, 19 — Entre os caçadores locais lavra descontentamento quanto á época para a caça ás rolas, que dizem estar errada.

Segundo eles, as Comissões Venatórias não procederam a uma observação directa e antecipada ás diversas zonas antes da afixação dos editais, do que resulta — dizem — aparecerem, em vez de rola, borrachos, além de se encontrarem ainda muitos ninhos.

Estudantes portugueses na Bélgica

A Embaixada da Bélgica informa que os cidadãos portugueses que desejarem estudar na Bélgica devem apresentar, na sua chancelaria (Praça Marquês de Pombal, 14-6.º), pedido de autorização de residência provisória no país. Os estudantes que entrarem na Bélgica sem esta autorização serão compelidos a sair do país.

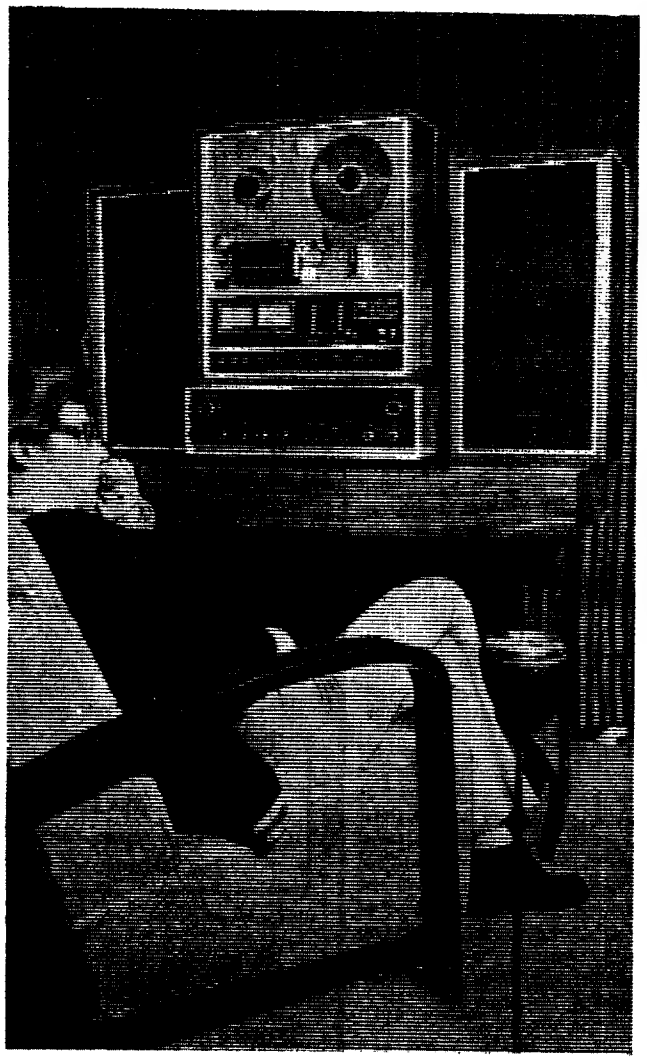
CK?

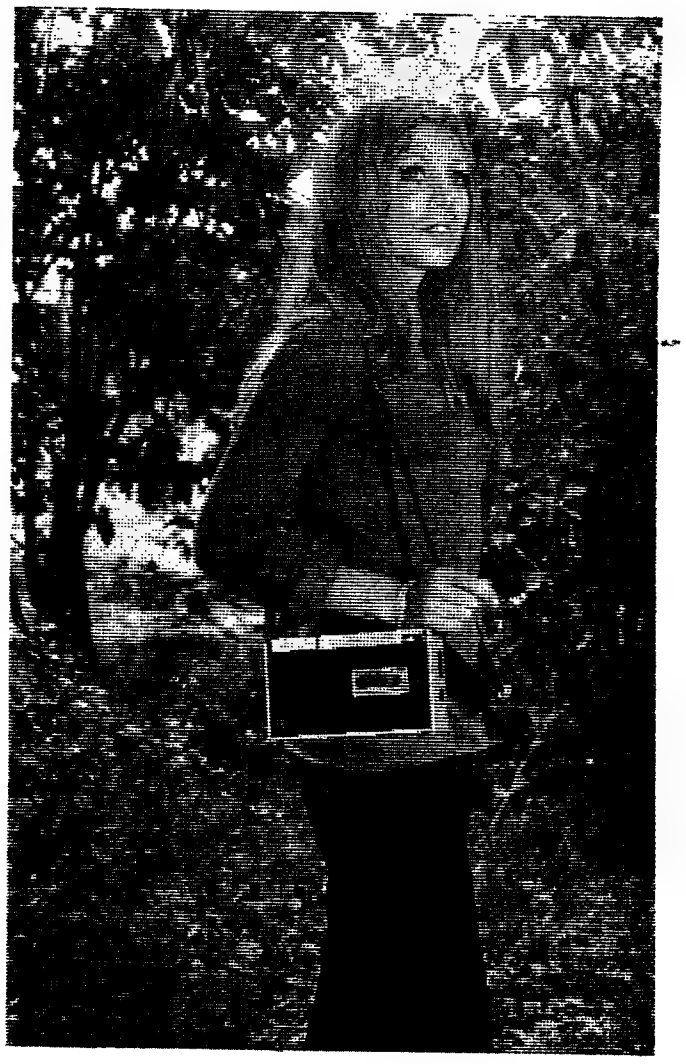
As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

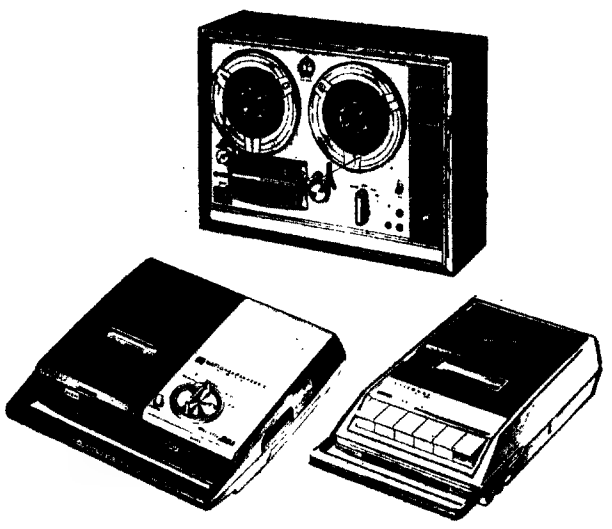
GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

conhece realmente o meu gravador?







Se conhece o meu gravador NATIONAL, o portátil ou o de mesa, pois óptimo!

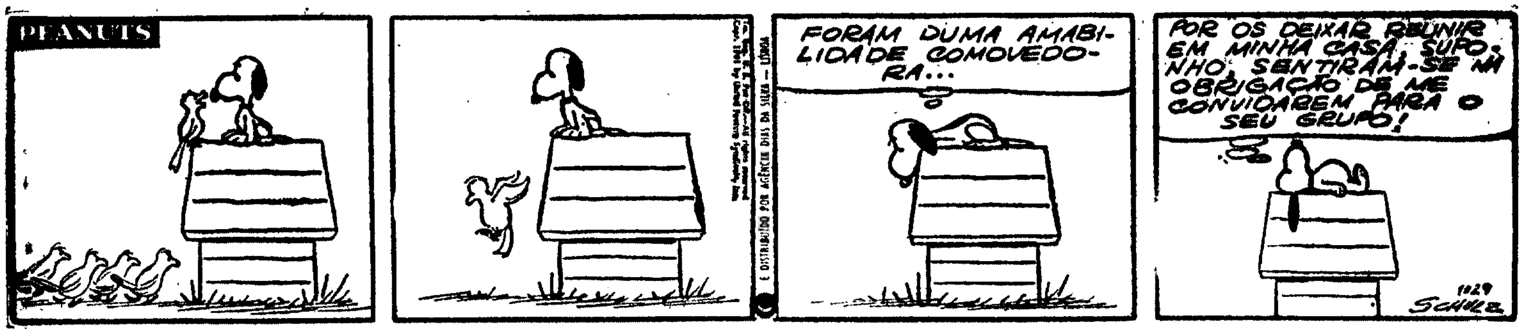
Está portanto, tão contente como nós e confiante de ter feito uma boa escolha; Melhor, pode confirmar como nós, as vantagens da técnica avançada dos nossos gravadores e da excelente qualidade dos produtos NATIONAL.

Não conhece? Pois pode ter a certeza de que, entre os vários modelos que constituem a completa gama de gravadores NATIONAL há, sem dúvida, pelo menos mais do que um, que corresponde àquilo que V. entende por um «BOM GRAVADOR».

É exigente? Também nós !... daí a razão da nossa preferência.

NATIONAL

sonipol • LISBOA – PORTO



OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Agosto de 1941 publicava:

«Esquece-se demais, na horas em que rugem os canhões e a Europa se alaga de sangue, o valor do pensamento que ordena, pacifica e une, e a eficiência dos ideais e das ideias que vão além da tragédia quotidiana. Óptimo serviço prestou Carlos Oliva ressuscitando, evocando a nobilíssima individualidade dum João das Regras — protótipo dessa rara, mas exemplar espécie de homens, que, pela meditação e pelo saber, pela mentalidade proba e pela clara sensatez, conduzem as multidões, desvairadas ou inquietas, aos gestos que redimem e às atitudes que salvam.» — João de Barros

TRÊS HORAS NO TEJO

A C. P., concretizando uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, organiza aos domingos, desde 30 de Maio até 29 de Agosto, passeios no Tejo, numa das suas modernas embarcações

PREÇO POR PASSAGEIRO ...... 12$00

Embarque na estação de Terreiro do Paço .... 15 h.
Desembarque na mesma estação .... 18 h.

Estas reservas podem ser pedidas à EGT — Agência de Viagens, Rua do Arsenal, 124 — Lisboa

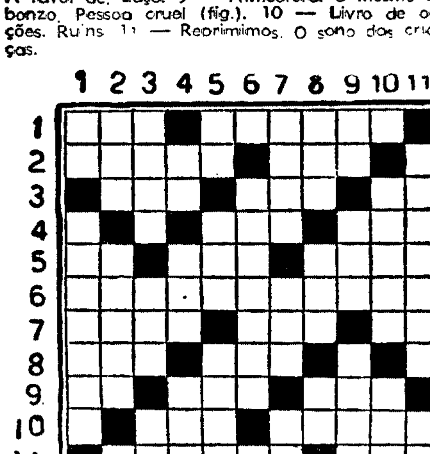
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5988

HORIZONTAIS: 1 — De modo nenhum. Atravessas. 2 — Espécie de andorinha. Prefixo que designa ar. 3 — Ninfa que, por ter desagradado a Juno, foi metamorfoseada em rochedo e condenada a repetir as ultimas palavras de quem a interrogava. Armaria (abrev.). Tempo do verbo haver. 4 — Voz usual entre os índios e caboclos da Amazónia e que exprime espanto, alegria ou mofa. Nome de astro 5 — Prata (s. q.). Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca Cessa. 6 — Espalhariam 7 — Antigo estado vizinho da Caldeia, na região a oriente do Tigre inferior. Coisa grande. Solitário. 8 — Seguias. Passado 9 — Troça. Forte. Também não. 10 — O mesmo que amir. O mesmo que alcorão. 11 — Corroído. Guarneço de asas.

VERTICAIS: 1 — Forma proclítica de não Parte lenhosa, compacta e dura das plantas. 2 — Festa do Ano Novo ou «festa de todos» para a qual os Negros se cotizam. Resfria 3 — Avalio. Freguesia do concelho de Penafiel. Nota musical. 4 — Preposição e artigo definido. Nome de jogo. Consentimento. 5 — Rio de Itália Tempo do verbo ser. Palmeira da Amazónia 6 — Cheio de dinheiro (gir). 7 — Cure. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Cobalto (s. q.) 8 — Preposição. A favor de. Laço. 9 — Atmosfera. O mesmo que bonzo. Pessoa cruel (fig.). 10 — Livro de orações. Ruins 11 — Reprimimos. O sono das crianças.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5987

HORIZONTAIS: 1 — Mastigasses. 2 — Açor. Arrare. 3 — Chiai. Manir 4 — Atira. Sage. 5 — Odeia. Ris. 6 — As. Amara. UM 7 — Lao, Árida. 8 — Bure. Acrol 9 — Natos Airas. 10 — Tirais. Coio. 11 — Emoleirasse

VERTICAIS: 1 — Mac. VALENTE. 2 — ACHA Miaras 3 — Soito. OUTRO 4 — Traida. Boal. 5 — Iremo. Sie. 6 — Ga. Aiara. Si. 7 — Arm. Aricá. 8 — Sras. Adriça. 9 — Sanar Aoros 10 — Erigiu. Lais. 11 — Seresma Sae.

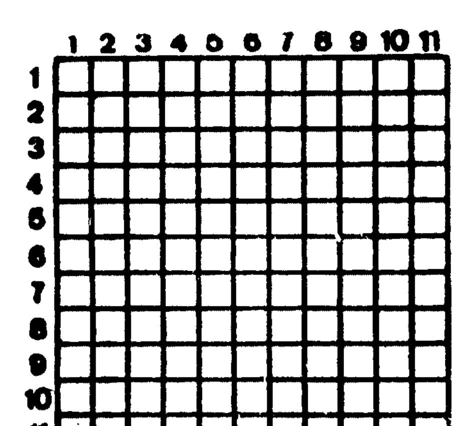
Provérbio: UM VALENTE ACHA OUTRO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9831

HORIZONTAIS: — Honraria (ant). Maçam (fig.) 2 — Naquele lugar. Bafio. 3 — Cidade da Ucrânia Grandes riquezas (Prov. trasm). Tronar. 4 — Calunia (Prov alent). Récua de sete camelos ou mulas. 5 — Cidade da Suíça. Perfume. 6 — Recrutou. 7 — Tempo do verbo haver. Espíritos Plutónio (s q). 8 — Ligara. Pequenos barcos de recreio 9 — Prendo. Catedrais. Pronome pessoal 10 — Casta de uva vermelha do Alentejo. Gostar muito de — Guarneceis de asas Conduzirá para cá

VERTICAIS: — Espécie de jogo popular Tumulo de pedra ou de terra que se encontra frequentemente no Peru e na Bolívia. 2 — Prendera com elos. Primeiramente. 3 — Golpeara. Letra grega 4 — Prefixo de negação Murar. Nesse lugar. 5 — Sovinas. 6 — Nome de Budo, na China. Samário (s. q) Pertences. 7 — Venerais 8 — Preposição Freguesia do concelho de Guimarães. Atmosfera. 9 — Talhou. Assunto 10 — Aguçam. Esfolar. 11 — Interjeição designativa de reprovação ou ódio Empregara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9830

HORIZONTIS: 1 — Abaiá. Saca 2 — Bolas Abadã. 3 — Ato Col. Sôr 4 — Rã. Caída Rã. 5 — Barroca. 6 — Be las Ba 7 — Moçã Mina. 8 — Irado. Coses. 9 — Sc Ou Ur. La. 10 — Soer Tear. 11 — Assas. Barro.

VERTICAIS: 1 — Abará Missa 2 — Bota. Barcos. 3 — Ala. Beça. És 4 — Ia Ca. Adora. 5 — Ascari. Au. 6 — Airas. 7 — Saldos Cu. 8 — Ab. Ac. Morta. 9 — Cãs. Abis. Er. 10 — Ador Anelar. 11 — Iaras. Ásaro.

gostoso
Tartex
MANTEM A LINHA

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

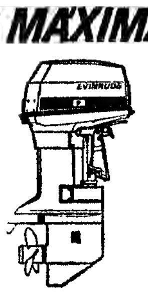
A C.P. INFORMA:

DESPACHO CENTRAL DE MONTE ARNEIRO

A partir de 4 de Agosto de 1971 todas as estações de caminho de ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes para Monte Arneiro

Por seu turno, no Despacho Central de Monte Arneiro, expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada

A MAIOR
EFICIÊNCIA DE UM V-4
PARA
AS MÁXIMAS VELOCIDADES



Extremamente baixo sobre o painel da popa e com mudanças electro-hidráulicas feitas em fracção de segundo, o EVINRUDE 125 HP obteve o "record" do mundo com Cesare Scotti ao volante do seu barco.
MUITOS ANOS DE USO
ALTO VALOR DE TROCA
EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94

TRANVIAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-LAGOS
A partir de 16 de Agosto de 1971

Vila R.Stº.Antº	P				6-35	7-25	8-30			10-20	[illegible]	12-05		14-10			15-30		17-05	18-46		19-05		21-05	23-00
Tavira	P				7-24	8-08	9-00			11-15		12-46		14-40			16-19		17-52	19-08		19-51	20-15	21-48	23-44
Fuseta-A	P				7-42	8-26	9-15			11-35		13-04	14-27	14-55			16-39		18-14	19-22		Chegada	20-35		0-02
Olhão	C / P				7-58	8-41	9-21			11-52	12-40	13-18	14-41	15-01			17-28		18-29	19-35			20-50	22-20	0-16
Faro	C				8-20	8-56	9-30			12-10	12-51	13-33	14-58	15-10			17-46		18-45	19-42			21-08	22-35	0-30
	P				8-35		9-31		11-55					15-12	15-55			17-50		19-44	20-00		21-10	22-40	
Loulé	P				9-12		9-51		12-27					15-32	16-20			18-20		20-04	20-30		21-45	23-07	
Albufeira	P				9-41		10-07		12-58					15-47	16-50			18-51		20-19	20-56		22-15	23-34	
Tunes	C				9-48		10-13		13-05					15-53	17-06			18-57		20-25	21-02		22-20	23-41	
	P	6-40	7-40	9-05	10-20		10-14	11-45	13-10					15-54	17-11	18-00		19-0[illegible]		20-27					
Alcantarilha	P	6-52	7-56	9-17	10-35		10-25	11-56	13-24					16-03	17-25	18-13		19-12		20-38					
Silves	P	7-06	8-14	9-32	10-48		10-34	12-08	13-38					16-14	17-40	18-27		19-26		20-49					
Estômbar	P	7-15	8-24	9-39	10-57		10-41	12-16	13-47					16-21	17-49	18-36		19-34		20-56					
Portimão	P	7-26	8-32	9-49	11-06		10-48	12-25	13-56					16-28	18-00	19-00		19-42		21-03					
Lagos	C	7-56	9-01	10-17	11-35		11-06	12-53	14-24					16-46	18-30	19-30		20-09		21-23					

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No 1.º Juízo Criminal prosseguiu o julgamento do «caso da herança Sommer», tendo terminado a inquirição do sr. dr. Fernando Cruz, testemunha apresentada pela defesa.

As primeiras perguntas feitas à testemunha pelo sr. dr. Manuel João da Palma Carlos, patrono do réu António Champalimaud, visaram definir a posição accionista deste último, na Empresa de Cimentos de Leiria, relativamente aos irmãos.

Na sequência do que afirmara no final da sessão anterior, o sr. dr. Fernando Cruz, ditando para a acta, como sempre, as suas próprias respostas, referiu:

À data em que teve lugar a compra das acções da Cardiga, estariam agrupados contra António Champalimaud, além dos seus três irmãos, Afonso de Sommer e Fernando de Sommer. A este grupo juntavam-se as acções pertencentes a Sommer & C.ª. Sei ainda que D. Albana tomou inicialmente uma posição que não foi de apoio a António Champalimaud. Embora não possa definir com rigor aritmético as posições relativas dos dois grupos, tenho a noção de que António Champalimaud dispunha de votos correspondentes a mais umas boas dezenas de milhares de acções do que o outro grupo. Essa diferença era, contudo, inferior ao lote de acções que pertencia à família Sommer da Cardiga.

— E daí quais as consequências? — quis saber o sr. dr. Palma Carlos.

Interveio então o presidente do tribunal, sr. dr. Bernardino de Sousa, que disse não compreender a pergunta, a qual — acrescentou — só parecia inteligível para inquiridor e inquirido.

Protesto do advogado:

— V. Ex.ª tem insinuado por várias vezes que o interrogatório é conduzido como se a testemunha tivesse conhecimento antecipado da pergunta.

E o presidente:

— Não insinuo, afirmo.

Tornou o sr. dr. Palma Carlos:

— Então, eu quero que a insinuação fique registada na acta, porque tenho o direito e a obrigação de mandar averiguar o caso.

Quando pôde responder à pergunta em causa, disse o sr. dr. Fernando Cruz:

— Esse lote decidiria da maioria nas assembleias gerais da E. C. L.?

Seguiu-se nova pergunta — e nova troca de palavras entre advogado e corregedor presidente:

— Quantas acções constituíam em 1957 o capital da E. C. L.? — perguntou à testemunha o sr. dr. Palma Carlos. — Em face do número das mesmas e dos votos que lhe correspondiam, explique como é que os votos desse lote decidiriam uma maioria nas assembleias gerais.

— Ao tribunal interessam factos e não opiniões — interrompeu o sr. dr. Bernardino de Sousa, dirigindo-se à testemunha, a qual, por sua vez, disse:

— Peço ao Tribunal que me forneça orientação para responder ás perguntas.

— É que eu não compreendo a pergunta — insistiu o magistrado.

— Desde o princípio que V. Ex.ª não compreende uma só pergunta minha — observou o advogado do réu ausente.

— Não admito observações dessas, sob pena de ter de reagir, mesmo contra vontade.

Ainda o sr. dr. Palma Carlos:

— V. Ex.ª só me tem dirigido observações que considero vexatórias.

— Isso é uma impressão subjectiva. Objectivamente, não são vexatórias.

Por fim, o sr. dr. Fernando Cruz continuou a depor:

— Esse capital era de 100 milhões de escudos dividido por 500 mil acções com o valor nominal de 200 escudos cada. Tendo em atenção o número de acções que se encontravam representadas nas assembleias gerais, o lote assim formado com as acções provenientes do grupo da Cardiga, seria superior a duas centenas de milhares de acções e asseguravam, portanto, a maioria nas votações.

Mais adiante, o sr. dr. Palma Carlos citou declarações — constantes dos autos — de Carlos Champalimaud, segundo as quais o sr. dr. Fernando Cruz, na qualidade de emissário de António Champalimaud, teria oferecido ao sr. dr. Azeredo Perdigão um lugar no conselho de administração da Siderurgia Nacional depois de aquele assistente haver pedido ao presidente da Fundação Gulbenkian que, como advogado, o representasse (pedido, aliás, que o sr. dr. Azeredo Perdigão declinara, informando estar disposto, tão-só, a intervir para fins conciliatórios). A este respeito, disse a testemunha:

— Representei, conjuntamente com o sr. dr. Azeredo Perdigão, a Sociedade Comercial Financeira em processo em que esta empresa esteve interessada, por tal via se tendo estabelecido contactos com Carlos e António Champalimaud. Recordo-me de haver pedido ao sr. dr. Azeredo Perdigão, a solicitação de António Champalimaud, que recebesse este no seu escritório. Mas nem tive com ele repetidas conversas sobre os problemas abertos entre os irmãos Champalimaud, nem o convidei (pois para tal não tinha capacidade) para desempenhar funções na administração da Siderurgia Nacional.

Interrompidos, então, os trabalhos (antes da hora habitual do intervalo, devido a indisposição do sr. dr. Palma Carlos), o sr. dr. Fernando Cruz ao reabrir a sessão, pediu autorização para completar aquela sua ultima declaração, dizendo então:

— Sei que, efectivamente, o sr. dr. Azeredo Perdigão foi convidado para fazer parte do conselho de administração da Siderurgia Nacional. Admito que, dadas as relações profissionais com aquele colega, eu lhe tenha pedido que recebesse em conferência António Champalimaud. É possível que lhe tenha tocado no objectivo dessa conferência, mas não tenho a menor recordação de haver tido neste assunto qualquer outra intervenção.

Tendo-lhe sido depois lidas outras declarações de Carlos Champalimaud, constantes dos autos, o sr. dr. Fernando Cruz deu também respostas negativas, ao ser-lhe pedida confirmação dos factos nelas referidos. Tratava-se entre outras, de declarações segundo as quais aquele assistente lhe teria solicitado, aliás sem êxito que intercedesse junto de António Champalimaud, no sentido de este lhe «dizer o que se passava com as sociedades», e ainda de que o sr. dr. Fernando Cruz se lhe teria substituído em diligências que efectuava, em representação da Companhia de Cimentos de Angola, junto do governo-geral desta província ultramarina. A esta última afirmação opôs a testemunha, desmentido formal, afirmando, em relação ás restantes, não ter dos factos citados a menor recordação.

Depois de obter esclarecimentos sobre outros pontos, o sr. dr. Palma Carlos deu por finda a inquirição da testemunha, que passou então a ser instada pelo adjunto do procurador da República, sr. dr. Antero Dinis. Aliás, dado o adiantado da hora, este magistrado só chegou a formular-lhe uma pergunta, respeitante a uma carta, apensa ao processo, que o sr. dr. Fernando Cruz enviou de Luanda, em 1954, a Carlos Champalimaud, que se encontrava em Lisboa, e a quem dava conta de assuntos de interesse para a Companhia de Cimentos de Angola. Tendo-lhe sido perguntado pelo acusador publico, não invalidaria a sua afirmação anterior de que nunca tratara de assuntos daquela empresa, ao nível de administração, com as autoridades dessa província, esclareceu o sr. dr. Fernando Cruz que se deslocara a Angola, apenas na qualidade de secretário-geral — que o era então — da Associação Industrial Portuguesa e de membro da comissão executiva da Feira das Industrias Portuguesas, realizada no ano em questão na capital daquela província.

O julgamento prossegue.

A barragem de Montargil é hoje um bom cartaz turístico alentejano, atraindo visitantes nacionais e estrangeiros em grande quantidade. Lamenta-se apenas que só haja para mostrar a barragem e pouco mais nesta bela zona — faltam estruturas adequadas para transformar a riqueza de potencial em efectiva. As gentes de Montargil gostariam que alguém pensasse nisso

FOI HOJE AUTOPSIADA A JOVEM PÁRA-QUEDISTA FALECIDA EM SINTRA

Foi hoje autopsiado o corpo da jovem Maria Isabel Bello de Serpa Pimentel que, como ontem noticiámos, encontrou a morte ao lançar-se de pára-quedas, da altura de 800 metros, sobre a Base Aérea de Sintra.

Maria Isabel efectuava o seu primeiro salto em queda livre, dentro do programa do curso de pára-quedismo civil que frequentava, promovido pelo Aero-Clube Universitário.

Natural de Évora, onde era aluna dos Estudos Superiores, a jovem aproveitava as férias, juntamente com outros entusiastas, para se iniciar na prática daquela modalidade desportiva. Tendo partido de manhã cedo, num pequeno monomotor civil, um «Cessna», do Aeródromo Conde de Monte Real, os aspirantes a pára-quedistas foram efectuar o salto na zona da Granja do Marquês.

Eram 8 horas quando Maria Isabel saltou do pequeno avião. O pára-quedas mecanico, porém, não se abriu e a inditosa jovem que, sem o pressentir, saltara para a morte, a uma velocidade vertiginosa, foi despedaçar-se no solo.

Além do pára-quedas automático, a jovem levava outro, como é de lei, que deveria accionar manualmente, se o primeiro se não abrisse. Talvez por avaria ou imperícia da candidata a pára-quedista, o certo é que o segundo não funcionou.

Maria Isabel Bello de Serpa Pimentel, que tinha 21 anos era filha de D. Fernando Serpa Pimentel e da sr.ª D. Isabel Bello Serpa Pimentel, residentes em Lisboa, mas que se encontravam a passar férias no Algarve. A jovem, que estava na residência de Verão dos pais, no Monte Estoril, não os acompanhara por estar a fazer o curso de pára-quedismo que a vitimou.

ASSISTENTES DO I.S.C.E.F.

Até ao dia 31, na secretaria do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, aceitam-se candidaturas para assistentes eventuais das cadeiras de Economia e de Matemáticas, entre pessoas que em licenciatura ou em curso superior adequados tenham obtido a informação final de «Bom» ou «Muito bom».

GRUPO PORTUGUÊS DE PRÉ-ESFORÇADO

Reuniu-se, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a assembleia geral do Grupo Português de Pré-Esforçado, cuja ordem de trabalhos foi preenchida com a discussão e aprovação do relatório e contas de gerência do ano transacto — após ouvido o parecer do conselho fiscal — e eleição dos corpos gerentes para o biénio 1971-72, agora assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, prof. Joaquim Sarmento; secretário, eng. Luiz Arouca.

Direcção — presidente, eng. Julio Ferry Borges; vice-presidente, eng. Teixeira Trigo; secretários, engs. Canha da Piedade e Aurélio Morujão; vogais, engs. Fernandes Vaz e Brazão Farinha; tesoureiro, eng. Abel Santiago.

Conselho fiscal — presidente, eng. Joaquim Santos Viseu; vogal secretário, eng.º Lourenço Antunes; vogal relator, eng.º António Cachapuz.

O Grupo Português de Pré-Esforçado é uma associação de carácter científico e técnico cujo objectivo principal é o intercambio com a Federação Internacional do Pré-Esforçado (F. I. P.) e a divulgação no meio nacional das técnicas de pré-esforço utilizadas pela engenharia civil na construção de estruturas, designadamente em edifícios e pontes.

A ARBITRAGEM NO CONFLITO CAIXEIROS-EDUARDO MARTINS

Foi homologada pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência a decisão do Tribunal Arbitral constituído para resolver o conflito entre o Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissionais Similares do Distrito de Lisboa e a empresa Eduardo Martins & C.ª Ltd.

Foi, igualmente, homologada a acta de Conciliação, mas com as necessárias ressalvas, tendo em conta o art.º 55, n.º 3, do Decreto-Lei 49 408 e diversas disposições das portarias da Regulamentação de Trabalho e Ordenados Mínimos para os empregados do comércio de 7-11-70 e 9-8-71, que fixam um regime mais favorável para os trabalhadores do que o acordado pela empresa e aquele Sindicato.

MORTE SÚBITA

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já mirta ao Hospital de S. José a sr.ª D. Clementina de Jesus Martins Custódio, de 49 anos, residente na Av. Infante D. Henrique, 15, em Rio de Mouro, onde tinha adoecido súbitamente.

MANUEL NUNES FREITAS

MISSA 7.º DIA

Irene Pereira da Cunha Freitas, Manuel Pereira Nunes de Freitas e mais família, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que, amanhã, sexta-feira, dia 20, pelas 11,30 horas, na Igreja de São Domingos, será rezada missa pelo eterno descanso de seu saudoso marido, pai e parente.

Agradecem desde já a todas as pessoas que se dignem a assistir a este piedoso acto.

PRÉDIO DE RENDIMENTO EM CASCAIS

TOTALMENTE ALUGADO

PROPRIEDADE JOAQUIM BARAONA
AV. VALBOM, 28-1.º Dto.
Telefs. 282345-282388
CASCAIS

VENDE-SE EM ÓPTIMO LOCAL COM BOA CONSTRUÇÃO E TOTALMENTE ALUGADO

PREÇO: 1.500.000$00

Tratar com JOAQUIM BARAONA
AV. VALBOM, 28, 1.º, — Tel.: 28 23 45 e 28 23 88 — CASCAIS

INVASÃO DE CIENTISTAS

LIMA (Peru), [illegible] — Cerca de 500 cientistas da América Latina, Japão e de outros países estão prontos para invadir o alto de Mururoa, no Sul do Pacífico, no próximo ano, a fim de protestarem contra os ensaios nucleares franceses, segundo afirmou nesta capital um proeminente cientista peruano.

O professor Bernardo Batievsky, do Instituto Geofísico do Peru, declarou a jornalistas que contactos foram já estabelecidos com cientistas de vários países, ameaçados pela radioactividade das experiências francesas, e cerca de meio milhar manifestou o desejo de participar numa invasão de protesto.

Um entusiasta do Japão ofereceu-se, também para colocar um navio á disposição dos «invasores» — acrescentou o professor.

O Peru preveniu que cortaria as relações diplomáticas com a França senão fossem suspensos os ensaios nucleares em Mururoa.

Actualidade internacional

REBELIÃO DOS SINDICATOS CONTRA NIXON

WASHINGTON, 19 — (R.) — As medidas de austeridade económica anunciadas pelo presidente Nixon, nomeadamente o congelamento dos salários por 90 dias, depararam hoje com forte resistência por parte dos sindicatos, que não aceitam a suspensão imediata das greves.

A posição do Governo é de que não vale a pena as greves continuarem neste momento, na medida em que os salários não podem ser aumentados nos próximos três meses.

No entanto, milhares de estivadores da costa do Pacífico e funcionários dos telefones de Nova York recusaram-se a abandonar as suas greves e o mesmo fizeram cerca de 150 000 operários da construção civil, que participam em numerosas greves, por todo o país.

Esta rebelião dos sindicatos deixou o Governo na alternativa de ter de tomar medidas ou pedir aos tribunais que apliquem multas aos grevistas.

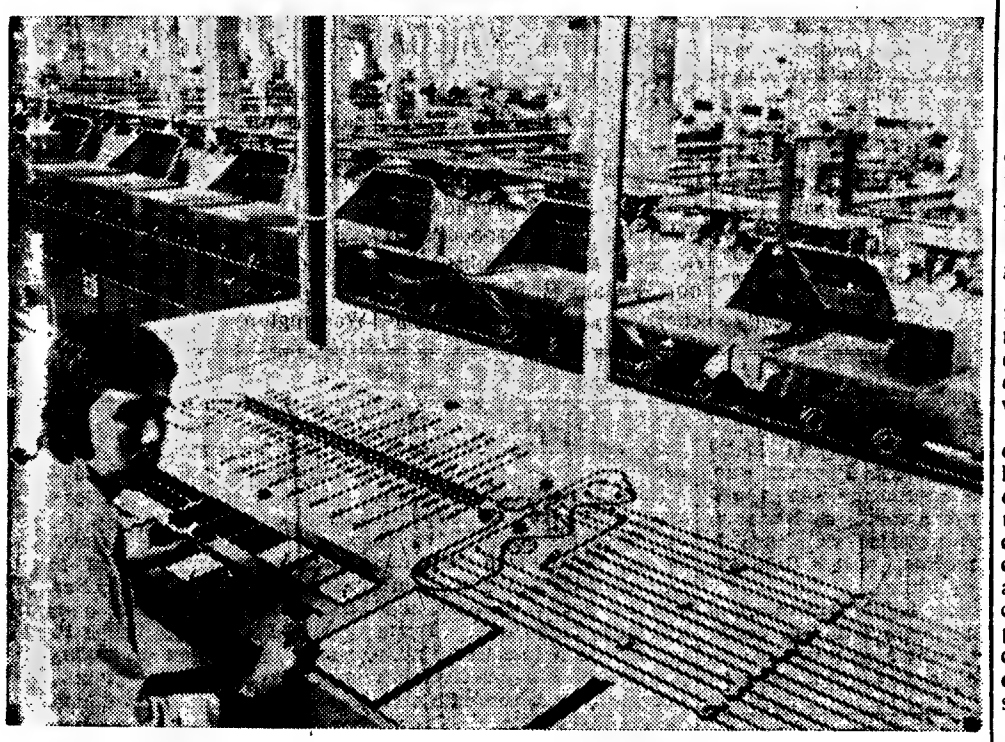
A atitude intransigente dos operários foi sublinhada pelo presidente do sindicato dos operários da industria automóvel, Leonard Woodcock, o qual ameaçou cancelar os contratos de trabalho com as fábricas de Detroit, se o congelamento dos salários se prolongar para além dos 90 dias e não forem respeitados os aumentos já previstos nesses contratos.

Por seu turno, o chefe do sindicato dos maquinistas e da industria aeronáutica declarou: «O chefe do executivo tornou-se o chefe dos fura-greves.

Dois colaboradores do presidente vão ter hoje uma reunião de importancia vital com George Meany e outros dirigentes da Federação Americana do Trabalho e do Congresso das Organizações Industriais (AFL-CIO).

Esta central sindical é uma das mais poderosas nos Estados Unidos mas não fazem parte dela os estivadores e os operários da industria automóvel.

Os dirigentes da AFL-CIO vão interrogar os representantes governamentais, antes de decidirem qual a atitude a tomar perante o pedido de Nixon aos operários para que aceitem sacrifícios temporários e voltem ao trabalho.



OS MAIORES INSTALAÇÕES de transbordo aéreo entraram ao serviço no aeroporto de Frankfurt, o maior da República Federal Alemã. Automatização total e um computador permitiram reduzir o pessoal a um único homem, que dirige a carga instalado numa torre de «contrôle». Capacidade: 360 000 toneladas, o dobro do movimento em 1970

Provável revalorização da moeda japonesa

TÓQUIO, 19 — (F. P.) — O Governo japonês admitiu, hoje, que o Yen deveria ser valorizado, segundo anuncia uma fonte bem informada.

O Governo apresentará como condição para a revalorização do Yen um ajustamento internacional prévio das moedas de base, através de consultas multilaterais, porque o Japão não aceitará revalorizar sòzinho a sua moeda.

O Governo, segundo se indica deixará primeiramente flutuar o Yen, segundo o exemplo dos países da Comunidade Europeia, porque se espera em Tóquio que a conferência dos ministros das Finanças das Nações da Comunidade, que se inicia hoje, decida deixar flutuar as suas moedas.

O jornal económico «Nihon-Keizai», que diz basear-se em personalidades chegadas ao Governo, afirma que os Estados Unidos pediram ao Japão uma valorização do Yen de 25 por cento

O ministro japonês das Finanças e o Banco do Japão suspenderam hoje virtualmente as transacções em divisas estrangeiras, ao restringirem severamente a compra destas divisas aos Bancos estrangeiros e ao renovarem as instruções anteriores relativas a uma aplicação rigorosa da regulamentação respeitante á conversão do Yen.

A Bolsa de Valores de Tóquio estava quase paralisada esta manhã, pelo afluxo de ordens de venda para a quase totalidade dos valores cotados.

PRESOS FUGIRAM DE HELICÓPTERO

CIDADE DO MÉXICO, 19 — (A. N. I.) — Dois homens fugiram da prisão de segurança máxima da Cidade do México, utilizando um helicóptero que desceu no pátio da cadeia.

Os fugitivos são o norte-americano Joel David Kaplan, de 41 anos, condenado, por assassínio, a 28 anos de prisão, e o venezuelano Carlos António Contreras Castro, que cumpria uma sentença de sete anos, por falsificação.

O helicóptero chegou a ser captado pelo radar do aeroporto internacional da Cidade do México mas desapareceu do «écran» antes de poder ser interceptado.

OS «QUATROS GRANDES» À BEIRA DE UM ACORDO ACERCA DE BERLIM

BERLIM-OESTE, 19 — (R.) — Os embaixadores das quatro grandes potências encontram-se á beira de um acordo sobre Berlim, após uma sessão de negociações que se prolongou por 14 horas e só terminou de madrugada — disseram hoje fontes bem informadas.

Os representantes da Grã-Bretanha, da França, dos Estados Unidos e da U. R. S. S. decidiram interromper os trabalhos, aparentemente para consultarem os respectivos governos, e voltar a reunir-se na próxima segunda-feira.

Segundo as mesmas fontes, a ultima sessão maratona permitiu alcançar um acordo substancial sobre todas as questões relacionadas com o complexo problema de Berlim, pelo que a reunião de segunda-feira deverá ser apenas para dar os retoques finais ao texto de um acordo dos «quatro grandes».

No final da sessão da noite passada, o embaixador soviético, Piotr Abrasimov, foi o mais expansivo dos quatro diplomatas, dizendo aos jornalistas: «Tudo está bem quando acaba bem».

O embaixador francês mostrou-se também satisfeito e declarou: «Progredimos hoje muito». Para o embaixador americano, Kenneth Rush, foi «uma boa sessão».

Segundo os observadores locais, se as negociações ficarem concluídas na segunda-feira, o texto do acordo deverá estar aprovado e publicado até ao fim deste mês, iniciando-se depois uma nova fase de negociações entre as partes directamente interessadas na sua aplicação: as duas Alemanhas e as autoridades de Berlim-Oeste.

Do acordo final depende ainda a ratificação pelo Governo de Bonn do seu tratado de não-agressão assinado há um ano com a União Soviética.

REGULAÇÃO DOS NASCIMENTOS NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 19 — (F. P.) — Os jornais cariocas de ontem anunciaram que está a ser posto em prática, em seis cidades do Estado do Rio Grande do Norte, um programa de regulamentação dos nascimentos com fundos fornecidos pelo Banco Mundial.

Em função dos resultados obtidos, o programa poderá ser alargado a outras regiões do país.

FOI EXPELIDO DO AVIÃO POR ENGANO

LJUNGBYHED (Suécia), 19 — (A. N. I.) — Um oficial belga puxou pela argola errada num avião de treino da Força Aérea sueca Saab 105, a jacto, e foi expelido do avião, á altitude de 6500 metros.

O oficial, um tenente-coronel, membro de uma delegação militar belga que visitava a escola de treinos da Força Aérea, de Ljungbyhed, desceu são e salvo, de pára-quedas, próximo da pequena aldeia de Pjaetteryd, a mais de 50 quilómetros da base aérea.

Um helicóptero reconduziu-o á base.

O oficial belga pretendeu ajustar o cinto de segurança a meio da viagem, mas deve ter puxado a argola errada, activando assim o maquinismo de catapultagem, que o expeliu do avião.

INTENSIFICA-SE A OFENSIVA DOS GUERRILHEIROS VIETNAMITAS NA FRENTE NORTE

SAIGÃO, 9 — (F. P.) — A ofensiva norte-vietnamiana contra a linha de defesa da frente norte intensificou-se e ampliou-se durante as ultimas horas, apesar de um diluvio de bombas sem precedentes.

Durante mais de 24 horas, entre terça-feira e quarta, travou-se um violento combate a quatro quilómetros do acampamento Carroll e as perdas foram pesadas para ambos os lados.

Os norte-vietnamitas tiveram 143 mortos e abandonaram 36 armas diversas, incluindo lança-chamas. As perdas governamentais foram de 22 mortos e 46 feridos, segundo um comunicado sul-vietnamita.

Apesar dos incessantes bombardeamentos da artilharia terrestre e naval americanas e das intervenções dos helicópteros armados e dos caças-bombardeiros, os reforços norte-americanos e o material pesado continuam a chegar, para apoio da ofensiva.

Estes reforços vêm pela nova estrada construída pelos norte-vietnamitas através de uma parte da zona desmilitarizada.

A estrada é bombardeada diàriamente pelos aviões estratégicos «B-52», que ontem fizeram oito saídas.

Espera-se que a intensidade da ofensiva norte-vietnamita aumente ainda mais para assinalar, hoje, o 26.º aniversário da subida ao Poder do presidente Ho Chi Minh e para acompanhar, ao mesmo tempo, a importante campanha de recrutamento em curso no Vietnam do Norte.

Desde há algumas semanas, tanto os jornais como as estações de rádio do Vietnam do Norte lançam apelos aos jovens para se juntarem ás Forças Armadas e pedem ás unidades militares que intensifiquem a sua preparação.

OS TUPAMAROS RAPTARAM OUTRO INDUSTRIAL

MONTEVIDEU, 19 — (F. P.) — O director de uma empresa frigorífica uruguaia, Luiz Fernandez Llado, de 54 anos, foi raptado, ontem, pelos guerrilheiros urbanos — tupamaros —, soube-se de fonte próxima da Polícia. A informação não foi, todavia, confirmada oficialmente, devido á censura que existe no Uruguai.

Fernandez Llado chefia uma empresa com capitais totalmente uruguaios e está em excelentes relações com os sindicatos. Deste modo, os observadores da capital são de opinião que o novo refém, o décimo terceiro, deverá substituir, na «prisão popular» dos Tupamaros, Jorge Gutierrez, industrial de tecidos, que será solto brevemente. Segundo determinadas informações, os 350 000 dólares de resgate, pedidos pelos guerrilheiros em troca da libertação de Gutierrez, teriam sido efectivamente pagos.

Fernandez Llado é o sexto refém em poder dos guerrilheiros, que já soltaram sete das pessoas que raptaram. O preso mais antigo é Geoffrey Jackson, embaixador da Grã-Bretanha em Montevideu, raptado há mais de sete meses.

REUNIÃO DECISIVA EM BRUXELAS

(Continuação da 1.ª página)

oferta e da procura mas que estava disposta a considerar um sistema duplo de cambios, distinguindo entre as genuinas transacções comerciais entre países e as operações de bolsa meramente especulativas.

Por seu turno, o Governo de Bonn salientou que o marco continuaria a flutuar como até agora mas propôs que os Seis alarguem a margem de flutuação das suas moedas em relação ao dólar, por um lado, e, por outro, reduzam a margem de oscilação entre as moedas europeias.

Numa tentativa para conciliar as duas posições divergentes, a comissão executiva do Mercado Comum preparou uma solução em três pontos que procura incorporar ambas. Se esta tentativa de conciliação vai resultar ou não ainda é cedo para saber, mas os observadores são unanimes em dizer que se os Seis não conseguirem chegar a acordo sobre uma posição comum nesta importante questão monetária, as consequências para o futuro da comunidade serão graves.

Na sequência da conferência de hoje em Bruxelas admite-se que venha a realizar-se uma conferência de ambito mais vasto, reunindo os dez países mais industrializados não comunistas, incluindo o Japão.

Os seis decidiram igualmente consultar a Grã-Bretanha e, por isso, o chanceler do Tesouro, Anthony Barber, desloca-se de Londres a Bruxelas, para se avistar com os ministros dos Seis num intervalo das suas deliberaçõe á porta fechada. Amanhã, estão previstas consultas entre os Seis e os outro países candidatos ao Mercado Comum — Irlanda Dinamarca e Noruega.

O conselho ministerial dos Seis vai ocupar-se ainda da sobretaxa ás importaçõe nos Estados Unidos, a qual anula todas as concessões alfandegária feitas nos ultimos anos pelo Governo americano.

Fontes bem informadas disseram entretanto que o plano de três pontos elaborado pela comissão executiva para ser hoje apreciado pelos ministros obedece ás seguintes bases:

— Maior margem de flutuação para as moedas da comunidade no que diz respeito ás transacções comerciais com terceiros, o que equivale a uma flutuação conjunta e controlada em relação ao dólar.

— Quanto ás operações financeiras com outros países, os membros da comunidade cuja moeda já é flutuante — Alemanha e Holanda — poderiam continuar a manter esse procedimento e os restantes membros ficavam livres de os imitar em vão.

— Nas transacções entre si, os Seis manteriam paridades fixas, com uma margem de flutuação reduzida, o que constituiria um passo no sentido da sua maior coesão monetária.

O TROMPETISTA GILLESPIE CANDIDATA-SE À PRESIDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

NOVA YORK, 19 — (R.) — O trompetista de «jazz» Dizzy Gillespie, que já tocou para o presidente Nixon na Casa Branca, gostou tanto de lá ir que decidiu candidatar-se ás próximas eleições presidenciais, na esperana de poder ficar ali a viver.

O famoso musico de «jazz» anunciou a sua candidatura ontem, num programa de Rádio, e garantiu que falava a sério.

«Não vou candidatar-me apenas por brincadeira. Tenciono fazer tudo para obter o maior numero de votos possível, especialmente entre os jovens.

«Gostaria de ter a oportunidade de mostrar ao povo americano o que é um verdadeiro patriota. Os outros candidatos entram na eleição para conquistarem o Poder para eles. Eu apenas desejo trabalhar para bem do povo e para garantir a todos a paz e a tranquilidade».

Gillespie revelou que teve pela primeira vez a ideia de se candidatar precisamente quando conversava com o presidente Nixon, na Casa Branca, há alguns meses. O trompetista tem feito frequentes viagens «de boa vontade» ao estrangeiro, sob os auspícios do Governo americano, e durante a sua conversa na Casa Branca o presidente sugeriu-lhe que fizesse outra.

Foi nessa altura — revela Gillespie —, que se fez luz no seu espírito e percebeu que a Casa Branca seria o local mais indicado para quem, como ele, estivesse interessado em solucionar os males que afligem o Mundo.

Ellsworth Bunker vai ser substituído?

SAIGÃO, 19 — (A. N. I.) — O embaixador norte-americano no Vietnam do Sul, Ellsworth Bunker, regressou a Saigão esta madrugada, no meio de forte especulação de que vai ser substituído por William E. Sullivan, que chefia o grupo de coordenação norte-americano-sul-vietnamita, ou por Leonard F. Unger, embaixador na Tailandia.

Bunker chegou esta madrugada a Saigão, depois de dez dias de consultas em Washington.

SURDO-MUDO ABATIDO POR UM SOLDADO BRITÂNICO NA IRLANDA DO NORTE

BELFAST, 19 (F. P.) — A morte de um surdo-mudo, abatido ontem á noite por um soldado britanico durante uma manifestação em Strabane, esteve prestes a provocar uma onda de furor entre a minoria católica da Irlanda do Norte. Aconteceu que não só a vítima, devido ao seu defeito, não pôde ouvir as ordens que lhe eram dirigidas pelos militares, mas também, segundo numerosas testemunhas, não estava armada como o afirmaram as forças da ordem.

Segundo foi dito pelas testemunhas, o surdo-mudo não tinha na mão uma pistola mas uma bala de borracha, disparada pouco antes por um soldado e que ele apanhara do chão.

No actual estado de tensão, semelhante incidente poderia ter tido graves consequências, tanto mais que a detenção ontem, em Londonderry, de dois deputados da Oposição — John Hume e Ivan Cooper — provocara já uma emoção considerável, embora ambos tenham sido posteriormente libertados sob caução. Os dois deputados permaneceram de braços erguidos virados para uma parede, durante uma hora, antes de serem levados a um posto da polícia.

Deram-se outros incidentes durante a noite em Stradane, onde Bernadette Devlin falara durante uma reunião. Um estabelecimento e vários automóveis foram incendiados. Em Duncamon, os manifestantes também incendiaram um estabelecimento, depois de uma reunião relativa aos direitos cívicos.

O projecto grego de lei de Imprensa foi modificado

ATENAS, 19 — (F. P.) — O projecto de lei que regula a profissão de jornalista, profundamente modificado pelo Governo em face da oposição manifestada pelos jornalistas, será examinado na próxima terça-feira pela «comissão consultiva» (o chamado «pequeno parlamento»), antes da sua aprovação definitiva por parte das autoridades gregas.

Este projecto de lei precisa as vantagens concedidas aos correspondentes de Imprensa estrangeiros: tarifas especiais para as comunicações telefónicas e telegráficas e suspensão de taxas na importação de automóveis para uso profissional.

O Governo renunciou, por outro lado, a instituir conselhos de disciplina e a encarregar-se da nomeação dos respectivos membros. Tais comissões serão exclusivamente constituídas por membros da classe e escolhidos por esta.

A união dos redactores dos jornais de Atenas reune-se amanhã em assembleia geral, para se pronunciar sobre o projecto de lei na sua forma actual.

VIAGENS AO BRASIL

COM 27% DE DESCONTO

Ida e Volta de Lisboa para:	Preço Normal	Novas tarifas * excursão com taxa incluída
Rio de Janeiro	21.398$30	15.625$10
São Paulo	21.990$50	16.057$70
Recife	19.611$20	14.317$00
Brasília	21.398$30	15.625$10
Belo Horizonte	21.398$30	15.625$10
Porto Alegre	23.185$30	16.928$10

Em vigor desde 15 de Setembro até 15 de Abril de 1972, as nossas tarifas de classe económica para o Brasil oferecem uma redução de 27 %.
Isto significa que a sua oportunidade de realizar a viagem que sempre imaginou, foi aumentada exactamente nessa proporção: 27 %.
Essas condições são válidas para portugueses ou brasileiros com Carteira de Residência em Portugal.

* *As condições especiais relativas às novas TARIFAS DE EXCURSÃO serão reconhecidas na sua Agência de Viagens IATA ou na VARIG.*

VARIG Linhas Aéreas Brasileiras

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Os dois golos de Abel não chegaram

O FUTEBOL EM EQUAÇÃO

HOJE: HAVERÁ (OU NÃO) SORTEIO DOS «NACIONAIS»?

Cinco Associações nortenhas de futebol (apoiadas por outras quatro) solicitaram urgente audiência ao ministro da Educação Nacional e aconselharam os clubes que representam a impugnarem, hoje, os sorteios dos Campeonatos Nacionais das três divisões.

No termo de uma reunião, efectuada na A. F. Porto, foi emitido o comunicado e enviado o telegrama que a seguir reproduzimos:

As associações signatárias, reunidas na sede da Associação de Futebol do Porto, entendem, por unanimidade, subscrever o seguinte comunicado:

A) Considerando que os mais lídimos interesses do futebol português vêm sendo sucessivamente postergados pela orientação que ao mesmo tem sido dada pela direcção da Federação Portuguesa de Futebol, nomeadamente no que se refere ás informações prestadas pela Direcção-Geral dos Desportos que, por omissivas tendenciosas e inexactas, induziram em erro este organismo;

B) Considerando que dessas informações não constam quaisquer referências aos recursos, tempestiva e legalmente interpostos pelos filiados da Associação de Futebol do Porto, Leixões Sport Clube e Futebol Clube do Porto, cuja falta de julgamento impede o conhecimento das classificações do respectivo campeonato e a sua consequente homologação, omissão essa que impediu a Direcção-Geral dos Desportos de se pronunciar sobre os referidos recursos, não os podendo pois considerar aquando do despacho proferido a propósito do pedido de homologação das decisões de 24 de Julho ultimo;

C) Considerando também que esta atitude da direcção da F. P. F. em tudo contrasta com a sua arbitrária decisão, por incompetente, de apelidar de recurso, mencionando até o seu efeito, o acto de mera secretaria provocado pelas Associações de Futebol de Santarém, Leiria e Lisboa, cuja existência se apressou a comunicar á Direcção-Geral dos Desportos, não referindo, no entanto, que do mesmo se deveria excluir o problema do alargamento para a época de 1971-72, uma vez que votado por unanimidade e, portanto, também, por aquelas associações;

D) Considerando ainda que pela direcção da F. P. F. não foi dado cumprimento como lhe competia, ao despacho do sr. presidente do Congresso que, aquando da demissão de alguns dos elementos componentes do Conselho Superior de Justiça, ordenou de imediato que se procedesse ás eleições para preenchimento das respectivas vagas, sendo certo, ao que parece, que este órgão reunia então e reune ainda, condições de legal funcionamento;

E) Considerando igualmente que a direcção da F. P. F., dando prova real de inequívoca inversão de valores, sempre parecendo mais preocupada na realização dos interesses das Apostas Mutuas Desportivas que na prossecução dos altos interesses do futebol nacional, fazendo este depender daquelas, entendeu ilegal e inoportunamente marcar o sorteio do calendário das provas oficiais, sorteio esse de execução impossível;

F) Considerando, finalmente, que tal procedimento da direcção da Federação Portuguesa de Futebol, e de certo modo paralelamente acompanhado pela actuação de alguns dos seus órgãos e outros, os unicos responsáveis pela actuação (digo) pela actual crise do futebol português.

Decidem:

1. Aconselharem todos os clubes seus filiados concorrentes ás provas federativas a, conjuntamente com os seus congéneres da Associação de Futebol do Porto, impugnar a realização do sorteio dos calendários das provas oficiais.

2. Reprovar a actuação da F. P. F. em tudo contrária aos interesses da grande maioria dos clubes do futebol nacional.

3. Reprovar as actuações do Conselho Superior de Justiça e do Conselho Jurisdicional que, com as suas inoportunas demissões, no termo dos seus mandatos, concorreram decisivamente para a actual crise do futebol português.

4. Solicitar imediata audiência ao sr. ministro da Educação Nacional, a fim de ser dado completo e circunstanciado conhecimento a Sua Ex.ª de todas as anomalias que impedem a desejável e normal prossecução dos mais válidos interesses do futebol nacional.

a) ASSOCIAÇÕES DE FUTEBOL DE AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO E PORTO.

Tem o voto de concordância da Associação de Futebol do Funchal, manifestando-se de acordo com os fins da reunião. Não presentes, embora por impossibilidade, as Associações de Futebol de Angola e Moçambique.

O telegrama enviado ao ministro da Educação Nacional é do teor seguinte:

Excelência:

Clubes filiados Associação Futebol do Porto reunidos sede deste organismo independentemente medidas que entenderem dever tomar para prestígio e salvaguarda mais altos interesses futebol português solicitam muito respeitosamente V. Ex.ª se digne ordenar imediata suspensão sorteio calendário jogos iniqua arbitrária e ilegalmente marcado próximo dia 19 pela direcção Federação Portuguesa Futebol motivo sua absoluta inexiquibilidade atento total desconhecimento classificações ultimo Campeonato Nacional Primeira Divisão não homologado devido recursos legal e atempadamente interpostos nossos filiados Futebol Clube Porto e Leixões Sport Clube ainda não julgados por inoportuna demissão órgão competente. Respeitosas saudações desportivos. (a) Presidente direcção Associação Futebol Porto.

As divisões

Continuam marcados para as 18 horas de hoje os sorteios dos campeonatos nacionais que compreendem os seguintes clubes:

I DIVISÃO — Benfica, Sporting, F. C. do Porto, Vitória de Setubal, Académica, Belenenses, Boavista, Barreirense, C. U. F., Farense, Vitória de Guimarães, Tirsense, Beira-Mar e Atlético.

II DIVISÃO — *Zona Norte:* Leixões, Varzim, Marinhense, União de Lamas, Sporting de Espinho, Riopele, Salgueiros, Sporting de Braga, Famalicão, Penafiel, Gouveia, União de Coimbra, Alba e Gil Vicente.

Zona Sul: União de Tomar, Montijo, Peniche, Olhanense, Oriental, Tramagal, Portimonense, Sesimbra, Torriense, Torres Novas, Sintrense, União de Leiria, Cova da Piedade e Nazarenos.

III DIVISÃO — *Zona A:* Alijoense, Fafe, Limianos, Vizela, Bragança, Chaves, Leça, Lourosa, Vieira do Minho, Vila-Novense, Freamunde, Mirandela, Vianense, Vila Real, Régua e Lamego.

Zona B — Ala Arriba, Ovarense, Vale-Cambrense, Sanjoanense, Naval 1.º de Maio, Académica Viseu, Norte e Soure, Minas da Panasqueira, Feirense, Anadia, Marialvas, Mortágua, Sporting da Covilhã, Celoricense, Eirense e Oliveirense.

Zona C — Alhandra, Caldas, Casa Pia, Amiense, Alferrarede, Alverca, Estoril, Portalegrense, Elvas, Odivelas, Calipolense, Bombarralense, Estrela Portalegre, Leiria e Marrazes, Sacavenense e U. Almeirim.

Zona D — Almada, Amora, Esperança de Lagos, Serpa, Grandolense, União de Montemor, Juventude de Évora, Lusitano de Vila Real, Lusitano de Évora, Luso, Paio Pires, Seixal, Silves, Faro e Benfica, União Moitense e Vasco da Gama.

F. C. PORTO, 2 - OLIMPIJA, 3

O Porto vencido nas Antas mas agradando ao seu público

O «team» de António Teixeira fez ontem, á noite, a sua apresentação aos adeptos do F. C. Porto, defrontando no Estádio das Antas a equipa do Olimpija, da Jugoslávia. E, se o resultado foi desfavorável aos «azuis-brancos», a verdade é que estes não decepcionaram, se atendermos a que estamos em princípio da época e, consequentemente, a afinar algumas arestas.

Com efeito, o F. C. Porto apresentou-se desenvolto, a praticar um futebol bastante movimentado e de troca de bola ao primeiro toque, em passes longos ou curtos, especialmente nas «tabelinhas», onde se viu que houve especial cuidado, pois estes movimentos fizeram-se com bastante precisão, particularmente junto da linha da entrada da grande área, o que embaraçou (de certo modo) o adversário.

Além do mais, o transporte de bola da defesa para o ataque foi quase perfeito (perfeito mesmo de quando em vez) e sem grande perda de tempo, pois em dois ou três toques a bola já andava por entre os defensores adversários. Isto quer dizer que a equipa das Antas nos pareceu mais afoita para o golo, relativamente ao que nos foi dado observar na época passada.

Não gostámos, porém, do seu sector defensivo. Ali, apenas um homem merece referência especial: Armando Manhiça, elemento que vem sobressaindo de jogo para jogo e que, neste princípio de época, se apresentou perfeitamente á altura. Os restantes estão ainda longe de atingirem o seu valor. Rolando, por exemplo, esteve muito longe de si mesmo, contribuindo até para a derrota da equipa ao marcar na sua própria baliza o segundo golo jugoslavo.

O Olimpija é uma boa equipa, composta por elementos bastante jovens e de excelente craveira técnica. Além do mais, estão muito bem preparados atleticamente e talvez aqui tivesse residido o facto de terem saído vencedores. Aproveitaram (e muito bem) uma ligeira quebra dos «azuis-brancos» e, embalados pelo golo que Rolando lhes «ofereceu», atiraram-se mais para a frente e conseguiram outro, aquele que lhes veio a dar o triunfo final.

Armando Paraty arbitrou bem e as equipas alinharam:

F. C. PORTO — Rui; Gualter, Manhiça, Rolando e Leopoldo; Pavão, Bené (depois Oliveira) e Ricardo; Abel, Lemos e Nóbrega.

OLIMPIJA — Shnij; Milevoje, Srbu, Gamatovic e Goshi; Popadie, Rozie (depois Kapjozic) e Deki; Pejovic, Becejac e Oblak.

Marcadores: Abel (2), Rolando (nas próprias balizas) Pejovic e Kapjozic.

FERNANDO PASSOS

O Inverno já começou para os esquiadores alpinos da Republica Federal da Alemanha. Um dos exercícios de treino em pleno Verão é demonstrado aqui por Rosi Mittermaier (colocada na décima posição da escala mundial pela Federação Internacional de Esqui) a todos os seus companheiros da equipa nacional alemã de esqui. Depois dos treinos sem esquis, a preparação segue nos cumes dos Alpes, a unica região na Europa Central e Ocidental onde se pode treinar, sobre neve, a descida, o «slalom» e o «slalom» especial. Esta preparação da equipa nacional alemã de esqui é absolutamente necessária devido aos Jogos Olímpicos de Inverno, em Sapporo, no Japão, a realizar também em 1972

ÁRBITROS VETADOS

Nove clubes vetaram árbitros, em relação á época futebolística que se aproxima:

ACADÉMICA: João Calado, Joaquim Campos, Joaquim Freire, José Porfírio Silva e Mário Alves.

BARREIRENSE: António Espanhol, Armando Paratty, Carlos Lopes, Joaquim Campos e José Porfírio Silva.

SPORTING: Ernesto Borrego, Henrique Silva, José Porfírio Silva, Manuel Fortunato e Mário Alves.

OLHANENSE: António Saldanha Ribeiro, Diamantino Vidal, José Rosa Nunes, Mário Alves e Rogério Crespo.

RIOPELE: Fernando Leite e Rogério Moreira.

SALGUEIROS: Amadeu Martins, Fernando Melo Acursio e José Porfírio Silva.

UNIÃO DE COIMBRA: António Garrido e João Gomes.

COVA DA PIEDADE: Carlos Bica.

VASCO DA GAMA: Fernando Campos Santos.

José Porfírio Silva (4 citações) é o árbitro menos desejado...

HOJE À NOITE

FUTEBOL — Torneio de Giralda, em Sevilha: Atlético de Sevilha-Triana, ás 21.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato da Europa de Juniores, em Iserichn; Itália-Bélgica, ás 20; Alemanha-Suíça, ás 20 e 50; e Portugal-Holanda, ás 21 e 40.

Torneio de Encerramento de Lisboa (Taça Neves Barreto): Oeiras-C. U. F., Paredes-Sporting e C. Ourique Paço de Arcos, ás 22, nos rinques dos primeiros.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EUROPEU DE JUNIORES EM HÓQUEI PATINADO

ARRANCADA PARA O TÍTULO: PORTUGAL VENCEU A ESPANHA (4-3)

Os juniores portugueses continuam a sua vitoriosa campanha no «europeu» de hóquei patinado. Ontem, depois de estarem a perder por 0-3, os nossos raparazes conseguiram bater a Espanha por 4-3,

Fernando Gomes da Costa: o tento final

logrando (então) um domínio absoluto no rinque.

As equipas:

PORTUGAL — Elias; Manuel Pereira, Quim, Virgílio, Chana, Fernando Gomes da Costa, António Gomes da Costa e Bravo.

ESPANHA — Grasas; Anito, Ávila, Fidalgo e Ibarz, Riera, Palet. Guarda-redes suplente: Tamburini.

Movimentação do resultado: Aos 2 minutos, Ibarz (1-0); aos 3 minutos, Avila (2-0); aos 4 minutos, Fidalgo (3-0); Quim, aos 12 minutos (1-3); António, aos 24 minutos (2-3); António, aos 26 minutos (3-3); e Fernando, aos 28 minutos (4-3).

A equipa espanhola fêz três golos de rajada, em contraste completo com o *espelho* da partida: favorável á movimentação do jóvem «cinco» português. No primeiro tento, o árbitro apitou para assinalar uma falta: mas, sem o jogo parar, a Espanha abriu o activo... Logo a seguir, o golo de Ávila só foi possível pela precipitação defensiva de Elias: que, inadvertidamente, facilitou a entrada da bola na sua rede. E o terceiro tento, de recarga imprevista, era indefensável.

A entrada em campo dos irmãos Gomes da Costa (quando faltavam 7 minutos para o termo da primeira metade do desafio) veio pôr *ordem na casa*. Também a troca Quim-Virgílio resultou: num lance individual, Quim *abateu* a desvantagem e abriu o caminho para a recuperação.

António e Fernando Gomes da Costa, em alarde de excelente forma física e técnica, construiram depois o triunfo: indesmentível.

Quando o árbitro alemão Brandt deu o jogo como terminado, os emigrantes portugueses que enchiam o recinto de Iserlohn entraram no terreno e levaram aos ombros os nossos atletas.

A Espanha alegando que um dos tentos portugueses foi conseguido após apito do árbitro para interromper a partida, protestou o jogo. Curioso: o primeiro golo espanhol resultou exactamente de um caso absolutamente idêntico...

Outros resultados da jornada: Suíça, 5-Bélgica, 4, e Itália 1-Alemanha, 0.

Jogam hoje (antepenultimo dia): Portugal-Bélgica, Itália-Inglaterra e França-Suíça, de tarde; Itália-Bélgica, Alemanha-Suíça e Portugal-Holanda, á noite.

O protesto

A Espanha apresentou uma reclamação oficial contra o árbitro do encontro de hóquei em patins do campeonato europeu de juniores em que perdeu com Portugal por 4-3.

Os dirigentes espanhóis alegam que o juiz da partida fez uma arbitragem «*descaradamente favorável aos portugueses*». Acrescentam que a Espanha «*a ganhar por 3-1 no primeiro tempo, foi claramente prejudicada pelo juiz que, entre outros caprichos, teve o de validar um golo marcado pelos portugueses quando havia previamente apitado a assinalar uma falta, o que levou os espanhóis a deterem a sua acção defensiva*».

Forte concorrência dos seus próprios atletas teve a equipa de «yole de oito» da Republica Federal da Alemanha, com a chamada equipa rebelde de remo «yole de oito com timoneiro», na fotografia. Apesar de o «professor de remo» Karl Adam (director da Academia de Remo de Ratzeburgo) não pretender formar este ano uma equipa própria de remo, estes atletas apresentaram-se-lhe para treinarem sob as suas ordens. Entretanto, os «rebeldes» tornaram-se uma verdadeira concorrência para a equipa nacional alemã, de tal forma que o Conselho Desportivo da Federação Alemã de Remo decidiu, no final deste ano desportivo, dissolver ambas as equipas de remo. Após vários testes será formada uma nova equipa de «yole de oito com timoneiro» que defenderá as aspirações alemãs durante os Jogos Olímpicos de 1972, em Munique

JOGOS JUVENIS

SETÚBAL

10.ª jornada de FUTEBOL DE 5 (Escalão C — Série A): Académica de Setubal B-Bairro Nicolau B, 8-2; Biesau-Basket Juvenil, 0-4; Blue Star-Camarinha, 9-1. Série C: Lago F. C.-Celtic, 4-8; Quinta da Alegria-Bairro Nicolau A, 3-3; Stella Maris-Magníficos, 10-1; Leões da Fonte Nova-Bairro da Conceição B, 2-1. Série F: Brejos-Estrela Luminosa B, 7-1; Aldeia da Piedade-Botafogo, 0-6. MINIANDEBOL (Escalão B — Série A): Casal de Figueiras-Celtas, 2-5; Torreirense B-Torreirense A, 2-15; Brejos-Bombeiros de Palmela, 10-5.

MOITA

8.ª jornada de FUTEBOL DE 9 (Escalão C — Série B): União Banheirense - C. R. I. (Alhos Vedros), 0-1; Arroteense-Racing, 2-0. ANDEBOL DE 7 (Escalão D): Capricho A.-Real Banheirense, 6-19. VOLEIBOL (Escalão E): Real Banheirense-União Banheirense, 2-0; Ginásio Banheirense-União Moitense, 1-2.

BARREIRO

8.ª jornada de ANDEBOL 7 (Escalão B — Série B): Barreirense B-Sporting Lavradiense, 21-1. Série A: União-Figueirense, 14-9; Juventude-Independente, 10-10. MINIBASQUETEBOL (Escalão A — Série B): Amoreirense-1.º de Maio, 12-3.

SEIXAL

9.ª jornada de BASQUETEBOL (Escalão C): Ginásio de Corroios-Sociedade Arrentelense, v-f. c.; Cavaquinhas-Seixal, 12-23; (2.ª Série): Académica do Seixal-Fogueteiro, v.-f. c.; Dezoito F. C.-Monte dos Índios, f. c.-v.; Monte dos Índios - Académica do Seixal, 14-18; Fogueteiro-Seixal, 0-51. Escalão D (2.ª Série): Centro Paroquial de Amora B-Centro Paroquial de Amora C, 22-2; Dezoito F. C.-Fogueteiro, f. c. ás duas equipas. (1.ª Série) Seixal - Centro Paroquial de Amora A, 70-8. MINIBASQUETEBOL (Escalão R): Mini Águias-Sociedade Arrentelense, f. c. ás duas equipas; Seixal - Académica do Seixal, v.-f. c.; Académica do Seixal.-Ginásio de Corroios, f. c.-v.; Sociedade Arrentelense - Seixal F. C., f. c.-v. (2.ª Série): Fogueteiro-Cavaquinhas, 4-32; Centro Paroquial de Amora-Dezoito F. C., 0-20; Cavaquinhas-Seixal, 15-10; Dezoito F. C.-Fogueteiro, 12-3.

As equipas de minibasquetebol (Escalão B) da Académica do Seixal e Sociedade Arrentelense foram eliminadas da competição por terem duas faltas de comparência.

VELEJADORES PORTUGUESES NUM «MUNDIAL»

Seguem hoje para Inglaterra, as duas tripulações juvenis que vão tomar parte na disputa das provas de vela para o Campeonato do Mundo, na classe «cadete», a iniciar no próximo sábado, em Whitstable

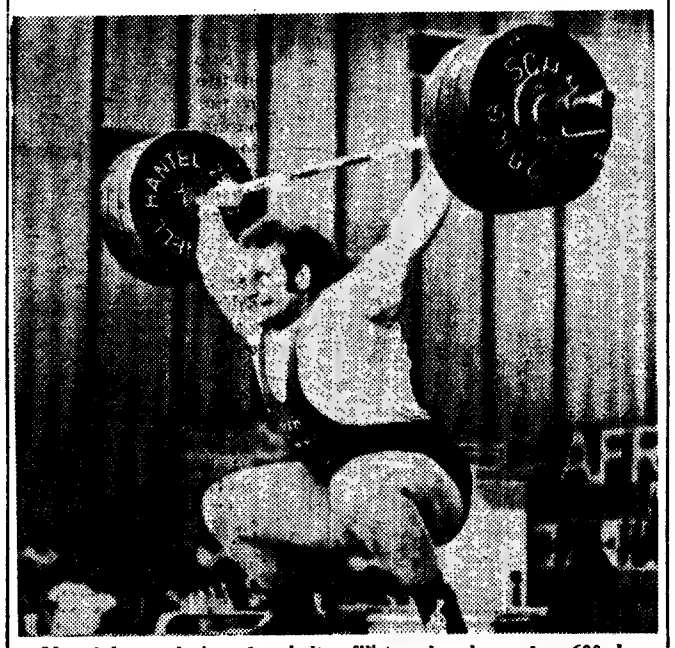
A nossa representação é constituída por José Ortigão Ramos e Carlos Martins, do Centro Nacional Juvenil de Remo e Marinharia de Lisboa, e por Eurico Abreu e Luís Santos, do Centro de Actividades Juvenis de Faro.

Estas tripulações, que foram as que melhores classificações obtiveram nas provas de selecção oportunamente realizadas, são acompanhadas pelo orientador técnico António Afonso dos Santos.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



No clube exclusivo dos halterofilistas da classe dos 600 kg entrou o jovem de 21 anos Rudolf Mang (imagem), de Bellengerg, no Sul da Republica Federal da Alemanha. Adquiriu a qualidade de membro nos campeonatos europeus de pesos e halteres, em Sófia (Bulgária), situando-se em terceiro lugar depois dos dois russos Alexejew (630 kg) e Batischew (607,5 kg) com a marca de 602,5 kg no triatlo olímpico. Além dos três mencionados, apenas o belga Reding pertence ainda ao círculo dos homens que podem levantar mais de seiscentos quilos

EQUIPAS PORTUGUESAS EM ESPANHA

DERROTAS EXPRESSIVAS DO ATLÉTICO E DO BOAVISTA

Não foram felizes as equipas portuguesas de futebol que ontem actuaram em Espanha, pois tanto o Atlético como o Boavista perderam os jogos que lhes coube disputar — e qualquer deles, ainda, por margem expressiva.

Em Sevilha, a contar para o XI Troféu Giralda, o Atlético saiu derrotado por 4-0 frente ao Triana de Balompié, da 3.ª Divisão espanhola. Nenhuma das equipas jogou bem mas foi a do Atlético a pior das duas, embora com a atenuante da pouca sorte. Efectivamente, o primeiro golo dos espanhóis foi marcado por Durand, nas próprias balizas — o que naturalmente perturbou o «onze» lisboeta.

O Atlético utilizou os seguintes jogadores: Carvalho; Bernardo, Durand, Candeias e Valdemar; Pedras e Orlando (Semedo); Vieira (Nogueira), Prieto (Rui), Leitão e Raimundo.

Aos 14 minutos da segunda parte, Leitão e Carvalho foram expulsos.

Ao intervalo: 2-0.

*

Entretanto, em Madrid, o Boavista não teve quaisquer hipóteses de contrariar a categorizada equipa polaca do Gornik, perdendo por 4-1, com 2-0 ao intervalo.

A natural falta de entrosagem da equipa treinada por Meirim e a excelente capacidade do conjunto polaco estão na origem da diferença verificada no final.

O Boavista apresentou: Vítor Cabral; Gaspar, Mário João, Barbosa (Amandio) e Lino; Celso (Branco) e Aleixo; Fraguito, Moura, Moinhos e Zeca Pereira (Tai).

O golo dos portuenses foi marcado a um minuto do fim, por Moinhos, na transformação de uma grande penalidade.

XADREZ

DURÃO E CORDOVIL EM BERGA (ESPANHA)

Os *mestres* nacionais de xadrez Joaquim Durão e João Cordovil participam no torneio internacional aberto, que se efectua na cidade espanhola de Berga, de 21 a 31 do corrente.

JOAQUIM ANDRADE DE «AMARELO» EM ANGOLA

NOVA LISBOA, 19 — (L.) — Joaquim Andrade (Fagor) venceu a terceira etapa do «VIII Grande Prémio Nocal», disputada ontem á noite em Nova Lisboa, no Estádio Cosme Damião, e é o novo «camisola amarela».

Disputada no sistema de contra-relógio, com os concorrentes divididos em 4 séries, a etapa proporcionou a Joaquim Andrade o tempo de 13 minutos e 02 segundos para as 22 voltas do percurso, num total de 9 km, á média de 41,430 km/h. Os vencedores das outras séries, respectivos tempos e médias, foram os seguintes:

2.º, Mário Miranda (Coelima), 13 minutos e 55 segundos, 38,800 km/h.

3.º, Joaquim Moreira (Coelima), 13 m. 41 s., 39,470 km/h.

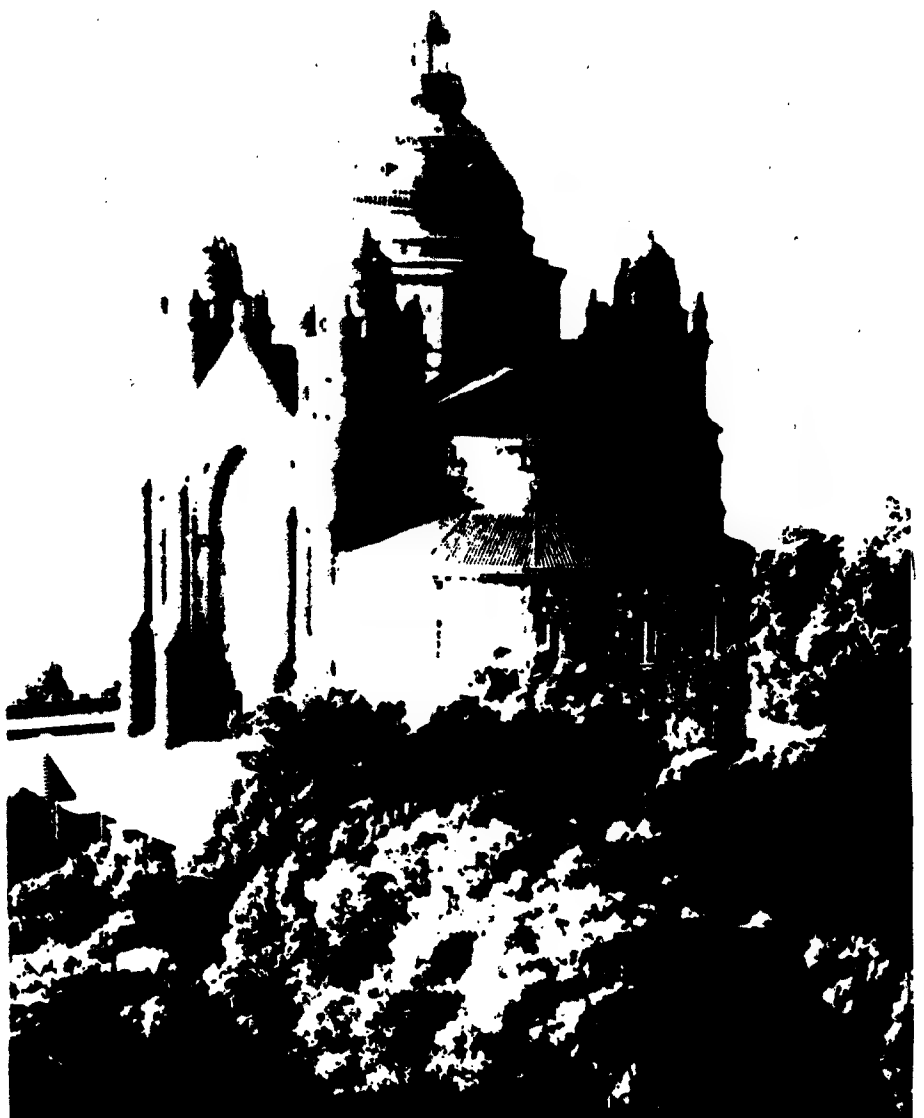
4.º, Carlos Dias (Lavandaria Coimbra), 14 m. 04 s., 38,380 km/h.

Com partida ás 11 horas, disputa-se hoje a 4.ª etapa, entre Nova Lisboa e Santa Comba, numa distancia de 200 km.

Joaquim Andrade: na Fagor, no Sangalhos e novamente na Fagor. Tudo na mesma temporada. Agora, de «amarelo» nas estradas de Angola

EXPRESSO POPULAR

A VIANA DO CASTELO
em 22 de Agosto de 1971



FESTAS
DA SENHORA DA AGONIA

HORÁRIO

5.15 ↓ ..... Lisboa (Santa Apolónia) ..... ↑ 8.27

11.45 ↓ ..... Viana do Castelo ..... ↑ 1.40

PREÇO

Ida e volta, em segunda classe **150$00**

VENDA DE BILHETES

Nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124, e nos Despachos Centrais de Lisboa.

Caminhos de Ferro Portugueses

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fabrica, Av 5 de Outubro, 288, c/a. esq (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% ..	450$	450$	—
Consolidado 3%	462$	—	—
Consolidado 4 3/4% ...	580$	—	—
Centenários 4%	1.318$	—	—
Obrigs Tesouro 5% ...	1.000$	—	1.000$
Externo ' Série	—	575$	—
Externo ' Série c. ...	—	585$	595$
Externo 3 Série	—	700$	750$
Externo 3' Série c ...	—	730$	—
Cautelas 3 Série	—	160$	170$
OBRIGAÇÕES			
Agua. Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	865$	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	840$	—
C P 5 1/2% 67	—	—	970$
C U F 6%	955$	950$	955$
C U F 6% 68	930$	930$	955$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51 ...	—	—	870$
Gas Elect 5% 5[illegible]	—	875$	880$
Gás Elect 5% 53	—	—	840$
Gás Elect 5% 59	—	—	840$
Gás Elect 5% 6[illegible]	—	961$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	970$
Gas Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5% .	—	—	—
H E Cávado 5% ..	—	750$	760$
H S Cávado 6%	—	—	—
H E Douro 5% .	750$	750$	—
H E Douro 6%	—	—	980$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6% ..	—	—	—
H E Zêzere 5% 55 .	775$	770$	—
H E Zêzere 5% 57 .	—	770$	—
Lisnave 6%	—	950$	—
Metropolitano 4%	—	885$	900$
Metropolitano 5 3/4%...	—	985$	—
Moçambique 5%	—	—	660$
Nac Elect 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Saca 5% 54	—	936$	—
Saca 5% 60	840$	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonefe 5%	815$	815$	—
T A P 4%	—	910$	—
Termoelec Port 5% ...	—	750$	760$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	92$5
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	75$	75$	—
U E P 5% 60	—	740$	—
U E P 5% 63	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel 366066/7

Teleg ALMEIRO ——— Telex 47 ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	2.150$	2.200$
Alentejo	1.148$	1.145$	1.150$
Angola	4.160$	4.150$	4.170$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	8.900$	8.900$	8.950$
E Santo	7.000$	6.995$	7.005$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas & p.	—	25.000$	—
Fomento	—	—	2.850$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n.	—	—	—
P Atlantico p	6.750$	6.730$	6.770$
Portugal n	—	—	3.500$
Portugal p	—	—	—
Totta Aliança	4.598$	4.598$	4.600$
Ultramarino n	4.100$	4.100$	4.110$
Ultramarino p.	4.530$	4.520$	4.530$
Seguros			
Alentejo	141$5	141$	142$
Douro	—	—	—
Mundial	965$	960$	970$
Sagres	—	3.000$	3.500$
Tranquilidade	—	85.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açucar de Angola	700$	700$	710$
Ag Cosseguel	730$	725$	735$
Ag Incomah	—	—	1.650$
Ag Neves	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag s Tomé e Principe	—	—	205$
Boror	—	—	—
Buz	—	70$5	71$
Cabinda	175$	175$	80$
Diamantes Angola	2.000$	1.990$	2.020$
H E Revué	610$	600$	—
Ilha do Principe	—	570$	700$
Moçambique	—	178$	80$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	—	390$	—
Zambezia	—	65$5	66$5
Diversas			
Cidla	—	—	—
Cim Leiria	—	4.000$	4.300$
Cim Tejo	—	—	—
Co Navegação	1.490$	1.490$	1.520$
C U F	1.550$	1.550$	1.570$
TAP	1.420$	1.400$	1.500$
Ina Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	3 750$
Petroquimica	—	1.200$	—
Port e Colónias	990$	980$	1.000$
Port Celulose	—	3 700$	—
Port Pesca	—	—	70$
Port Tabacos	575$	573$	577$
Sacor	3 870$	3.850$	3.880$
Siderurgia Nac	2.400$	2.400$	2.410$
Soce	3 440$	3 420$	3 450$
Tabacos de Portugal ...	1.500$	1.500$	—
Tabaqueira	—	—	6.300$
U F Azoto	628$	625$	630$
Agua. Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Elect Beira	—	—	690$
Gás Electr	368$	367$	369$
H E Alto Alentejo	180$	179$5	181$
H E Norte Portugal ...	235$	235$	236$
H E S Estrela	—	—	—
C P Electricidade ...	1.129$	1.128$	1.129$
C P Electricidade n ...	1.112$	1.110$	1.111$
C P Electricidade 969	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	—	193$	94$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	196$4	202$3
FIDES	—	122$8	126$5

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTACÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	12-8-71	18-8-71	19-8-71
GERAL	150,8	153,1	**152,9**
METROPOL. ...	148,6	150,6	**150,4**
ULTRAM.	166,6	171,6	**171,6**

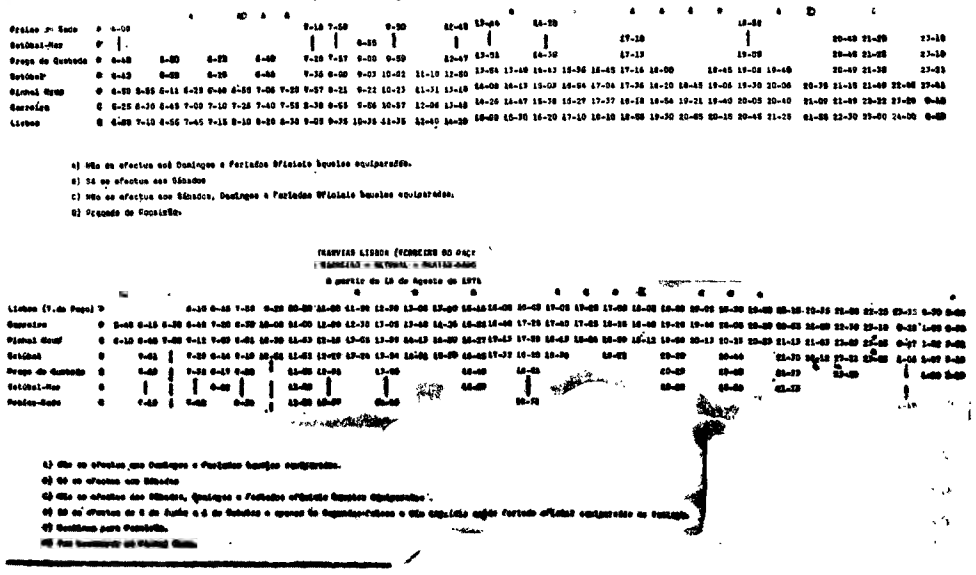
PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	$5$00	$7$50
Alemanha — Marco ..	8$[illegible]	8$45
América:		
— Dollars de e 4 ..	—$—	28$30
— . de 5 a 20 ...	—$—	28$60
— . de 50 a 000	—$—	28$70
Argentina — Peso Novo	4$00	5$50
Austria — Schilling	$ 4	$ 9
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	3$70	5$00
Canadá — Dólar	27$40	28$00
Dinamarca — Coroa ...	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$405	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$90	8$25
Inglaterra — Libra	68$30	10$30
Itália — Lira	$044	$047
Marrocos - Dirham	5$00	5$60
Noruega Coroa	5$35	5$65
Suécia - Coroa	3$85	4$15
Suiça Franco	5$95	7$20
Ouro		
Inglaterra—Libra sade	305$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra ...	39$50	41$50

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Papéis de credito
Notas estrangeiras
Tel. 23 12 78

A C. P. INFORMA:



CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
Telef. 54153
Grupo D — 18 anos
HOJE, ás 21.30 FINALMENTE! ESTREIA
Melina Mercouri em
NUNCA AO DOMINGO
Às 15.15, 18.15 — ULTIMAS EXIBIÇÕES — A INCRÍVEL AVENTURA—Grupo B. 10 anos

ODEON
Telef. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Grupo D. (Maiores 18 anos)
18.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
Só até Domingo — Últimas
A PISCINA
com Alain Delon e Romy Schneider
UM APAIXONANTE DRAMA DE AMOR, CIÚME E CRIME
Eastmancolor

ALVALADE
Tel. 717480
(Grupo D - 18 anos)
Às 15.30 e 21.45
Uma comédia picante onde o amor pela mulher é mais forte que o amor pelo dinheiro
D. JUAN NA SICILIA
c/ Lando Buzzanca, Stefania Careddo e Katia Cristina

LIDO
Grupo B — (M. 10 anos)
Às 21,30 horas
Um filme dinâmico, moderno e com óptimas canções!!
A RAPARIGA DO AUTOCARRO
com Glen Campbel e Carol Lynley

TIVOLI
Tel. 50595
(Grupo D - 18 anos)
Às 15, 18.15 e 21.30
INGRID BERGMAN e ANTHONY QUINN
num êxito que regressa
A VISITA
Cinemascope

POLITEAMA
Tel. 326305
HOJE: DE TARDE E À NOITE NOVO PROGRAMA SENSACIONAL
4 SESSÕES — Preços Especiais
Às 14.30 e 17 horas: A obra-prima de HOWARD HAWKS
ELDORADO
com JOHN WAYNE e ROBERT MITCHUM
(Tecnicolor)—G. B—M 10 anos
Às 19 e 22 horas: A excepcional realização de SERGIO SOLIMA em alto nível de «suspense»
CIDADE VIOLENTA
com CHARLES BRONSON e TELLY SAVALAS
(Scope-Col.)—G. C—M 14 anos

LUX
Telef. 48560
Às 21 horas
4.ª semana de «Susexo»
AGÊNCIA DE VIGARICES
Duelo sem tréguas
(Grupo D- M. 18 anos)

IMPERIAL
Tel 821933
(Grupo C — M. 14 anos)
Às 21 horas
A LUTA DE UM HOMEM
O SARGENTO RYKER

APOLO 70
Av. Júlio Dinis — Tel. 763319
Grupo D (18 anos)
Às 14.30 16.45 e 21.45
6.ª SEMANA
A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO
OS AMORES DE UMA LOIRA
Uma obra-prima de MILOS FORMAN
HOJE, ás 19: **RIO CONCHOS**, de Gordon Dougias, com Richard Boone e Stuart Whitnon (Adultos)

VOX
Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA TRIUNFAL!
Grupo D — M 18 anos
JEAN-PIERRE CASSEL
e **STÉPHANE AUDRAN** num filme onde o amor, o ódio e o oportunismo se conjugam alicantemente
A RUPTURA

EUROPA
Tel. 661016
(Grupo B-M 10 anos)
Às 15.15-21.30
70 m/m — Metrocolor
A maior aventura jamais filmada
A CONQUISTA DO OESTE
c/ Carroll Baker-Lee J. Cobb e Henry Fonda

AVIS
Tel 47163
(Grupo B-M. 10 anos)
Às 15.30 e 21.45
Deliciosa comédia musical
ROUBARAM O MEU CORAÇÃO
Gianni Morandi - Elisabetta Wu Nino Taranto

PRINCIPE REAL
Tel. 610375
Às 21.30 horas
Grupo B — (M. 18 anos)
CRIME NO BOSQUE
com Suzy Kendall e Frank Finlay

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
Às 15 e 21 h
HOA BINN — COLUNA DE CINZAS
O PRESIDIÁRIO

CONDES
Telefs 322523-326710
(Grupo B M 10 anos)
4 SESSÕES
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Charles Bronson, em
O CALIFORNIA
COLORIDO

EDEN
(Grupo B 10 anos) Tel. 320768
Às 15.15-18.30 e 21.30
Um homem e uma mulher! Uma terra violenta onde construiram um mundo! Uma aventura que se tornou uma epopeia!
OS CONDENADOS
c/ John Miles-Begu Bridges-Jane Merrow.
Colorido Panavision

CASINO ESTORIL
Tel. 26462176
Grupo B — (M. 10 anos)
Às 17, e 21.30 horas
ANTES MORTO QUE VIVO
com: **Montgomery Wood (Giuliano Gemma), Nino Benventi, Cris Huort e António Casas**
Eastmancolor

BERNA
(M 10 anos) Tel 776098
6.ª SEMANA A RIR!
Às 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margolin na sensacional comédia colorida onde o imprevisto acontece sempre
O INIMIGO PUBLICO
Um êxito de gargalhadas!
— Ar condicionado

MUNDIAL
(M. 18 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Renaud Verley, Florence Latuma e Janet Agren na comédia sentimental
ACONTECEU NO VERÃO PASSADO...
Um filme colorido de **Michel Boisrond**
Ar condicionado

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30-18.30 e 21.45
Um filme de Jean-Luc Godard
PEDRO, O LOUCO
c/ Jean-Paul Belmondo e Anna Karina
Technicope-Technicolor

MONUMENTAL
Tel 555131
Grupo B — (M. 10 anos)
Às 15.15 e 21.30 h Sensacional regresso. Uma obra-prima da Cinematografia
RIO BRAVO
com John Wayne, Dean Martin e Ricki Nelson
Technicolor

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562632
Às 15.30 18.30 e 21.45 h.
26.ª SEMANA
Ultimas exibições
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneidy
Situado no edifício do Monumental

ROMA
Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Grupo D — (M 18 anos)
A divertida historia
2.ª SEMANA
DOIS A ITALIANA
com Sophia Loren e Vittorio Gassman
Technicolor

A
FEIRA POPULAR DE LISBOA
A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
É NO SEU PANORAMA DE CONJUNTO E EM TODOS OS ASPECTOS A DIVERSÃO QUE O POVO NÃO DISPENSA
«STANDS» DAS MAIS CONCEITUADAS FIRMAS APRESENTAM PRODUTOS FAMOSOS NUMA DEMONSTRAÇÃO DE ELEVADO VALOR
Todos os requisitos de conjunto ao ar livre
Requintado Serviço de Restaurantes
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
ABERTURA ÀS 19 HORAS

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só os borboletas são livres» (14 anos)
ESTUFA FRIA (C. M. L.) — Às 21 e 30: «Baton» (18 anos)
GIL VICENTE — Às 22 h.: «Ivone, princesa de Borgonha» (18 anos)
TEATRO MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Dois contra o Texas» (14 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «O rio da violência» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «King, o Homem Secreto» (10 anos).
IDEAL — Às 21: «Este difícil amor» (17 anos)
OLIMPIA — Às 19: «Os 7 homens do Texas» (10 anos).
PARIS — Às 21: «Vertigem de um assassino» (18 anos)
JARDIM — Às 21 h.: «Ursus»
ARCO ÍRIS — Às 21 h.: «A Batalha de Anzio» (10 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS—STADIUM—Às 21 e 30: «O marido infiel» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «Subterfúgio» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21 e 15: «Noivado à italiana» e «Carnaval de assassinos» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30. «Antes morto que vivo» (10 anos PALÁCIO — Às 21 e 30: «Quando beijas um desconhecido» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um elefante chamado Pole-Pole» (6 anos)
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «O ninho das víboras» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A fuga» (10 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «7 noivas para 7 irmãos» (10 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Johnny Hamlet» (17 anos)
COSTA DA CAPARICA — COPACABANA — Às 21: «Pistoleiro profissional» e «Com jeito vai... gritando» (17 anos)

● PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Convite ao pecado» (18 anos)
COLISEU — Às 2 e 30 «O grande Caruso» (10 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O Patife» (18 anos
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A honra da família» (17 anos).
ESTUDIO—Às 21 e 30: «Discussão no quarto» (18 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «A parede do escândalo» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A flecha sagrada» (10 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O destino marca a hora» (10 anos
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Os corredores da montanha» (14 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «King, homem secreto» (10 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Sakas acima» (17 anos).

● COIMBRA

TIVOLI — Às 21 e 30: «Encontro com a desonra» (18 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Doze mais uma» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E

AJUDA — Teles, R. João de Barros, 7 (tel. 638249)
ALCANTARA—Nogueira, R. da Crecne, 7 (telefone 63 635)
ALFAMA — Nacional, Rua S. João da Praça, 26 (tel 863632)
ALTO DE S. JOÃO — Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (telefone 842518) * **Oriente**, Rua Lopes, 20 (tel 84338)
ARCO DO CEGO — Palma, Av. Duque de Ávila, 25-3 (telefone 47088)
ALVALADE — Cartaxo, Avenida da Igreja, 21-C (tel 776358) * **Brisália**, Avenida Rio de Janeiro, 66-A (telef 722358) * **Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 2 (telef 72772), **Avis**, Avenida de Roma, 56-B (tel 715370)
AREEIRO — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (telefone 774920) * **João XXI**, Av. João XXI, 16-A (te 726462)
ARROIOS — Matos, Rua Álvaro Coutinho, 10 (tel 4047) * **Nunes**, Rua Ângela Pinto, 32 (t 497556)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, Rua do Salitre 7 (te 46858
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (ao cruzamento da Av. Barbosa du Bocage. (te 763107) * **Avenidas** Aven da Republica, 27-A (tel 533688) * **Império**, Rua Filipe Folque, 40-A (tel 48002)
BAIRRO ALTO — Veritas, R. da Misericórdia, 33 (tels 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, P. do Norte, (tel 31126)
BAIXA — Barral, Rua Augusta 225 (telefones 361534-5).
BELÉM — Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (tel 631699)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, Lote 2 (tel 703393) * **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (telefone 780027)
CALÇADA DA BOA HORA — Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (tel 63958)
CAMPOLIDE — Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (tel 680627) * **Leb**, Rua Rodrigo da Fonseca, 10 (tel 682333)
CAMPO DE OURIQUE—Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (tel 67667) * **Castro Fonseca** Rua 4 de infantaria, 28-A (telef 688857)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (te 780 81)
CONDE REDONDO — Ducal, Av. Duque Loulé, 21 (te 48946)
ESTEFÂNIA — Estefânia, Rua Pascoa de Melo, 90 (te 44438)
GRAÇA — Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (tel 862333) * **Rosas & Viegas**, R. de S. Vicente, 5 (t 864351)
LAPA — Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 39 (tel 667460).
LUMIAR — S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (te 790704) * **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel 790742
MADRAGOA — Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (telefone 661275)
MARQUES DE POMBAL — Ducal, Avenido Duque de Loulé 21 (tel 28946)
OLIVAIS — Nova dos Olivais, R. E, 1, Lote 469 (Olivais-Sul) (tel 316402)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas 10-A (telefone 842518)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (telefs 72835-720703)
RATO — Janeiro, Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (telefone 661453)
REGO — Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (tel 778953)
SANTA CATARINA — Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (tel 678896)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Aguiar, Aven Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (tels 764196-764629)
SOCORRO—Ferrão, R. da Mouraria, 12 (tel. 860464)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel 21208)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (te. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes 4 (t 2432039)
OEIRAS — Alcântara Guerreiro — Barro Residencial Dr. Augusto de Castro — Lote 0 (telef 243059)
PAREDE — Grincho — Av. da Republica 87 (Tel 247204
S. PEDRO DO ESTORIL—S. Pedro (Tel 263052)
ESTORIL — **S. João** (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Costa — Av. Saboia, 29-B (te 260085)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (tel 280078) * **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (tel 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA—Amadora—P. 28 de Maio 3-A (tel 935518) * **Carmelo** — R. Elias Garcia Lote 28 (tel 933303 * **Helénico** — R. Elias Garcia 7 (t 9336 3) * **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (tel 938703
DAMAIA — Confiança —Est. Militar, Lote D (Telefone 971023)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Telefone 950 71) * **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia 5 Te 950123)
CACEM — Central — R. Elias Garcia 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quinta. Est. Mem Martins 285 (te 29 00 21)
S. PEDRO DE SINTRA—Valentim (tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel 980058)
COLARES — Colares — Abreia (tel 299088)

● Outro Bando

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (te 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis 30 (tel 224020)
ALMADA — Cristo Rei — Av. do Cristo Rei, 31-A (telefone 273498)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional 14 (Tel 224302)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva 48 (Tel 2273207)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18 (t 270254)
MOITA — Silva Rocha, P. da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — Diogo, Rua Almirante Candido dos Reis, 42 (Tel 230032)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL — Costa — L. da Misericórdia (Telef 22760 * **Brasil** — P. do Brasil (Tel 24788)
SEIXAL — Soremanho, R. Paivo Coelho 38 (Tel 221860.

● PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Laureiro 94 (Telefone **Almeida Cunha, Lda.**, Rua Formosa 347 (t 24874) * **Antas** Av. Fernão de Magalhães 876 (Telefone 4 58 * **Barreiros**, R. de Serpa Pinto 8 (Telefone 40059 * **Clérigos**, R. dos Clérigos 36 (Telefone 35394 * **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348 (Te 23420) * **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43 (Tel 60 03) * **Guimarães**, Rua de Francos, 37 (Tel. 683739 * **Lidador**, Rua do Lidador 7 (Tel 683739) * **Lousada**, L. do Campo Lindo 62 (Tel 40353 * **Oriental**, Rua do Bonjardim 727 (Tel 27878) * **S. Roque da Lameira**, Rua S. R. da Lameira, 1111 (Te. 5 739) * **Soeiro**, R. de Santos Pousada, 71 (T 51314 * **Vasques**, R. da Condominhas 794 (Tel 680 3 * **Campos**, Rua Pedro Alvares Cabral, 943-Foz (Te 680118).

● COIMBRA

Dias Ferreira — Rua do Brasil (tel 26046) * **Silva Marques** — Rua do Sofia (telef. 23067) * **Santa Cruz** — Rua dos Padeiras (tel. 23569).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

DOIS MORTOS E SEIS FERIDOS NUM ACIDENTE EM ALENQUER

ALENQUER, 19 — Novo acidente nas estradas do País, custou hoje, de manhã, a vida a duas pessoas e atirou seis outras para as camas dos hospitais.

Cerca das 7 horas, no lugar de Batalheria, entre o Carregado e esta vila, uma furgoneta, conduzida por Júlio Maria Cabaço, chocou com uma camioneta de carga que rolava em direcção ao Norte do País. Após a colisão, o carro pesado tombou sobre um automóvel que vinha para Lisboa, com sete pessoas a bordo.

Do acidente resultou a morte imediata do condutor da furgoneta e de Joaquim Luís Martins da Cunha, de 50 anos, cozinheiro, residente no Largo do Conde Bonfim, 10, 3.º, esq., em Lisboa, e que conduzia o automóvel, recolhendo os corpos á morgue do cemitério local.

Do automóvel foram retirados seis feridos, que, depois de passarem pelo hospital de Alenquer, foram transportados ao Hospital de S. José, em Lisboa, pelos Bombeiros Voluntários de Alenquer e de Vila Franca de Xira. São eles, Maria José da Silva, de 48 anos, mulher do condutor do automóvel, e seu neto, Alexandre José Florêncio da Silva, de 7 anos; Ercília de Freitas, de 47 anos, residente na Estrada de Benfica, 401, 1.º, frente, e seus filhos, Francisco Abílio, de 12 anos, e José Alberto, de 10. Ficou ainda ferida no acidente uma sobrinha daquela senhora, Maria Adelaide Freitas Cordeiro, de 19 anos, auxiliar de arquivo, residente na Avenida Elias Garcia, 3, 2.º, em Lisboa.

Os seis feridos encontram-se internados em estado grave.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado ou limpo no Sul; o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 26°,8; mínima: Viseu, 9°,2.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 18°; Penhas Douradas, 8°; Coimbra, 18°; Portalegre, 14°; Lisboa, 20°; Faro, 22° e Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 16°,6; na atmosfera, 19°,5

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado, nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado ou limpo nas regiões do Sul; possibilidade de aguaceiros nas regiões do Norte; vento fraco e moderado de Noroeste; pequena subida de temperatura.

Amanhã
Nascer ás 6 e 54
Ocaso ás 20 e 26

Amanhã Dia 29 Dia 5 Dia 11

MARES:

PREIA-MAR — **Hoje:** 3 e 32 (3,7 m); 15 e 51 (4 m). **Dia 20:** 4 e 07 (3,8 m); 16 e 28 (4,1 m). **Dia 21:** 4 e 46 (3,9 m); 16 e 58 (4,2 m).
BAIXA-MAR — **Hoje:** 8 e 51 (1,3 m), 21 e 27 (1,1 m). **Dia 20:** 9 e 26 (1,2 m); 21 e 53 (1,m). **Dia 21:** 9 e 55 (1,1 m); 22 e 21 (1 m).

ENTREVISTA DOS MINISTROS DOS ESTRANGEIROS DA COSTA RICA E DE PORTUGAL

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Costa Rica, que se encontra entre nós, em visita oficial, avistou-se, hoje, de manhã, no Palácio das Necessidades, com o seu colega português.

Ao encontro, que decorreu no gabinete do ministro dr. Rui Patrício, assistiram os embaixadores dos dois países.

À tarde, o dr. Gonçala Fácio Segreda, depois de se inscrever no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, visita os Jerónimos, a Torre de Belém e a vila de Sintra. Ao fim do dia, no Palácio das Necessidades, é obsequiado pelo seu colega português com um banquete.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

45.719 — 4.200.000$
18.967 — 420.000$
28.587 — 240.000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

45.718 — 12.870$
45.720 — 12.870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

272	828	1975	2483	2913
3192	4108	8166	8504	10139
12066	12601	12881	21341	22103
22324	23632	23723	24630	28166
30044	30354	32085	32830	32840
35231	39127	41435	42172	44015
47332	48935.			

PRÉMIOS DE 480$00 (CENTENAS)

18 901 a 19 000; 28 501 a 28 600 e 45 701 a 45 800.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 419 ou 949, são contemplados com 1260$00, em cada bilhete; os terminados em 083, 522, 572 ou 904, são contemplados com 960$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 24, 33 ou 68, são contemplados com 600$00. Por último, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação —, seja 9, têm direito a 300$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

REUNIÃO DO MUNICÍPIO

(Continuação da 1.ª página)

sa e dos meios ao seu alcance, a mesquinhês das atitudes» — declarou.

A este respeito, o presidente reafirmou a sua decisão de não deixar o Município «enredar-se na teia desse jogo que não tem regra nem conhece limites.»

O São Luiz reabre a 25 de Outubro

Depois de uma intervenção do vereador Leopoldo Nunes, que deu conta da actividade da Comissão Municipal do Turismo, a que preside, na realização das Festas da Cidade, o eng.º Santos e Castro declarou aberto o período da ordem do dia, no início do qual deu algumas informações de que damos conta:

● O Teatro Municipal de São Luís deverá reabrir na noite de 25 de Outubro, com um concerto pela Orquestra Filarmónica de Lisboa. Embora não esteja ainda delineado o programa teatral a desenvolver, sob a direcção do dr. Luís Francisco Rebelo, prevê-se a realização de quatro concertos por mês. A direcção musical estará a cargo do maestro dr. Manuel Ivo Cruz.

● Foi ontem adjudicada a concessão para a construção e a exploração dos dois primeiros parques de estacionamento subterrâneos de Lisboa, um nos Restauradores para 460 automóveis e outro na Alamenda Afonso Henriques (ligada á estação do Metropolitano) para 620 veículos. A adjudicação foi feita ao único concorrente — Riguadiana S.A.R.L. — que apresentou uma proposta aceitável O parque dos Restauradores será construído em dez meses e o da Alameda em oito. Ao fim do quinto mês de trabalhos já o trânsito se deverá processar normalmente naqueles locais.

● Em Setembro serão postos a concurso mais dois parques: o do Largo Camões e o da Avenida Sidónio Pais.

● Foi adjudicado, provisòriamente, dentro do regime da concepção-construção, o nó da Avenida de Telheiras. Prazo da empreitada: 300 dias. Valor: 18 mil contos.

● Está aberto o concurso para a concessão do direito da superfície de um lote de terreno destinado a um grande hotel, junto á Avenida Gulbenkian Este edifício será o primeiro do prolongamento da Avenida da Liberdade (Avenida Salazar), pois fica com frente para esta e para a avenida que será o prolongamento da Avenida Ramalho Ortigão. O viaduto para este prolongamento sobre a Avenida Gulbenkian está em construção e abriu-se já o concurso para os trabalhos de pavimentação.

● Em 10 de Outubro encerra-se o concurso de concepção — construção da Avenida dos Combatentes (prolongamento da Avenida António Augusto de Aguiar) e do prolongamento da Avenida 28 de Maio até Sete Rios, cruzando com a primeira em nó desnivelado.

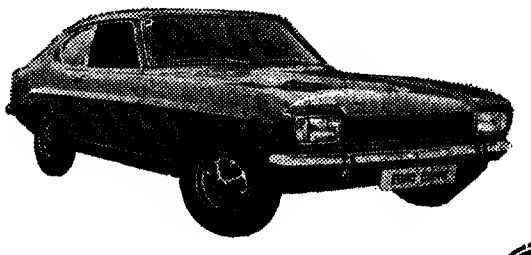
Cumprimentos ao Ministro do Interior

Por motivo da passagem do terceiro aniversário da sua posse, o dr. Gonçalves Rapazote, recebeu hoje, ao meio-dia cumprimentos do funcionalismo do Ministério do Interior e da oficialidade das corporações armadas dele dependente.

CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 HORAS
GALLOSO
A NOVA FIGURA DA TAUROMAQUIA DE ESPANHA
CHIBANGA O NOVO MATADOR DE TOIROS PORTUGUÊS
8 TOIROS do Eng. F. SOMMER DE ANDRADE
CAVALEIROS
GUSTAVO ZENKL
SOMMER DE ANDRADE
FORCADOS AMADORES DO MONTIJO

MAIS UMA SORTE GRANDE
MAIS 4200 CONTOS
Distribuidos hoje aos balcões da
CASA DA SORTE
1.º PRÉMIO — 45719
4200 CONTOS
Num bilhete com o Carimbo e a Sorte da
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

Capri
O CARRO SPORT MAIS FAMILIAR



MOTORES: 1300 — 1600 — 3000
E VERSÃO GT

Ford
stand moderno
RUA JOÃO SARAIVA, 15 – LISBOA – (Alvalade)
Telef. 71 10 65 (10 linhas)
SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Av. Fontes Pereira de Melo, 15 - A
Telef. 4 96 69
CONCESSIONÁRIOS FORD em LISBOA
CASCAIS – LOURES – OEIRAS – SINTRA – VILA FRANCA DE XIRA

NAS PÁGINAS CENTRAIS:

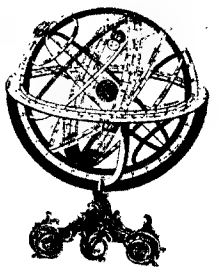
As respostas de Jorge de Sena

DL

SUPLEMENTO LITERÁRIO

675 ■ 19 DE AGOSTO ■ 1971

um texto de raul de carvalho



O QUE NÃO FOI RESPOSTA A UM INQUÉRITO

Ya se borraron
las sabidurías vanas.

PEDRO SALINAS

1 — Um «corte radical com esse passado (o da poesia)», não me parece possível.

Para *cortar* com o passado — em poesia, como em tudo — preciso é *nascer de novo*.

Para *nascer de novo* (*nascer*, é quanto basta) — precisam os filhos dos respectivos pais.

E, em todas as formas da arte — seja, em particular, na poesia —, não nos consta que haja geração espontânea, pois não?

Logo, os poetas de hoje, tal qual os de sempre (oh! e que horroroso lugar-comum...) não o seriam nem saberiam sê-lo, senão mercê do que... está para trás... Como inventar *ab ovo* uma poesia qualquer? Como apresentar *novinha em folha* uma... laranja sem folhas...? Pois bem: no símile do fruto acompanhado das folhas, falta, para o completar, o essencial das raízes. E essas claro é que pousam, se enterram, na terra cultivada pelos que a cultivaram *antes*. O *depois* é sempre... um dia seguinte... Esse dia seguinte precisa dum Sol que, sendo o mesmo *todos os dias*, diferente o é, igual e desigualmente, todas as manhãs que *nasce*.

Todo o homem sabe isso; por tão certo e verdadeiro tão antigo; tão sem necessidade, talvez, de recorrer à opinião só aparentemente especialmente qualificada do Artista. De tal forma a coisa é partícipe da Vida e não apenas de quaisquer formas particulares dela, que a questão só tem resposta afirmativa: «— sim senhor, o futuro da poesia portuguesa está no corte radical com o seu passado!» — da parte nèsciamente afirmativa dos cogumelos, dos excelentíssimos cogumelos...

Outra coisa é, parece-me, responder que sim à possibilidade de... surgir (ontem, hoje, amanhã... mas só a *uma determinada hora*...) — Alguém que mereça a maiúscula *inicial*, descobridor-possuidor de uma tal *chave* de entendimento e expressão de si próprio e do mundo que — se-revolucione e revolucione...

Mas como, as revoluções contínuas é *charada* que só no Vietnam (agora) têm *actualidade* — haveremos de concluir (felizmente!) que esses *golpes de estado* transferidos dum processus de evolução social, para o outro processus, em causa, da evolução da poesia — é coisa, ó deuses, que só lembra ao diabo...

Obra, também, do Diabo — e essa, sim, operante, radical, possível — é a de empurrar cá para baixo... o tal homenzinho míope (que pode ser um Fernando Pessoa), *zarolho* (que pode ser um Camões), com aparência de amanuense de secretaria mas que o não é porque o Diabo o não quis e lhe pôs o nome, por exemplo e noutro exemplo, de Carlos Drummond de Andrade.

Aqui está. Claro como água (eu vejo assim...) que só ao Diabo se pode atribuir tão melíflua e, para mim, tão inexplicável função de... *cortar* (de modo genérico, não quis dizer *pessoal*) com o passado... Deixem o *passado* em paz... que ele se encarregará, por nossa conta e risco, de se tornar *presente*.

A coisa, ao cabo e ao fim, reduz-se ao poder *pessoal* — existente ou não — de *inovar* sabendo, inscientemente, que se está no mundo por alguma razão mas que é a nós que compete (quando compete, e raros são os trabalhadores de tal quilate) dar, do Mundo e de nós, uma visão pessoal tanto quanto possível, e sempre tanto quanto possível... E o possível aqui reduz-se (limitemos a questão, já que é preciso limitar a resposta) a: não a *cortar*, e sim a *enxertar* (retomemos do símile das raízes, flores e fruto...) *novas* florações...

Relendo a pergunta, acrescentarei apenas: renováveis (as vias da poesia portuguesa) e possíveis, da mesma, novas sínteses — é tão óbvio, assim se me afigura, como continuar eternamente a haver, em toda as épocas, novas laranjas das mesmas (ou outras) laranjeiras...

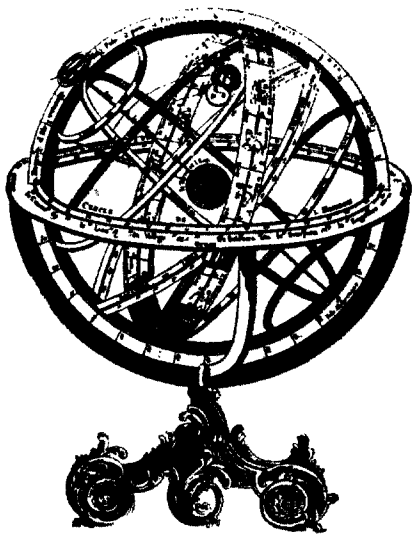
Se o Mundo se renova em cada dia que passa, se o homem se descobre (às vezes não dá por isso, isso é verdade...) *diferente* em cada minuto de vida, se a Vida é o que se sabe... permanente renovo e criação, espaço infinitamente aberto a novas constelações... fica-se (fico eu) perplexo ao pensar que... — vinde cá, vamos *parar* (cortar) aqui..., ou: — ide lá, vamos *parar* (cortar) acolá...

Que diabo! perguntas destas deixam de ser embaraçantes para serem um pouco (perdõe-se) desnecessárias...

2 — Quanto *á crise*, sim senhor: há crise de mão-de-obra, crise de bacalhau, crise de dinheiro, crise de entendimento, crise de consciência, crise de cebolas (boas) no mercado (e a bom preço), crise de coragem, crise de falta de coragem, crise de trabalho bem remunerado, crise (absoluta) de entendimento colectivo, crise do que se deve entender por bem comum, crise de bom vinho e boa Arte, só no futebol não há crise... Há crise, portanto e também, na poesia.

Mas... *crise* de quê?

De muitos (bons, maus, sofríveis; néscios, mercenários, domésticas; ocultos, ocultistas, ignorados, ignorantes, infrujões, desatentos ao real, atentos ao irreal; com ou sem editor, passados ultrapassados, claros ou obscuros, inocentes ou obscenos, dissimuladores ou despudorados, atrevidos ou cautos, aceites ou renegados, benquistos ou *do Benfica* proprietários ou usufrutuários (da *fala* que empregam, do engenho que os conduz, dos *resultados* a que chegam...) Muitos: vivos ou mortos (figuradamente vivos, desfiguradamente mortos), clássicos ou modernos, românticos ou nefelibatas, com «ficha» ou sem «ficha», acostumados ou desacostumados, sensíveis ou insensíveis (á dor, ao escárnio, ao desprezo, á fome, ao curto-circuito, á maldição, a tantas e tantas formas de conúbio com a vala comum) e, por ultimo, (longa vai a lista, mesmo assim incompleta) dos muitos poetas com quem a poesia portuguesa conta, contou ou pode vir a contar — por ultimo temos: os que vale a pena nomear.



Pois bem: com tal variedade (e tão interessante!) de poesias: expressões, temperamentos, obsessões, hábitos, interesses e até *escolas* — onde estará a *crise*?

Crise, quanto a mim, está nas batatas ou no bacalhau, está na *qualidade* delas (batatas), dele (bacalhau) e dela, a espiritualmente comestível, poesia. Melhor: as poesias.

E a poesia atravessará, entre nós, porventura *a crise* que lhe apontam (os entendidos) por razões que, por mais estranhas que pareçam, também dizem respeito ao bacalhau, ás batatas, ao futebol, á falta de braços nos campos, ás terras por cultivar, aos impostos, aos postos-de-informação-e-turismo, aos cafés (letra pequena) transformados em Baucos (letra grande), ao problema da habitação (note-se: oportuno título dum livro *de poesia*...), enfim ás metamorfoses por que passa, tenta passar ou vai passando a vida social portuguesa. Nela se insere, sabido é, o trabalho da criação artística. Trabalho, actividade na qual vem a reflectir-se — de variadíssimas maneiras, não importa — o que há de geral, profundo, e realmente *em crise* no mundo circundante ao poeta.

Creio que, encontradas as outras e primaciais soluções, mudados os alicerces em que assenta, resolvida que seja a crise da vida mental portuguesa: seus truques, seus tiques, suas limitações, suas tergiversações, suas confusões, suas alucinações, suas mistificações, numa palavra: sua falta de autêntica e livre e honesta ajustada visão ao real, tudo se resolverá como sempre: pelo aparecimento (inevitável) de formas de expressão artística (sirva de exemplo a poesia) que correspondam, melhor ou pior, desta ou daquela maneira, afirmando ou negando tanto faz, a... uma superação desta (suposta) crise, como de todas as outras *crises* que-deus-haja...

Em complemento da pergunta, vem: — que explicação daria eu para *a insistência* com que dela se fala, da *crise*?

Em complemento á minha resposta, direi: falam de *crise* todos os que a vivem e sofrem, os que a provocam e os que a suportam, os que a querem ou não querem vencer. Assim, no plano extraliterário.

No plano literário, a coisa, quanto a mim, e que me desculpem, passa-se de outro modo: os homens poetas (refiro-me sómente áqueles cuja razão de vida está em jogo tanto quanto a poesia que escrevem) — esses, digo, não falam de *crise*. Esses, coitados, limitam-se a constatar se têm ou não forças para... aguentar e superar, indo entretanto observando, *saladamente*, o que lhes vai na alma...

Porque as crises das almas dos outros, já ele, o poeta, as tem incluídas na sua, já lhe pertencem, já as superou, já as devolveu (se pôde). É claro da palavra.

E é claro que há (todos os conhecemos) os *charlatães* da crise... os que *a exploram* para fins mais ou menos espectaculares, derivados da mistificação, para fins que fazem pena, aqui, um ponto final na nossa resposta.

A que apenas, se me dão licença, acrescentarei um pequeno *post-scriptum*: Vejo que ocupei um espaço demais talvez porque se não possa ocupar — talvez porque se não possa ocupar do espaço de mais, tem sido destinado a outras, a meu ver mais questionáveis, questões. Também eu, afinal, caí na armadilha...

OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

TRÉPLICA AO SR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA/POR I. S. RÉVAH

(Continuação)

O dispositivo de assassínio legal dos presos pelos Inquisidores

O CÍNICO David exalta a pseudo-probidade científica do sr. A. J. Saraiva: «Mas os casos alegados por Saraiva são de processos conhecidos e publicados, que qualquer pessoa pode verificar; e além disso ele especifica todas as circunstâncias que explicam a decisão dos Inquisidores. Révah limita-se a aludir a casos que só ele conhece, omitindo toda a especificação das circunstâncias do processo».

«*Os casos alegados por Saraiva» não são de processos publicados* porque, no caso do único que entrava nessa conta (publicados), o pseudo-historiador não consultou a publicação. O sr. Saraiva limitou-se a utilizar os resumos, que achou feitos, de alguns processos, escolhendo e deturpando algumas das circunstâncias dos mesmos processos que apareciam nos resumos. Só fez isso com três processos que chama «exemplares» e com o que eu tinha dito *em 1962* de alguns dos processos que se referem à família de Uriel da Costa. O autor de «Inquisição e Cristãos-Novos» achava útil deturpar, no seu ridículo estudo, os meus resumos dos processos contra os membros da família de Uriel; o seu ente da razão David *anula completamente* o valor dos «processos das avós, cunhadas, tias, primos, etc.» de Uriel: o que simplifica o meu trabalho nesta tréplica. Ficam de pé, nas 319 páginas do libelo, *três processos* no caso dos quais o sr. A. J. Saraiva expôs algumas circunstâncias. É verdade que são três «processos exemplares» que fundamentam a conclusão seguinte:

«Notemos, para concluir, que os três processos que resumimos oferecem uma particularidade de que não se fala nas *Notícias Recônditas:* a *(sic)* denúncia dos jejuns feitos na prisão. Isto mostra que o autor das *Notícias* não sabia tudo. E talvez haja uma razão para a sua ignorância: é que o dispositivo dos jejuns no cárcere era posto em andamento quando o Santo Ofício queria assassinar legalmente um réu, tirando-lhe toda a possibilidade de defesa, de modo que os réus com quem isso se passava eram quase sempre relaxados. O segredo morria com eles. As excepções devem ser raras ao ponto de escapar ao autor das *Notícias Recônditas* esta particularidade, que certamente não teria deixado de explorar» *(I. e C. N.*, p. 142).

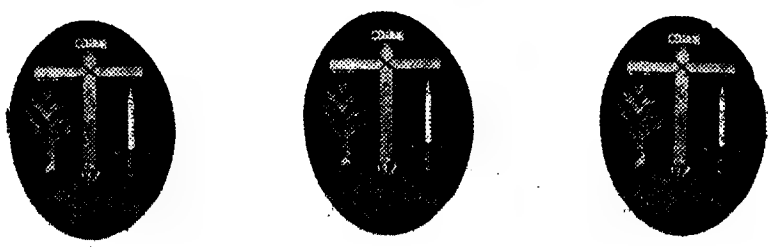
É bom lembrar que, para o sr. A. J. Saraiva, pelo que diz respeito às *Notícias Recônditas:* «O autor é provàvelmente um antigo notário da Inquisição, Pedro de *(sic)* Lupina Freire, que conhecia parte, mas só parte, dos segredos do Tribunal» (p. 109). Ao falar dos companheiros de cárcere do «Judeu», que o denunciaram aos Inquisidores, o pseudo-historiador escreve: «Será preciso relembrar que estes espias eram criaturas dos Inquisidores, *por eles pagos* e mandados?» (p. 129; o itálico é nosso) No *Diálogo* o demagogo David insere uma tirada que faz muita falta no libelo. «...Esses espias eram pagos pela Inquisição, pobres diabos que se prestavam a ficar muitas horas seguidas de pé ou de cócaras, com o olho colocado a um buraquinho ínfimo, espreitando para dentro de um cárcere mal alumiado. Que confiança merecem farrapos humanos desta espécie? Mesmo que eles não tivessem o recado já encomendado pelos Inquisidores, tinham todo o interesse em justificar a miserável côdea que recebiam com «novidades interessantes».

É preciso indicar ao demagogo sr. Saraiva que, na Torre do Tombo, encontrará inumeráveis livros de conta da Inquisição portuguesa e, no caso de a sua tese ser exacta, inumeráveis menções das «miseráveis côdeas» que recebiam pelas suas «novidades interessantes», não só os guardas, mas também os alcaides, os meirinhos, os solicitadores, os familiares do Santo Ofício e outros «farrapos humanos» que espreitavam os presos nos cárceres de vigia para denunciar os «jejuns» e outras cerimónias do cárcere»: muitos desses «pobres diabos» tinham uma excelente situação socioeconómica.

Examinemos, com a ajuda destas demagogias, os «três processos exemplares» e as «circunstâncias» relatadas pelo autor do libelo.

A) *MANUEL FERNANDES VILAREAL*

A única prova a favor da tese do sr. Saraiva, enunciada em «Inquisição e Cristãos-Novos» era que Vilareal «confessara que dera a um amigo um livro que não tinha dado» (p. 139). «É para nós evidente que todas as confissões de práticas judaicas feitas por Manuel Fernandes eram tão mentirosas como o dizer que tinha dado ao marquês de Nisa o livro dos ritos judaicos...» (p. 141). Na minha entrevista mostrei que o sr. A. J. Saraiva confundiu dois livros absolutamente diferentes: o *Thesouro dos Dinim*, que Vilareal negou ter dado ao Marquês de Nisa (mas de que confessou ter lido outro exemplar), e o *Riti hebraici*, que confessou espontâneamente ter oferecido ao Marquês. O fantasma David declara: «É verdade que Saraiva escorregou nesse lapso». Mas trata-se realmente de «lapso»? Como a coisa se repete com os outros dois «processos exemplares», teríamos de admitir que o sr. A. J. Saraiva não sabe bastante português para entender os resumos de Ramos Coelho, A. Baião e J. L. de Azevedo, tese pouco verosímil. Neste primeiro caso, *o opúsculo de Ramos Coelho, única fonte onde bebeu o sr. A. J. Saraiva, distingue perfeitamente o «Thesouro dos Dinim» e o «Riti hebraici».*



Como o sr. A. J. Saraiva afirma que os companheiros de cárcere eram «criaturas dos Inquisidores, *por eles pagos* e mandados», não é demais indicar que o companheiro de Manuel Fernandes Vilareal, Francisco Gomes Neto, recebeu o supremo «pagamento» que lhe podiam oferecer os Inquisidores: *foi queimado no mesmo auto-de-fé que Vilareal.* O pseudo-historiador resume e comenta a confissão feita por Vilareal em 18 de Novembro de 1652: «Declarou que até aquela hora em que falava professara a lei de Moisés e que, juntamente com o seu companheiro de cárcere, praticara jejuns e outros ritos judaicos. Com esta denúncia Manuel Fernandes parece ter desmentido a sua habitual nobreza de carácter. Mas não esqueçamos que cada preso da Inquisição via no companheiro de cárcere um eventual denunciante, ao qual se pretendia antecipar para não ser tido por negativo ou diminuto. O seu companheiro procedeu da mesma forma, certamente pelos mesmos motivos, denunciando por sua vez Manuel Fernandes. Era a regra do jogo» *(I. e C. N.*, p. 137). Ora acontece que Francisco Gomes Neto não «procedeu «totalmente» da mesma forma». Em 21 de Novembro de 1652, confessou que praticara, dentro do cárcere, cerimónias judaicas, com Vilareal. Mas, em 24 de Novembro, declarou que fora ele quem impedira que Vilareal viesse confessar as suas culpas á mesa; e, no dia 1 de Dezembro, *no auto-da-fé*, declarou: «Agora he demais lembrado que elle, confitente, foi a principal causa de seu companheiro Manuel Fernandes Villa Real cometer as culpas que elle, confitente, em sua confissão, tem declarado. E mais não disse». Não é muito útil indicar que a família do nobre Francisco Gomes Neto fugiu para Amsterdam: o sr. A. J. Saraiva há-de responder com certeza que tudo isto não é prova de que F. Gomes Neto e seus familiares fossem judaizantes em Portugal: «Entrar na Sinagoga, independentemente de motivos religiosos, ou mesmo nacionais, era entrar num clã e numa espécie de maçonaria cujas malhas se estendiam através do mundo. E, pelos vistos, havia muito nesta época quem pensasse que Paris vale uma missa — ou uma Páscoa judaica» *(I. e C. N.)*, p. 219). E, se eu disser que acredito nos depoimentos sobre os jejuns e cerimónias judaicas, feitos no cárcere por M. Fernandes Vilareal e F. Gomes Neto, por ter comparado estes depoimentos com as confissões dos dois presos e com tudo o que sei das suas biografias, o cínico fantasma David há-de concluir com certeza: «Se Révah se obstina em considerar «autênticos» semelhantes depoimentos é apenas porque eles lhe servem para «documentar» as suas histórias de Judaísmo secreto».

B) *FRANCISCO GOMES HENRIQUES, «O FORRAGAITAS»*

O sr. A. J. Saraiva resumiu tendenciosamente o resumo do processo publicado por A. Baião. Com este resumo de resumo é impossível entender o que se passou. Na realidade, o Forragaitas foi atraiçoado por um companheiro de cárcere que ganhara a sua confiança. Este traidor, um padre católico catalão, preso por blasfémias inauditas e proposições heréticas, relatou minuciosamente aos Inquisidores tudo o que lhe dissera o Forragaitas (havia nestes relatos elementos que teriam permitido novos processos, mas os juízes não os aproveitaram) e anunciava antecipadamente os dias em que o Forragaitas ia jejuar ou realizar outras cerimónias judaicas: *temos assim depoimentos de fora e de dentro do cárcere.* O Forragaitas era muito imprudente (o sr. Saraiva bem sabe); fez declarações comprometedoras a pessoas livres que viviam num quarto vizinho do seu cárcere e a dois outros companheiros de cárcere: mas já com as denúncias do padre e a confirmação dos espreitadores as suas culpas (negadas por ele até o último momento) eram suficientes.

O sr. A. J. Saraiva declara: «os espiões insinuavam, no meio destas declarações exaltadas, alguns indícios, bem vagos, de crença judaica». É muito possível que alguns leitores não acreditem em mim, se eu disser que o pseudo-historiador concluiu desta maneira *um resumo em treze linhas de duzentas e quarenta folhas (quatrocentas e oitenta páginas) de depoimentos e denúncias contra o Forragaitas,* com inumeráveis indícios, nada vagos, de crença judaica: e, no entanto, é a pura verdade. O sr. A. J. Saraiva achou ele próprio que este resumo era pouca coisa e atirou ao leitor um argumento absolutamente decisivo (p. 124).

«Um pormenor curioso: o *Forragaitas contava fazer chegar clandestinamente esta carta ao seu destino por intermédio de um companheiro de cárcere,* no qual confiava ao ponto de, na mesma carta, o recomendar vivamente à mulher... Mas o homem que assim soube insinuar-se na gratidão e na afeição do velho Forragaitas pôs a carta nas mãos do senhores Inquisidores. A família nunca a recebeu, mas, por isso mesmo, nós podemos hoje lê-la nos arquivos inquisitoriais. Os inquisidores sabiam que o condenado à morte era cristão, e até devoto de Nossa Senhora da Glória... E guardaram a prova no arquivo secreto».

O argumento pareceu tão bom ao ente quimérico David que este pediu a I. S. Révah «que explicasse como é que, sendo *judeu*, António Henriques tentou, pouco antes de morrer, enviar clandestinamente à mulher uma carta que era também um testamento, em que falava de *Nosso Senhor Jesus Cristo* e recomendava à família, em memória da sua alma, a devoção de Nossa Senhora da Glória». O sr. David tem a mania de chamar *António* a todos os *Henriques:* o preso chamava-se *Francisco* Gomes Henriques «o Forragaitas».

Vejamos o processo. Na primeira folha, o notário Joseph Cardoso escreveu, sem referir o ano que era o de «1654»: «*em o primeiro de outubro se deu uma folha de papel a este Réu, de mandado da Mesa.*» Como era de regra nestes casos, o notário escreveu *Cardozo* no alto das páginas que entregou ao Forragaitas para este escrever á mulher: esta carta nada tinha de clandestino. O papel foi entregue ao Forragistas *de mandado da Mesa;* o Forragaitas entregou a carta para a mulher *aos Inquisidores*: como tinha negado a realidade das culpas que lhe imputavam e como não tinha nenhum interesse em estragar a vida dos seus parentes, é absolutamente normal que, na carta *pública* à mulher, fingisse acreditar em «Nosso Senhor Jesus Cristo» e em «Nossa Senhora da Glória.»

Antecipemos sobre a futura resposta do Sr. A. J. Saraiva: *António Baião, unica fonte onde bebeu o Sr. A. J. Saraiva, não escorregou no mesmo lapso,* dado que explica: «Francisco Gomes Henriques viu-se então irremediàvelmente perdido e, num estado aflitivo fàcilmente compreensível e bem de imaginar, pediu uma *folha de papel* e eis o que escreveu.» Vejamos também os «pagamentos» que receberam os companheiros de cárcere do Forragaitas. O padre catalão foi definitivamente expulso de Portugal e levado directamente do cárcere ao barco. O bígamo Amaro Gonçalves foi acoutado pelas ruas de Lisboa *citra sanguinis effusionem* e condenado a remar cinco anos na galés de el-Rei. Manuel Godinho, que tinha jurado falso noutro caso de bigamia, foi degredado para Castro Marim por três anos e *teve que pagar as custas do seu processo.*

Sabemos que, segundo o pseudo-historiador A. J. Saraiva, Pedro Lupina Freire, ex-notário da Inquisição e «autor provável» das *Notícias Recônditas*, não conhecia o dispositivo de assassínio legal utilizado às vezes pelos Inquisidores: escapou-lhe «esta particularidade, que certamente não teria deixado de explorar» (p. 142), dado que: «o seu propósito é apresentar um depoimento suficientemente preciso e fundamentado para provocar um inquérito da Santa Sé (p. 109).

Apesar da sua pasmosa erudição, apesar de ser o primeiro a ter convenientemente utilizado o Regimento inquisitorial de 1640, o pseudo-historiador A. J. Saraiva não faz nenhuma ideia de como funcionava o que a sua demagogia chama «o dispositivo de assassínio legal.» *Todos os autos sobre os depoimentos e denúncias por que se provava a realidade das «cerimónias judaicas no cárcere» eram redigidos pelos Notários:* aliás não se vê bem que outros funcionários poderiam ter feito este trabalho. O direito canónico, que se aplicava no Santo Ofício, exigia que estes depoimentos e denúncias fossem ratificados em presença de «duas honestas e religiosas pessoas», quer dizer, em presença de dois sacerdotes. No caso destes depoimentos e denúncias, sobre os quais era importantíssimo manter um inviolável segredo, *os Inquisidores portugueses ladearam o questão canónica e «permitiram» que os Notários do Santo Ofício fossem as «honestas e religiosas pessoas» cuja presença era exigida nas ratificações.* Na prática, os Notários

Cont. na pág. 7

GAUDI

um génio insólito da arquitectura

UM ELO SINGULAR DA ARQUITECTURA MODERNA. MODERNO E RÚSTICO, ARTESÃO DE GÉNIO E ANTECIPADOR DUMA CERTA SENSIBILIDADE SURREALISTA, MAS TAMBÉM EXPLORADOR DAS TÉCNICAS MAIS AUDACIOSAS QUE MERGULHAM AS SUAS RAÍZES NO ARTESANATO DA ARQUITECTURA CATALÃ

Nascido em 1852 nos campos de Tarragona — como Miro, com o qual ele manifesta algum parentesco — Gaudi morreu em 1926. A arquitectura moderna, no entanto, só o descobriu recentemente. Ela chama os seus heróis apenas quando deles tem necessidade. Depois da longa dieta funcionalista durante a qual sobretudo se preocupou em conquistar o seu terreno racionalista, a arquitectura moderna procurou uma via mais livre, que permitisse servir o espírito e o sentimento poético: a segunda idade do modernismo... Voltou-se então para o génio insólito de Gaudi

Nunca Gaudi refez duas vezes um mesmo esquema. Era um arquitecto que trabalhava sob medida. À medida que os seus clientes particulares lhe encomendaram as suas casas. À medida, ou à desmedida, da sua imaginação efervescente que cada dia oferecia uma nova surpresa, partindo dos estilos gótico-árabes e da abóbada catalã ele atingiu essa extraordinária Sagrada Família de Barcelona, o templo da família expiatória, com as suas quatro torres espiraladas com oitenta metros de altura levantando-se em Barcelona como uma ruína fantástica, vestígio de um sonho inacabado.

ARQUITECTURA COMESTIVEL

A arquitectura moderna recuperou Gaudi talvez por más razões. Pela sua audácia decorativa, barroca e fantástica, perturbada e seduzida por essa abundância constantemente renovada de realização em realização. Hoje dá-se um pouco mais de atenção à sua obra. Estudam-se os valores técnicos e as audácias construtivas que constituem a verdadeira fonte fantástica de Gaudi. O *décor* vem em seguida. Ele é o complemento porque também a arquitectura era para este catalão febril a mãe e o lugar de síntese de todas as artes.

Assim, Gaudi foi tardiamente compreendido por Le Corbusier, talvez no momento em que ele próprio se voltava para a expressão do sentimento poético na arquitectura, nomeadamente em Ronchamp ou então, quando à sua maneira, ele se aproximava do Catalão. Mas antes de ser adoptado pela arquitectura moderna dos Estados Unidos, onde o Museu de Arte Moderna lhe consagrou em 1957 uma memorável exposição, Gaudi foi descoberto pelos surrealistas. O seu defensor natural foi o seu compatriota Dali que via na sua obra «*um delírio de arquitectura comestível*», «*um mau-gosto criador*», «*uma visão mística*», quase surreal. Os surrealistas viam nele um percussor. Isto incomoda hoje os seus defensores, em Espanha sobretudo, e fá-los limitar a obra deste génio profundo ao bizarro. Fazem dele um caso de psicologia patológica o que se aplica naturalmente a análise freudiana... Algo que ele evidentamento não é. Gaudi não é um *naïf*, mas um construtor, inventor de estruturas inéditas. Um construtor racionalista. Mais exactamente um caso em que a actividade visionária irracional foi conduzida ao nível mais racional — sobretudo no que se refere à «Sagrada Família». É um delírio, pois, mas um delírio «lógico».

GÉNIO MIRACULOSO

Em Espanha, mais precisamente na Catalunha, fez-se de Gaudi o chefe de fila espiritual da catalanidade. O génio miraculoso de uma arquitectura que ultrapassa o vulgar. Um «*monstro sagrado de cem cabeças*». O *gaudinismo* é cada vez mais vivo em Barcelona onde Gaudi realizou a mais clara das suas obras, e os *gaudinistas* estão cada vez mais atentos ao seu estudo apontando-lhe as inovações e audácias; a definir os seus antecedentes, eventualmente, a seguir a sua descendência: aqui a torre de Ginstein de Mendelsohn destruida pelos nazis e que lembrava a Casa Mila, ali o sentimento barroco que quebra os limites quadrangulares da arquitectura dita funcional no pavilhão do aeroporto de Saarinen em Nova York, ou ainda na explosão lírica da ópera de Sydney, batida pelas vagas do Pacífico; a encontrar, na sua versão americana, as duas torres da «Sagrada Família» em Marina City. Na generalidade a Espanha tenta fazer o ponto da produção artística dos seus filhos pródigos, mortos ou voluntàriamente exilados, como Picasso Compreendeu-se por fim o seu valor tanto cultural como turístico. Todos os edifícios de Gaudi foram fechados depois de 1952, e nenhum visitante de Barcelona deixará de ser atingido, por vezes mesmo sacudido, pela vitalidade e pela estranha beleza desta arquitectura. Uma editora espanhola acaba de publicar uma obra sobre a pintura espanhola do século XX (da autoria de Juan António Gaya Nuno) onde é recuperado o contributo espanhol na aventura pictural deste século. Esse contributo será posto em evidência no museu de arte moderna em construção em Madrid, e para o qual o Governo já reclamou *Guernica*.

A PARCELA CRIATIVA DO ARTESANATO CATALÃO

O caso de Gaudi releva do mesmo fenómeno, com a diferença notável que se trata dum Catalão. Exalta-se às vezes as origens catalãs da sua arquitectura, nomeadamente a utilização da abóbada catalã, oblíqua, que levada às extremas possibilidades dos sistemas parabolísticos confere uma estranha beleza a edifícios como a cripta da colónia Gnuell e as arcadas do parque

Uma casa de Gandi: audácia decorativa, fantástica, barroca

Güell (iniciadas em 1900 e terminadas em 1914). A arte de Gaudi manifesta aí uma verdadeira explosão lúdica com o seu jardim decorado com cacos de faiança incrustada na pedra.

O parque mostra-nos Gaudi explorando «*avant la lettre*» a técnica da colagem, a utilização artística dos resíduos, que seria tornada sistemática pelos cubistas e pela escola de Schwitters, mas com um sentimento decorativo quase abstracto. O parque Güell é uma tentativa de síntese das artes e de integração da arquitectura na natureza. Os pilares das galerias oblíquas sobre o flanco da colina, parecem suster a terra do desabamento. Lembram troncos de palmeiras.

Aqui a arquitectura imita a natureza. Na casa Batlo, chamada também casa de los Huesos, as formas imitam a articulação dos esqueletos. Gaudi dá aí um exemplo particularmente

ao que se veio a tornar uma das catedrais mais insólitas da Europa. As quatro torres cónicas que se destacam no céu de Barcelona não são senão uma das fachadas desta catedral inacabada, começada em estilo gótico e prosseguida num estranho estilo naturalista. Gaudi alterava os seus planos diàriamente Sonhava com eles obsessivamente. Segundo a legenda popular, a Virgem ditava-lhe durante os sonhos o que ele deveria fazer na manhã seguinte.

A Sagrada Família é quase impossível de fotografar é uma paisagem em si que é necessário percorrer com uma teleobjectiva para que se possam apreciar os detalhes; só o conjunto é significativo. Uma fotografia bastante ampliada chega para dar o sentimento de fantástico que percorre esta fachada enorme e misteriosa como uma região estranha.

No seu fervor místico, Gaudi desejava fazer as coisas de tal modo verdadeiras que chegava a modelar seres vivos. Dali fala de crianças mortas. É isso sem dúvida a parte menos... viva da sua obra

Apesar das suas audácias paradoxais, Gaudi manteve-se na arquitectura de pedra e negligenciou a utilização de novos materiais como o ferro e o vidro. De Crystal Palace de Anglais Paxton, a Biblioteca Nacional de Labrouste e o mercado de Baltard eram praticamente seus contemporâneos, senão seus antecessores imediatos. Mas não é aí que se deverá procurar a originalidade de Gaudi mas talvez apenas na afirmação da criação do indivíduo com as suas dimensões muitas vezes transcendentes face ao estéreotipo mecânico e funcional. Foi isso sem dúvida que conduziu a arquitectura moderna à redescoberta de Gaudi.

JACQUES MICHEL

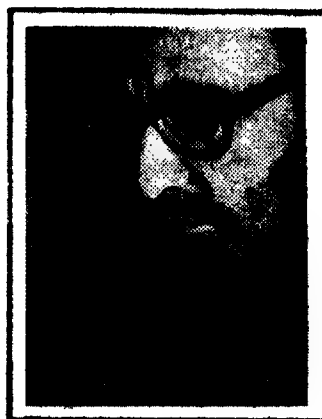
lência da sua carne e a explosão colorida da sua pele. É talvez por isso que Dali aí pôde ver uma «*arquitectura comestível*».

Em frente, na mesma avenida do Generalíssimo, a extraordinária casa Milá, chamada também La Pedrera (1910). É uma casa de habitação que leva ao seu mais alto ponto estético a linha curva e livre da arquitectura de Gaudi. A fachada exprime bem o espaço interior onde não se encontrarão alojamentos de linhas direitas mas curvas e orgânicos. Aqui, nada de inspiração histórica nem imitação da natureza. Gaudi explora ritmos abstractos. A *Pedrera* parece estar aí desde tempos imemoriais, sofrendo a erosão do vento e da chuva; uma paisagem em si. Os «*picapiedras*», canteiros de génio, fizeram maravilhas. Os ferreiros também, fazendo transbordar sobre a pedra tufos informais de ferro nas varandas e nas portas de entrada.

Raramente se tem em consideração a participação dos artesãos catalães na arquitectura de Gaudi, aliás inconcebível sem eles. É impossível imaginar esta arquitectura planificada através de um desenho. A maior parte das vezes Gaudi improvisava com a colaboração dos seus companheiros. A imaginação de Gaudi era cada vez mais de origem mística. Assim, paradoxalmente, embora casa de habitação, a Casa Mila é um edifício religioso: os seus seis andares deveriam servir de pedestal a uma monumental estátua da Virgem que dominaria Barcelona. O projecto foi por fim abandonado pelo proprietário do imóvel.

«AVANT - GARDE» SEM MODERNISMO

Embora conduzindo as suas diversas realizações, Gaudi encontrava-se desde há muito tempo (1884) comprometido com um projecto grandioso que iria tornar-se o centro das suas preocupações: o tempo expiatório da Sagrada Família. A partir de 1910 ele rejeitou todas as outras encomendas para se consagrar inteiramente



EXERCÍCIOS DE ESTILO
Luiz Pacheco

O autor e a personagem Luiz Pacheco (um palhaço?, um moralista?) — eis um escriba **ao ataque**; lírico, jocoso, inconfundível, incontrolável. Em suma: Um grande chato! Um livro para coleccionar. Já

Preço: 70$00

EDITORIAL ESTAMPA
Rua da Escola do Exército, 9, r/c.-D.to — Lisboa-1

INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

DAS RESPOSTAS de Jorge de Sena se esperava algo — esse algo que afinal calaram.

Em vez de aceitar a proposta de reflexão contida nas perguntas, preferiu Jorge de Sena situá-las no pequeno espaço das «querelas críticas» nacionais e aí desenvolver um conjunto de comentários que, a tal ponto generalizados e indefinidos, perdem em grande parte o seu carácter **«crítico»**.

Como ele próprio diz em resposta à pergunta 8, muito do que Jorge de Sena pensa sobre a prática da crítica se encontra já suficientemente desenvolvido em textos anteriores ou nas próprias investigações a que se tem dedicado. Neste sentido, não queremos deixar de recordar aos nossos leitores o seu longo e meditado texto **«Sistemas e** da revista **O Tempo e o Modo** ou, por exemplo, os capítulos iniciais de **Uma Canção de Camões,** onde se encontram claramente detalhados os métodos utilizados nessa sua monumental investigação.

As suas respostas ao nosso inquérito (atravessadas por um humor que conhecemos dos seus «inevitáveis prefácios» ou de alguns dos seus textos mais violentamente polémicos), apesar de vagas, não deixam de caracterizar com alguma justeza muito do que entre nós se vai passando.

AS RESPOSTAS DE JORGE DE SENA

Sena: o conflito de «gerações» é velho como a humanidade

1

O TERMO «nova crítica» soa-me desagradàvelmente, depois de, quando vivi no Brasil, o ter visto usado para toda a casta de patifarias críticas na mais *velha* tradição do baixo aventurcirismo humano. Acho que seria melhor arranjarem outro nome, que esse (por sua vez tradução retardada — e com muito confusionismo — de uma escola norte-americana) já deu o que tinha a dar. Há, por certo, em Portugal, pessoas interessadas em novas correntes críticas, como o estruturalismo francês (que é vários). Mas parece-me que, se a crítica portuguesa mal saída de uma erudição pequenina do lado universitário, ou de apressadas indigestões bergsonianas, ou pseudomarxistas, por outro, não passou sequer a sério pelos Curtins, os Spitzers, os Damasos Alonsos, os Staigers, os Jakobsons, os «novos críticos» norte-americanos, ou mesmo Lukacz, o risco é muito grande de que toda a crítica «nova» se distinga da velha apenas em os deuses do impressionismo e do dogmatismo serem outros, continuando a prática do artigo e da baixa polémica a mesma que sempre foi.

2

DESDE SEMPRE, a distinção dos métodos críticos (anteriores ou posteriores) só é válida para aquilo a que os métodos se aplicam. Todos os métodos podem servir para proclamações dogmáticas — mas cada um só serve para a área ou espaço, ou para a intencionalidade a que se aplicam. E nenhum deles, como nenhuma disciplina, é demasiado para o entendimento, nos mais diversos planos de uma obra de arte. O maior problema é a honestidade do crítico, e a sua consciência de que o seu método não ilumina senão o aspecto ou o ângulo que lhe diz respeito. A integração estrutural dos diversos métodos é muito mais importante do que a prática exclusiva de um só. Daí que nenhum método garanta o crítico contra os perigos do impressionismo ou da sua subjectividade apaixonada, a menos que noutro contexto mais amplo de metodologia esse impressionismo e essa subjectividade sejam neutralizados.

3

EM PORTUGAL não houve, e não há, ruptura entre o passado e o presente, a menos nas boas intenções ou nas convicções de cada um. A vida portuguesa não se alterou, as estruturas sociais e económicas não se modificaram, a falta de profissionalismo e de competência continua dependente de uma cultura de base retórica e das preocupações pessoais de cada um a sentar-se num trono (ou ser atirado no lixo, o que é o mesmo), durante a meia dúzia de anos em que se pode ser ilustre em Portugal. A transformação não virá, evidentemente, apenas de pessoas que são nadas e criadas num estado de coisas que profundamente lamentam mas de que todas vivem muito bem ou sobrevivem como podem.

4

O CONFLITO de «gerações» é velho como a Humanidade, e não tem nada que ver com escolas críticas que não o reflectem necessàriamente. Em Portugal, aliás, aquele conflito é largamente falsificado pela circunstância de uma vida literária sem raízes profundas na vida e na problemática nacionais, em que as novas gerações se opõem aos mais velhos muito menos por serem efectivamente «novas» que por medo do tempo curto que lhes é dado antes de alguém as tratar de «velhas» a elas mesmas. É uma questão do tira-te tu que me ponha eu, na peculiar obsessão portuguesa com a estreiteza de uma vida que todos fazem mais estreita para excluir dela o vizinho. Eu gostaria que muitos críticos se interessassem pela história da crítica neste mundo, para descobrirem que sempre houve bons críticos com maus métodos, e péssimos críticos com métodos excelentes. Por certo que a fundamental distinção neste século, e não só muito recentemente, entre o passado próximo que sobrevive e as novas tendências está na atenção às estrtuturas, ao sentido, aos valores específicos da obra de arte literária. Mas, com outros nomes, tudo isso não é inteiramente novo. É-o em relação ao culto do «humano», do biografismo, do psicologismo, ou do sociologismo político de pacotilha oportunista, que tanto dominaram e dominam a vida portuguesa em literatura. Para não falarmos de críticos que só existem porque se esfalfam a escrever artigos de jornal em cima do joelho dos outros. Essas novas tendências poderão talvez ensinar o público a ler e a meditar com atenção o que lê. Todavia, o melhor será se ensinarem os próprios críticos a lerem atentamente, e a respeitarem a grandeza onde ela existe.

5

NÃO ENTENDO a pergunta. Como homem de formação científica, fico logo aflito quando vejo «ciência» mencionada em inquéritos literários, sobretudo em Por-

6

HÁ tica arti Por info tos

O FUNDADOR DO ROMANCE HISTÓRICO NASCEU HÁ DUZENTOS ANOS

SIR WALTER SCOTT

Por IAN JACK, da Universidade de Cambridge

DOIS SÉCULOS se passaram desde o nascimento de Walter Scott. Nos sessenta anos anteriores a Escócia tinha produzido dois homens cuja obra iria influenciar todo o desenvolvimento do pensamento humano: David Hume, o filósofo, e Adam Smith, o fundador da Economia Política — além de um dos maiores poetas líricos de todos os tempos, Robert Burns. Qual, pois, a razão por que é o monumento de Scott, o escritor, que domina o centro de Edimburgo? Não simplesmente, como os cínicos poderiam justificar, porque ele não tem rival como fundador da Indústria Turística Escocesa, mas sim pelo facto de Scott, ao chamar a atenção do mundo para a Escócia e o seu passado, ter fundado o romance histórico e modificado a atitude do homem em relação à história.

Walter Scott: influência profun

SCOTT nasceu em Edimburgo, um quarto de século depois da severa repressão que se seguiu ao Segundo Levantamento Jacobita de 1745. O modo tradicional de vida nas Terras Altas pertencia agora ao passado, tal como as bravias incursões e os saques que durante tanto tempo foram a característica da vida na região da fronteira com a Inglaterra. Como rapazinho coxo, Scoot gostava, mais do que qualquer outra coisa, de ouvir as histórias dos seus maiores. Nos dias da juventude da sua avó, por exemplo, «as depredações da velha Fronteira eram coisas de tradição recente», e ela gostava de lhe contar «muitos feitos lendários de Watt de Harden, Wight Willie de Aikwood, Jamie Telfer da linda Dodhead, e de outros heróis». A imaginação do rapaz foi ateada pelo contraste entre a sóbria respeitabilidade do seu próprio meio-ambiente e as bravas aventuras que sucederam na Escócia, aventuras, que ainda subsistiam na memória dos vivos. Agradava-lhe pensar dos seus antepassados como «folgazões todos eles, da craveira, persuasão e vocação de Robin Hood e João Pequeno».

Scott tinha uma excelente memória e depressa aprendeu de cor tantas canções e baladas tradicionais quantas podia coligir, enquanto percorria a cavalo a linda região à volta de Edimburgo. Encorajado pela fama das «Relíquias da Poesia Antiga Inglesa» de Percy e outras colecções similares, ele próprio publicou «As Trovas da Fronteira Escocesa» (*Minstrelsy of the Scottish Border*, 1802-3) em três volumes. Scott considerou «as Baladas de Incursões... referentes aos saques e incursões de rapinagem nas regiões fronteiriças» como acontecimentos característicos especiais, mas ao mesmo tempo incluiu baladas de outros tipos, ao lado de imitações modernas. Não hesitou em modernizar ou «melhorar» essas baladas conforme chegavam ao seu conhecimento e em breve decidiu experimentar, ele próprio, produzi-las. Pretendia descobrir um assunto que «pudesse permitir ser tratado com a simplicidade e a rudeza das antigas baladas. Muito embora depressa se convencesse de que a estância da balada se tornaria monótona (num longo poema, a inspiração da poesia tradicio nal é tão evidente como o da história da Escócia), no seu primeiro poema de vulto, «A Balada do Ultimo Trovador» (*The Lay of the Last Minstrel*), publicada em 1805, «procurou ilustrar os costumes e os modos que antigamente prevaleciam nas fronteiras entre a Inglaterra e a Escócia». «*Marmion*» e «A Da *Lady o* pouco d ta anos o mais tempo. res d as em ada u

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?
2. — Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. — Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. — Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?
5. — A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. — O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?
7. — Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?
8.— Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.

tugal. Quando escassas aritméticas assustam os críticos, e a linguística é, salvo dois ou três casos, um mito lusitano — não falem por favor em disciplinas científicas.

6

HÁ VÁRIOS níveis de crítica, desde o informativo artigo de jornal (que, em Portugal, em geral, só nos informa sobre os preconceitos do crítico) à investigação monumental (que, em Portugal, é bom que se não confunda com pesados tijolos de papel oficialmente ou semioficialmente impresso), e a função é evidentemente diversa para cada um desses níveis. A mais imediata é a que anuncia, chama a atenção para o interesse ou o valor de uma obra; a menos imediata é a que tenda a *provar*, objectivamente, as razões estruturais de uma obra ser fascinante ou magnífica.

7

CRIAÇÃO, crítica e público completam-se, e todos eles formam parte de um mesmo processo cultural. Mas há que acentuar que a crítica só existe porque as obras existem. Aliás, em Portugal, confundem-se, sob a designação de crítica, o estudo crítico, a prática judicativa, a teoria literária, a polémica, a divulgação cultural, e o jornalismo literário (que pode ter uma função tão digna como qualquer outra). Só assim se pode explicar o meu ingénuo pasmo, ao ver a lista das pessoas a quem este inquérito foi enviado: não contando as lacunas, que as há nela, cerca de cinquenta críticos em exercício! Apre!

8

JÁ DIVERSAS vezes falei disso, ou provei com investigações o que pretendia. Seria longo repetir-me aqui. Para mim, a crítica é pessoalmente parte de todo o meu processo criador como escritor. Não me considero frustrado como poeta, ficcionista, ou dramaturgo, senão na medida em que as editoriais não chegam para publicar-me, ou estão ocupadas em editar outras criaturas. Por isso, a crítica não me é compensação, com que me vingue de mim e dos outros, e integra-se, portanto, numa vivência geral da criação estética. Permite-me ela compreender melhor a qualidade da literatura, os meios dela, e compreender-me melhor assim a mim mesmo. A história literária, a história da cultura, a crítica interpretativa, a teoria literária, todas me têm ocupado igualmente O que menos me importou sempre foi *julgar* os outros à semana: é prazo muito curto para a crítica ter tempo de ler e escrever.

(*Göteborg, Suécia, 11 de Julho de 1971.*

JORGE DE SENA

...ofunda na ficção

...Dama do Lago» *(The ...dy of the Lake)* surgiram ...uco depois, e, aos qua... ...anos de idade, Scott era ...mais célebre poeta do seu ...mpo. Uma duzia de lei... ...es deliciava-se com as ...s emotivas narrativas por ...da um que apreciava a

Cont. na pág. 7

SALDOS
NA QUADRANTE
LIVROS BRASILEIROS E INGLESES
AGOSTO e SETEMBRO

Prontuário das Letras

Luiz Pacheco com foto na capa

Óculos de lentes grossas, barba e bigode por fazer há vários dias, uma camisola escura: eis Pacheco, a fotografia de Pacheco — excelente, diga-se de passagem — na capa do seu novo livro *«Exercícios de estilo»*, que com vários textos inéditos e outros não acaba de ser lançado pela Estampa na colecção Novas Direcções, a mesma onde já saíram, por exemplo, *«Baal Babilónia»* de Arrabal, e *«Todos os fogos o fogo»*, de Cortázar. A coisa constou ainda antes da Feira do Livro e na altura tivemos por certo que iríamos encontrar o volume uma bela tarde no «stand» competente, mas como com o Pacheco nunca se sabe vejo o fim da Feira, desarmaram aquela traquitana toda e nada. Pois foi agora, entrado o mês de Agosto — e tu, leitor, não digas que é tarde, que já compraste o que querias comprar, serve-te depressa (do Pacheco) olha que vale a pena

Inéditos, pelo menos, são a *«Conversa de três»*, *«Ite missa est»*, *«Exercício de estilo ou o caso das donas e donzelas arrebatadas»*, *«Um casto milagre»*, *«O caso do pai-chocadeira»* e *«O caso das criancinhas desaparecidas»*. Este último esteve para sair (entretanto o Pacheco mudou de ideias) num pequeno volume colectivo, *«Prosas de tostão»*, que o coordenador do suplemento albicastrense *«Ao Km Zero»*, José Correia Tavares, pensa editar pròximamente.

Como diz o Pacheco n' *«O teodolito»*, «estou agora muito cansado. Enchi vinte e cinco páginas que foram as que me deram para encher. Escrevo como um profissional, à linha, as palavras pouco importam, são ambíguas e inúteis. As palavras não somos nós. E tu, leitor» (agora o leitor já sabe aonde fomos buscar o sem-cerimónia), «és um pretexto: testemunha, confidente, cúmplice, vítima ou juíz, jamais nós conheceremos, jamais saberás quem sou, onde te minto, onde chorei, onde nos podíamos ambos rir a bom rir da nossa pavorosa condição de gente morta ou gente que vai morrer. Escrevo como o Hemingway — à tabela: tantas páginas, tantas mil palavras, tantos tostões.»

...Com o Pacheco nunca se sabe

Do mesmo Pacheco anuncia a mesma editorial na mesma colecção um outro volume, *«Literatura comestível»* (que o alimentou ou há-de alimentar). Desta obcessão da comida há abundantes provas nos *«Exercícios de estilo»*, como o leitor notará: é que o Pacheco nem sempre come a horas e pela-se por um bom bife com dois (estrelados) a cavalo. Cf. a págs. 173 e ss.. *«O caso do bife voador»*.

Pascoaes em família

Em edição da Livraria Portugal está nos escaparates uma obra de Maria da Glória Teixeira de Vasconcellos, irmã de Teixeira de Pascoaes, e que é precisamente um bom repositório de lembranças do poeta do Marão, onde, se a autora nos permite, sublinharemos algumas curiosíssimas páginas evocadoras dos anos de infância e adolescência.

Estudiosos deste escritor têm em *«Olhando para trás vejo Pascoaes»* um acervo precioso de informações; leitores «tout court» poderão saborear os episódios, que muitos são, e recriar a imagem do poeta entre o tempo em que organizava, com garotos da sua idade, uma procissão fingida do Corpo de Deus e a época — que como poucos experimentou — do clássico vivo, traduzido, analisado em dissertações de licenciatura, procurado por admiradores na aldeia natal, homenageado pela Academia de Coimbra («foi uma das grandes alegrias dos últimos anos da sua vida»).

O volume tem ainda uma série de cartas de Pascoaes (inéditas) para a irmã e para uma sobrinha.

Cesariny 1971

Cesariny 1971, como relatou Nelson de Matos neste suplemento, meteu baile para o lançamento de «19 *projectos de prémio Aldonso Ortigão seguidos de poemas de Londres*» (ed. Quadrante). Em 1966 *«A cidade queimada»* dera lugar a uma simples leitura do poema.

Pode entretanto dizer-se que desde 1961 (*«Poesia 1944-1955»*, *«Planisfério e outros poemas»*) não nos oferecia o poeta uma amostra tão volumosa da sua produção como esta de agora. Nem tão importante: alguns dos *«Poemas de Londres»* recuperam aquela voz inesquecível dos anos cinquenta que parecia, a mais que um crítico, ter cedido o passo à aventura pictórica.

Leitura de férias

«Agosto é o mês das feiras, das vilegiaturas e dos círios. Lisboa está deserta como nunca, e nenhuma coisa de interesse bole à flor da pacata sonolência dos seus bairros. Nas terreolas de roda, os arraiais e festarolas de igreja chamam a embasbacação dos ociosos a ir admirar as procissões e foguetes de lágrimas, a deixar nas locandas alguns tostões que vivifiquem o comércio local, e algumas peripécias que entretenham a conversa das comadres. Entre as romarias nomeadas do povoléu da capital destaca a da Atalaia, num alto descoberto, a nascente de Aldeia Galega, da outra banda do Tejo. (...) Todo o dia largam vapores do Caes Sodré, levando forasteiros, através o Tejo para Aldeia Galega. Ao longo da estrada que abre na ermida, toldos de lona abrigam botequins e vendas de fruta e vinho, ruidosas de gargalhadas e descantes. (...) Na manhãzinha seguinte, debandada.. Na bracieira imensa da ermida, por ordem tradicional, vão-se ordenando as procissões. Chamadas:

— Oh Troles, avia-te!

— Oh Silva, raios te partam, malandro, que tão amigo és da murraça!

— Oh Penteado, vem pegar na santa, deixa a rapariga!»

FIALHO DE ALMEIDA,
«À esquina»

Cal(i)grafias

COLABORAR ALEGREMENTE

NO ÚLTIMO SUPLEMENTO *Literatura & Arte* do jornal *A Capital* (onde, aliás, logo na primeira página, aparece uma fotografia de Simone de Beauvoir tão rejuvenescida que até diríamos ser Claire Etcherelli), o escritor Mário Braga responde a um inquérito sobre crítica literária. Seguindo-se a Fernanda Botelho e a Luís Forjaz Trigueiros, as respostas de Mário Braga manifestam claramente a opção de *qualidade* sobre a de *quantidade* que a orientação daquele inquérito logo de início nos prometeu. Muita coisa temos na verdade aprendido sobre *a crítica* com as respostas destes senhores .. Objectivas, informadas... Diz Mário Braga: «*embora não seja especialista da matéria, estou suficientemente ao par dos novos caminhos críticos que se ensaiaram ou ensaiam lá fora*». E cita logo, para mostrar que é verdade, os nomes de Barthes, Picard e Ricardov. Ao vermos o nome do «velho» Picard aqui misturado, hesitámos entre o espanto e o sobressalto perante uma tal ignorância mascarada de erudição: sempre «fica bem» a Mário Braga mostrar-se «ao par»... Mas vejamos o que mais nos diz este escritor, se bem que quase exclusivamente através de citações de Camilo, Fialho, Alberto Ferreira, Afonso Botelho, etc.

— que depois de Fialho de Almeida e «mau grado o meio século decorrido» o quadro da nossa vida literária «quase se não alterou»;

— que há quem pretenda fazer uma crítica «ideológica que, nada tendo de doutrinária a maior parte das vezes, apenas serve para promover os companheiros de um mesmo grupo (de pressão quase sempre) que, a coberto de uma suposta identidade no campo das ideias, sòmente pretendem monopolizar o nosso estreito mercado literário e satisfazer pequenas vaidades pessoais»;

— que estes «arautos aclamam as obras remendadas dos amigos» e abafam sob silêncio «os livros dos independentes — quer sejam ou não seus correligionários, qualidade essa que agitam como uma bandeira ou um espantalho, nos cafés de Lisboa e também nalguns da província, para ludibriar os ingénuos»;

— que preferem «dar certa glória aos adversários na convicção de que estes, lavrando noutro campo literário, não lhes roubam a clientela»;

— este parágarfo é nosso e serve apenas para nos perguntarmos: o que é isto? que se passa de facto na cabeça destes «senhores independentes»? estarão eles a responder a um inquérito sobre os problemas da crítica ou a aproveitar-se da oportunidade e das colunas que lhes abriram para descarregar em público os seus ódios, os seus vícios e as suas frustrações? não saberão eles ao menos apedrejar de forma mais aberta e original? (há anos que andamos a ler as mesmas frases, carregadas das mesmas acusações), ainda não terão entendido que se vê logo o que é que querem? e o que na verdade se passa? Continuemos:

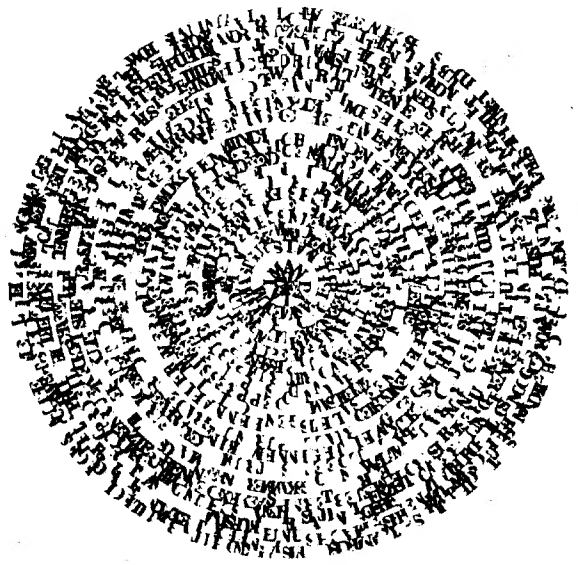
— «escrever-se, hoje, em Portugal, implica por vezes um risco grave, já que certa crítica, sem qualquer espécie de consideração pela obra alheia, não hesita em vexar com insultos pessoais e escandalosos erros de interpretação quem não navega nas mesmas águas estéticas ou não alinha nos mesmos interesses grupais»;

— outro parágrafo nosso, já agora. Quando temos que escrever em Portugal «implica por vezes um risco grave» ficámos momentâneamente de acordo. Mas foi uma ilusão breve. Logo verificámos que o «risco» a que se refere Mário Braga é o da falta de respeito pela obrazinha que certa crítica é capaz de praticar. E que crítica é esta? Ele nos diz: «a que não navega nas mesmas águas estéticas». Que raio será isto de «águas estéticas»? Mas deixemos a hidráulica e continuemos ainda:

— que certa crítica «não hesita em dar tareias literárias por procuração, em troca de um jantar ou de um elogio no jornal». Céus, que é isto, não será melhor parar? O que é que vai na cabeça desta gente? Devem na verdade ser uns infelizes, coitados, estorcendo-se de angústias pela noite dentro a pensar nestes problemas, perseguidos por estes fantasmas críticos. A vida inquieta e assustada que eles não terão... As perseguições e injúrias de que se não julgam alvos... Não será já isso castigo suficiente para os seus desvarios intelectuais? Valerá a penas continuar? Vale.

Vale porque o mais importante do depoimento de Mário Braga está afinal no seu *post-scriptum*. Nele o escritor refere algumas acusações de que foi alvo e tenta justificar-se. Que acusações? De quem? Não diz claramente. Insinua. Como aliás em todo o resto do seu depoimento. É uma revolta sem nomes. O seu discurso caracteriza-se por uma falsa e modesta impessoalidade. Nele abundam expressões como *diz-se, faz-se, pratica-se, bate-se, injuria-se, acusa-se, escreve-se, não se faz, não se diz, não se pratica*, etc. Quem, onde e como? Isso é omitido e, convenhamos, lá com a sua razão. Só que, através dessas omissões, o seu discurso não deixa de ficar claramente marcado pela ideologia que o suporta.

Mas a história é esta e vale a pena contá-la: Mário Braga foi à televisão e deu uma entrevista. Na tarde seguinte apanhou do Castrim e foi bem feito. Pelo Correia da Fonseca, na *Capital*, foi ele tratado, segundo nos diz, «muito cordialmente». Correia da Fonseca é «um crítico sereno e correcto, qualidades que infelizmente faltam por vezes a outros que, por malícia ou provincianismo se armam em si próprios em censores e árbitros das atitudes alheias.» Tudo isto, contràriamente ao Castrim, «que encarna exemplarmente todos os defeitos e vícios de que enferma certo



sector da crítica portuguesa dos nossos dias». Para Mário Braga, portanto, o problema põe-se em termos de cordialidade e correcção. Criticar sim, mas bem educadinhos, dialogando, dialogando. Tudo dentro das normas, tudo dentro do melhor comportamento. Desvios não, isso é para os «árbitros das atitudes alheias». A gente vai fazendo todas as malfeitorias que quisermos, mas vocês criticam sempre cordialmente. Caramba, nós somos os escritores e vocês são os críticos. E os críticos servem é para ajudar os escritores, sempre foi assim, porque é que hav a agora de ser diferente?

Bom, eu não estou aqui para defender o Castrim (que alguma gente acusa de ditador da crítica...). Raramente o leio porque raramente vejo televisão — aparelho doméstico que aliás nem quero possuir. E, das vezes em que o leio, poucas são as em que estou de acordo. Mas acusar o trabalho do Castrim com esta linguagem maldosa e a puxar à lágrima do leitor, e sobretudo acusá-lo em nome do bom comportamento, da cordialidade, etc., etc., ultrapassa de facto os limites do que um sujeito normal pode aguentar. O que quer o sr. Mário Braga é o sossego necessário para ir vendendo os seus livros, para poder continuar a ir à televisão dizer que sim senhor, que isto vai melhor, que no seu tempo é que era mau e, evidentemente, para a gente continuar a pensar que ele é um «escritor da esquerda». Pois não é e ainda bem.

Foi à televisão. Deixá-lo ir. Não precisávamos das suas justificações. Já lá foi muita gente que tem tido ao menos o decoro de não vir com tolas justificações. Muitos. Quer ver ao acaso: Virgílio Ferreira, Fernando Namora, Alexandre O'Neill, Fernanda Botelho, Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Rubem A., Sttau Monteiro, Bessa Luís, Herberto Helder, Cesariny, Ary dos Santos, Domingos Monteiro, Alberta Menéres, Artur Ramos, etc.

Poucos no entanto acharam necessário vir justificar-se deste modo:

«Uma vez, por um lado, que o escritor tem, acima de tudo, deveres para com o público, e, por outro certa crítica, colaborando mesmo nalguns casos com as forças que impedem uma livre expressão do pensamento e, noutros, abusando da incultura popular, tudo faz no sentido de isolar aquele da grande massa dos portugueses, quer pelo silêncio a que condena algumas obras, quer pela injustiça e parcialidade das opiniões (...) é dever do homem de letras consciente das suas responsabilidades contactar o mais directamente possível com aqueles para quem afinal escreve — os leitores. Não para lhes inculcar em escassos momentos toda uma mundividência — essa estará ou não nas suas obras —, sim para lhes dizer que existe, que está na vida para lhes dar alguma coisa, senão nem sequer valeria a pena escrever. Ora, sendo a televisão, mau grado todos os seus defeitos (a que aliás me referi na citada entrevista televisionada), quer queiramos, quer não, um poderosíssimo meio de comunicação, absurdo seria desprezá-lo. Pelo menos assim mo diz não só a mesma razão que sempre me norteou nas primeiras linhas da luta que alguns de nós travaram pela independência da cultura portuguesa».

O escritor precisa de contactar com os leitores... Pois que escreva...

*

Do livro de João Martins Pereira, *Pensar Portugal Hoje*, Pub. D. Quixote, Lisboa, 1971:

— *Ao esboçar uma teoria do moderno Estado burguês, Poulantzas propõe a distinção entre o aparelho de Estado pròpriamente dito, no sentido clássico, a que chama «o aparelho repressivo», e os «aparelhos ideológicos», ou seja, as instituições através das quais é vinculada a ideologia dominante. Embora possam ser de propriedade privada, e possuam em geral uma maior autonomia que os diversos sectores do aparelho «repressivo», estas instituições deveriam, pela sua função, ser consideradas como fazendo parte do Estado na medida em que contribuem para manter a «coesão de uma dada formação social» e para «reproduzir as condições de produção de um sistema social através de uma dominação de classe». (págs. 143-144);*

— *pouco dados, porém, a finuras sociológicas (os ideólogos da classe dominante), bem treinados nas técnicas da* contrôle *censorial, viram na televisão sobretudo um meio mais poderoso que outro qualquer para estender até às massas, sem mediações, a sua acção «formativa» (...) (pág. 150);*

— *não sendo um organismo do Estado, nem uma empresa pública, a fórmula adoptada significa, de qualquer modo, uma integração de facto nas estruturas estatais (pág. 150);*

— *uma das novidades da liberalização na televisão «estava em abrir as portas (...) a pessoas, umas «notáveis», outras desconhecidas, que aí vinham contar a sua vida ou os seus problemas, em conversa amena, aqui e ali salpicada de crítica mas também amena, tudo misturado com música, humor, boa disposição, etc. (pág. 159);*

— *para um público tão vasto como o da televisão pensa-se que já é suficiente transmitir a noção de que se deu um passo para fora do estúdio, de que certos assuntos já podem ser abordados e discutidos com conta, peso e medida, e que isto é um primeiro indício da tal «participação» de que tanto se fala (pág. 160);*

*

E creio que com isto o assunto fica esclarecido. Não, isoladamente, o de Mário Braga. O seu caso é apenas um exemplo e decerto dos menos significativos. O que importa de facto é equacionar criticamente a atitude daqueles que, a pretexto do contacto directo com o público, da comunicação, etc. acabam por colaborar com as estruturas que toda a vida afirmaram combater. Colaborar e fascinados, alegremente, defendendo ruidosamente a nova posição contra os que afinal apenas lhes dirigem as suas próprias palavras de «ontem». Não, evidentemente, com cordialidade, mas com a objectividade e irreverência que eles hoje justificam.

NELSON DE MATOS

CURSOS

DACTILOGRAFIA
ESTENOGRAFIA
MECANOGRAFIA

● Grátis, manual completo do curso
● Condições especiais para estudantes

IGRECI
Av. Defensores de Chaves, 60-3.º, Dt.º
Telef. 77 65 77 Lisboa

PARA PUBLICIDADE
DE PLÁSTICO
DE METAL
LETRAS E LETREIROS
DE ESPETAR, COLAR OU ENCAIXAR
DESDE $30
R. Sto. António da Sé, 1
GRAVARTE LISBOA-2

ELECTRODOMÉSTICOS INDESITE

Aproveite a nossa campanha de preços, com facilidades e os nossos prémios.

CASA MAX

2-C — Av. Praia da Vitória — 2-F
193-A — R. D. Estefânia — 193-D

CASA MAX e DARDO

Mais um estabelecimento desta organização

Sir Walter Scott

Cont. da pág. central

poesia muito mais profunda de Wordsworth, Shelley ou Keats.

Se Scott tivesse morrido antes de 1814, teria sido hoje lembrado como um interessante poeta menor e um dos maiores cultivadores de antiguidades escocesas. Nesse ano, porém, perturbado por uma quebra na sua própria poesia, e pelo palpite de que Byron, dentro em pouco, o ultrapassaria na estima popular, Scott completou uma história que pusera de lado, como fragmento, anos antes, e publicou-a sob o título de «*Waverley, ou Há Sessenta Anos*». Ao passo que se nos torna impossível, hoje, partilhar da opinião de Goethe de que *Waverley* é um grande romance, contudo não há dúvidas de que o seu aparecimento marca uma das viragens na história do romance, como forma literária.

A estrutura do livro é simples, para não dizer destituída de arte. O herói viaja pelo interior da Escócia e ouve falar sobre «as maneiras e o estado da sociedade que predominavam... na primeira parte do século passado». A medida que Waverley prossegue a sua viagem por conta do leitor, todas as coisas se lhe tornam fáceis: mal nos surpreendemos quando o famoso ladrão Evan Dhu o convida a estudar em primeira mão os métodos dos seus ladrões de gado. Quando Waverley regressa ás Terras Baixas, no decurso posterior da acção, teve a mesma sorte: encontra-se envolvido nos acontecimentos de «45», é apresentado ao Pretendente e assistente á Batalha de Preston.

Na série extraordinária de livros que se seguiram a *Waverley*, o leitor transforma-se num turista através da história, viajando agora por um período e depois por outro, mas sempre permanecendo na Escócia, e geralmente no século XVIII, nos suas melhores obras. *Guy Mannering* (1815) é um livro melhor do que *Waverley*, quer porque possui uma melhor estrutura, quer porque, em Meg Merrilees, surge o primeiro dos grandes personagens de Scott.

O Antiquário (1816) foi a obra favorita de Scott. É um livro predominantemente cómico, e contém outro esplêndido personagem da baixa vida, Edie Ochiltree, o mendigo vagabundo e repetidor de novidades e boatos. O prefácio desta obra revela quão consciente Scott era quanto aos seus dotes e á natureza da sua popularidade. Ele frisa que encontrou os seus principais personagens, «na classe da sociedade que é a ultima a sofrer a influência daquele polimento geral que assimila reciprocamente as maneiras de nações diferentes... quer porque as classes mais baixas são menos afectadas pelo hábito de suprimir os seus sentimentos quer porque concordo com o meu amigo Wordsworth que elas raras vezes deixam de se exprimir em linguagem mais forte e mais vigorosa». Os heróis e as heroínas de Scott são, geralmente, personagens descoloridas das classes superiores que falam um «inglês-padrão» algo elevado, ao passo que a vida que os seus livros transmitem se encontra no idioma vernáculo do povo da Escócia, devidamente romantizado. Em «A Alma de Mid-Lothian» (*The Heart of Mid-Lothian*), de 1818, inspirado numa história que lhe foi enviada por uma carta recebida, Scott teve a coragem de tomar por protagonista uma rapariga rude — e o resultado foi ser este o seu melhor livro. A história descreve as aventuras de Jeanie Deans na sua viagem a Londres para salvar a vida de sua irmã, que fora condenada á morte. Para atingir o seu objectivo, Jeanie tudo fará — excepto comprometer-se com a sua rigorosa consciência. A cena em que ela argumenta com a rainha para salvar a vida de sua irmã tem a ressonância dos grandes discursos das obras de Shakespeare e de Tolstoi.

Torna-se algo paradoxal que um homem que não «levou a arte do romance» muito a sério — tal como se pode verificar nos últimos romances da série *Waverley*, alguns dos quais mal saem de obras de segunda plana — tivesse exercido influência tão profunda no desenvolvimento subsequente da ficção em prosa. Contudo, este facto é incontestável e não constitui surpresa encontrar Scott a ocupar a posição central no célebre estudo de Georg Lukacs, «O Romance Histórico», publicado em 1955. Entre os «filhos» de Scott contam-se Victor Hugo, Balzac, Stendhal, Manzoni, Pushkin, Fenimore Cooper e uma multidão de outros grandes romancistas.

Muitos deles foram escritores maiores do que o próprio Scott, mas nunca teriam escrito as suas obras como o fizeram se Scott não tivesse existido. Outro paradoxo reside no facto de que este escritor, que era o mais conservador dos homens, tivesse contribuído tanto para alterar a atitude das gerações futuras em relação á história humana e aos problemas da vida em sociedade, que ocupam hoje o espírito de tantos pensadores em todo o mundo.

Artes visuais

Cont da pág. 8

cias para o campo da representação. Aqui se imagina, naturalmente, um modo de fazer que decorre da própria exigência de refazer a visão a cada instante. Quando Marcel Duchamp atacou a construção habitual da obra de arte, e bem assim toda uma sociedade, traçando como itinerário a apropriação pura e simples do objecto comum, estava propondo uma visão nova destes problemas, uma visão nova em si mesma, provocatória anarquista, irónica e destruidora de fórmulas, através da qual os conceitos de *fazer* e de *organizar* se alteravam substancialmente.

Repetimo-nos deliberadamente: (9) a visão do artista altera-se com os materiais disponíveis, com as técnicas, com a sua posição no mundo e a riqueza da sua experiência humana, mas a trajectória da sua vida através da realidade é sempre reconhecível nos objectos que produz. De uma espécie de terror cósmico pode chegar-se à ironia e à negação desesperada. Basicamente, a interrogação é a mesma e o objecto desta urgência existencial permanece no horizonte humano de um modo fatalmente cintilante e incómodo.

ROCHA DE SOUSA

(6) «Arte e Percepção Visual».
(7) «As palavras e as Coisas».
(8) «Arte e Técnica», de Pierre Francastel.
(9) Artigo publicado no «Diário de Lisboa».

Os cristãos-novos e a Inquisição

Cont. da pág. 2

conheciam todos os casos, despachados no seu tribunal, em que se invocavam cerimónias heréticas nos cárceres, porque o Regimento introduziu a regra seguinte: o Notário que escrevia o auto de ratificação não podia ser considerado como «honesta e religiosa pessoa.»

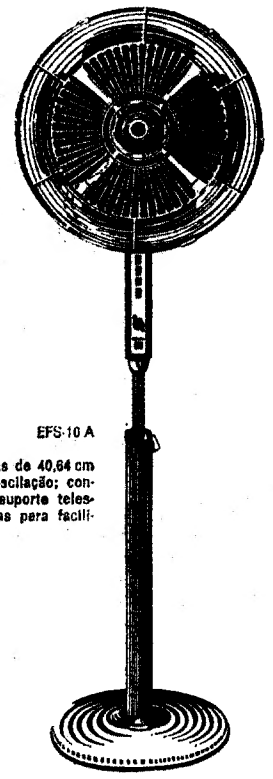
O Sr. A. J. Saraiva não teve a curiosidade de indagar em que anos e em que tribunais foi notário Pedro Lupina Freire. Acontece que este sujeito *foi notário da Inquisição de Lisboa entre 1648 e 1655*, e participou, seja como redactor dos autos, seja como «honesta e religiosa pessoa», no «assassínio legal» de Manuel Fernandes Vilareal (julgado de 1649 a 1652) e de Francisco Gomes Henriques (julgado de 1651 a 1654) Disse o nosso pseudo-historiador que P. Lupina Freire «certamente não teria deixado de explorar» nas *Notícias Recônditas* o «dispositivo de assassínio legal» dos presos, se não tivesse escapado à sua argúcia a existência do tal dispositivo. Vejamos, todavia, o que o mesmo Lupina Freire escreveu na *Fé de crédito* da ultima confissão de Manuel Fernandes Vilareal, confissão realizada «no cadafalso público» do auto-de-fé do dia 1 de Dezembro de 1652: «e a mim, Notário me pareceu que ele, no que diz de seu judaismo, me parece que fala verdade, porém que no mais o tenho por de pouco crédito, que trata sòmente de buscar meios para viver. Em Lisboa, no auto-de-fé, ao primeiro de Dezembro de 1652» (assinado:) «Pedro de Castilho» (ou seja, o Inquisidor), «P. Lupina Freyre.»

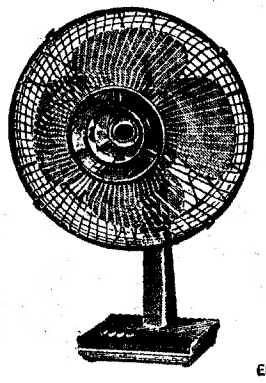
(Continua)

VENTOINHAS Toshiba

TOSHIBA VALE POR 4

Ventoinhas de tecto, de secretária, de chão e de automóvel
UMA LINHA COMPLETA





EFS-10 A

4 botões de controlo e 4 pás de 40,64 cm desmontáveis, e de dupla oscilação; controlo de oscilação frontal, suporte telescópico. Montada sobre rodas para facilidade de deslocação.

ES-47 C

Ventoinha de mesa, 4 pás de 40,64 cm, de estilo elegante. Um trabalhar fácil e silencioso. 4 Teclas de controlo e pás desmontáveis. Pode também ser utilizada como ventoinha de parede.

Ambiente TOSHIBA

Toshiba QUALIDADE DESDE 1875 VENTOINHAS

A venda em todos os bons estabelecimentos e nos Agentes Toshiba

hifen

um êxito de verão para sucesso todo o ano!

Polargel

as famosas máquinas italianas são o melhor apoio para o seu negócio

DIVERSOS MODELOS DISPONÍVEIS
assistência técnica garantida

INFORMAÇÕES: diese
Av. da República, 46 Lisboa 1

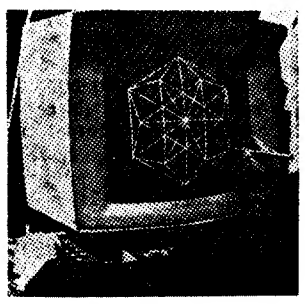
RECOMENDAMOS CREME GLACE Bévita INDUSTRIAL

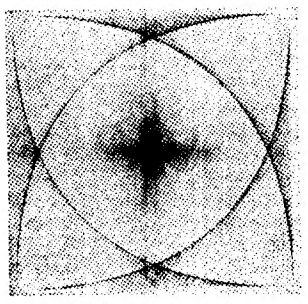
Bévita é o preferido só com Creme Glace-Bévita obtém deliciosos semi-frios.

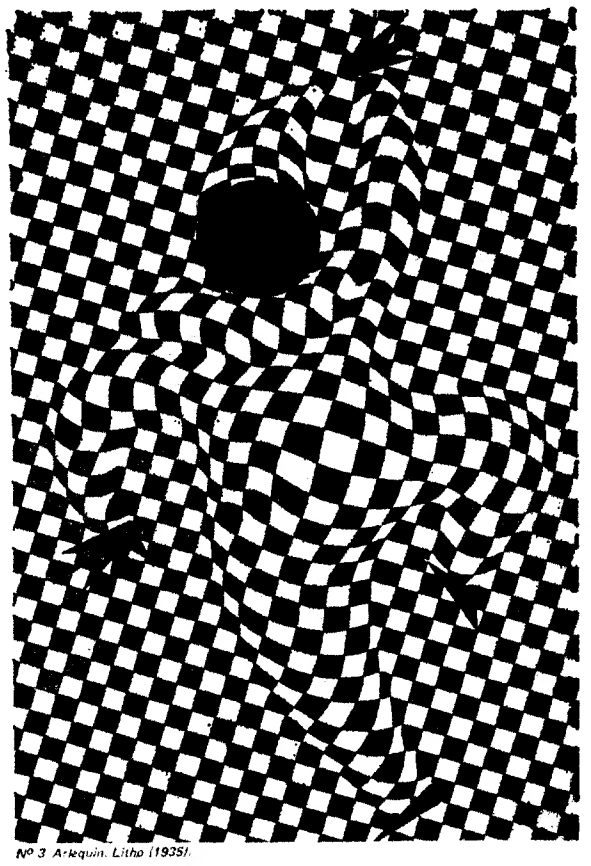
MOBILIDADE VISUAL, APARÊNCIA E REPRESENTAÇÃO (2)

Por ROCHA DE SOUSA

A PENETRAÇÃO da natureza e significado das aparências depende, em maior ou menor grau, das condições em que se realiza. A orientação de uma forma no espaço, por exemplo, só é por nós percebida em função de outras formas existentes no meio ou de acordo com o entendimento da nossa posição física. As figuras a que mudamos a colocação e orientação no espaço passam a envolver uma nova forma e portanto um outro significado. Um triângulo isósceles com o vértice voltado para cima opõe-se, no seu significado, a um triângulo isósceles com vértice para baixo, e é nesse sentido que a figura original muda de forma. Uma sequência cinematográfica, projectada na sua correcta articulação temporal, altera-se ao nível do significado das imagens quando passada em sentido inverso, do fim para o princípio. Uma por uma, as imagens são as mesmas e são perfeitamente coincidentes com a realidade representada, mas a destruição do seu movimento lógico altera-lhes o significado. Os meios utilizados para abordar a realidade e para dela nos apropriarmos podem alterar e enriquecer consideràvelmente a percepção. O real muda portanto em função do método de apropriação das aparências, desdobrando-se, nos termos da representação, em formas mais abertas que justificam a importância da mobilidade visual. Com esta mobilidade, desde o plano sensorial ao da razão, se relacionam efectivamente as técnicas de representação, mesmo tendo em conta a diversidade dos procedimentos e as respectivas consequências. Na verdade, e por tudo o que já se expôs, essas técnicas reinventam muitas vezes a imagem estimulante mesmo quando não alteram os aspectos locais da forma que lhe corresponde.







Nº 3 Arlequin. Litho (1935).

A PENETRAÇÃO da natureza e significado das aparências também se determina em função da posição *geográfica* e das condições psicológicas do observador num dado momento. Não é apenas a imagem que impressiona o olho que determina o aspecto de uma forma real. Reconhecemos perfeitamente uma laranja, de um certo ponto de observação, apesar de não podermos ver cerca de metade do seu todo. Essa parte oculta participa efectivamente no acto perceptivo, porque o conhecimento e a observação estão na verdade intimamente ligados. «Há várias concepções nas artes sobre o que constitui a forma visível dos objectos. Na orientação criada pelo Renascimento, a forma de um objecto dependia do que se via de um ponto de vista fixo; os egípcios, os índios norte-americanos e os cubistas não tiveram essa restrição em conta; as crianças desenham por vezes os filhos no ventre das mães; os bosquímanos, os órgãos e os intestinos do cangurú; e o escultor Henry Moore modela uma cabeça humana como um elmo vazio cujo interior, visível, é tão importante como a parte exterior». (6)

A forma como um artista se insere num tempo e se apropria das coisas e da memória tem uma importância fundamental para o enriquecimento da sua visão, reflectindo-se naturalmente na obra. Picasso disse a Juan Gris: «A qualidade de um artista depende da quantidade de passado que ele traz dentro de si».

DESMONTAGEM E REDESCOBERTA DO REAL

O CONCEITO de mobilidade aqui aplicado à visão pressupõe, para além de relações de ordem física, uma relação de natureza crítica: os olhos percorrem o campo do visível como uma câmara de filmar e a visão selecciona, classifica, organiza e julga as imagens como o realizador na mesa de montagem.

A sombra de um rectângulo que se move no espaço adquire diferentes formas que não se ajustam ao conceito visual de rectângulo. Se nos movemos em torno de um rectângulo de cartão suspenso livremente numa sala, as sucessivas imagens que recolhemos podem ser paralelas à experiência da sombra, mas não deixamos por isso de realizar a percepção da forma original. Isto quer dizer que, apesar de haver sempre uma projecção que corresponde mais objectivamente ao conceito de rectângulo a nossa consciência das propriedades dessa forma permite que nos situemos criticamente perante os seus diferentes estados de aparência. De facto, quanto maior for a nossa mobilidade (reconhecidas aqui todas as suas extensões) tanto mais completa será a nossa experiência e mais rica a nossa percepção. A análise do quadro «As Meninas», proposta por Foucault, projecta uma luz exemplarmente esclarecedora sobre a experiência visual e a problemática da representação, mostrando como os sucessivos planos da pintura (e o seu significado) se desvendam ao conhecimento pelo contributo de uma mobilidade crítica metòdicamente accionada a partir das formas plásticas e do que elas representam. (7)

É evidente que a um maior conjunto de informações sobre um determinado objecto deverá corresponder, em princípio, uma leitura mais completa desse mesmo objecto. A mobilidade crítica que essa leitura pressupõe conduz à penetração do objecto, não apenas a partir de posições *geográficas*, mas de um número ilimitado de posições possíveis, incluindo dados de ordem afectiva, social, cultural, etc. Devemos poder concluir que a própria imaginação é irrigada e enriquecida por uma experiência densa e uma informação correspondente, pelo que a aventura poética do artista se acerta muitas vezes com o itinerário de um verdadeiro processo de investigação. A forma de conhecimento que essa aventura desencadeia traduz, no entanto, a especificidade da respectiva experiência e nesta se reconhece a concentração de milhares de acontecimentos significativos, de milhares de vozes e apropriações, trajectórias da memória e do próprio sonho.

No filme «Blow-Up», de Antonioni, a personagem principal assume em dada altura uma atitude crítica perante um certo conjunto de aparências. O fotógrafo é simultâneamente o investigador e o poeta, vivendo a necessidade de penetrar o sentido do real, duvidando o sistema das aparências e procurando, segundo os seus meios de acção, uma nova ordem para ele. Por ampliação sistemática, numa truncagem deliberada onde a intuição se associa ao raciocínio, o fotógrafo desenvolve um longo processo de reelaboração das primeiras imagens que recolhera no parque. Mais do que aprofundamento técnico, a sua atitude transforma-se num aprofundamento poético, isto é, num aprofundamento global. De metamorfose em metamorfose, ele chega a um mais íntimo conhecimento sobre certos dados que lhe tinham escapado no conjunto das aparências e a sua visão altera-se, tomando um novo rumo. Desmonta e reelabora portanto essas aparências até à sua imagem mais absurda, a qual se identifica, por assim dizer, com a realidade *inventada* pelo pintor (também personagem do filme, agindo na pintura do quadro para o real). Em última análise, o fotógrafo verifica que não registara uma cena de amor, mas uma cena de crime. As fotografias desvendaram por sucessivas *simplificações* (de certo modo como no processo visual), um novo significado para uma realidade nova.

Artes Visuais

«Blow-up»: uma relação de natureza crítica

«Blow-up»: uma atitude crítica perante as aparências

CRIAÇÃO E TÉCNICA

AO PROBLEMA da mobilidade visual (e portanto da mobilidade de acção) não é alheio o problema dos materiais e dos instrumentos. Os materiais têm a sua natureza própria, uma vocação plástica característica, impõem normas de tratamento que não podem ser totalmente traídas sem que a obra sofra grave mutilação no seu tempo de sobrevivência e na qualidade do seu funcionamento. O que se afirmou em relação à mudança de orientação das figuras (que implicava em grande medida a mudança do seu significado) pode aplicar-se ao tratamento das matérias e ao efeito da utilização de certos instrumentos. Uma tinta plana, por exemplo, tem uma qualidade expressiva (e um significado) diferente de uma tinta onde se acusa a acção do toque, o gesto prolongado ao instrumento e à matéria. O respeito pelas coordenadas físicas do acto de fazer e pelas potencialidades dos materiais utilizados, conforme os processos, tem uma importância fundamental para o trabalho do artista: as resistências aí experimentadas fomentam no fundo a indagação criadora. Porque, ao fazer-se, a obra *explica-se*. As ideias passam assim de um plano abstracto para o domínio de uma existência concreta, aí se realizam e se corporizam. «Não existe realidade senão em relação a capacidades positivas de acção». (8)

Há que reconhecer entretanto que os próprios materiais, pelo seu conteúdo expressivo potencial, suscitam muitas vezes um determinado manuseamento, abrindo perspectivas insuspeitadas à dilatação do processo visual, quer no confronto do homem com a realidade, quer na descoberta de novos meios de discurso. De resto, a mobilidade visual corresponde-se com a mobilidade inventiva, identifica-se com ela e com a dinâmica das acções. O artista de hoje não se baseia apenas numa técnica herdada dos seus antepassados: ele é o criador da sua própria técnica e assume por vezes um destino deseperadamente individual. Assim como desloca constantemente o seu horizonte óptico para melhor entender o mundo (isto é: para melhor o revelar e transformar), assim se empenha numa oficina dinâmica, na qual são admitidos, cada vez com maior insistência, novos materiais e novas técnicas, gerando novas formas de conhecimento e portanto um maior domínio do que se vê, do que se experimenta, do que se descobre e do que se afirma. Este facto não corresponde apenas a um sinal dos tempos: corresponde sobretudo (é talvez importante dizê-lo) a um enriquecimento da consciência crítica.

Esta é também, em última análise, uma perspectiva dinâmica da visão, através da qual a obra de arte teria de reflectir o mundo de acordo com uma apropriação plural das aparên-

Cont. na pág. 7